This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

$B 119 364

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

1.041.500-69

Digitized by Google

Digitized by Google

Frederico d'Almeida
ENCADERNADOR
Lisboa — Rua Antonio Maria Cardoso, 31 — (Ao Chiado)

Digitized by Google

b.le a.z/64
Q/11

Digitized by Google

POISSY. — TYPOGRAPHIA DE A. BOURET.

Digitized by Google

Digitized by Google

Nuno

LUIS DE CAMÕES

Viva, viva!!!!

Digitized by Google

OS LUSIADAS

POEMA EPICO

DE LUIS DE CAMÕES

NOVA EDIÇÃO

CONFORME Á DE 1817, IN-4°,

DE DOM JOSÉ MARIA DE SOUZA-BOTELHO

MORGADO DE MATTEUS

CORRECTA E DADA Á LUZ

POR PAULINO DE SOUZA

BACHAREL EM SCIENCIAS

PARIS

EM CASA DE Va J.-P. AILLAUD, GUILLARD E Ca

47, RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

1865

Digitized by Google

LOAN STACK

Digitized by Google

PQ 119
A2
1865

AO LEITOR PORTUGUEZ

Os Lusiadas são um monumento perpetuo da nossa antiga fama, e o testemunho perenne dos gloriosos dias de Portugal.

O amor da Patria, sentimento tão vivace entre nós, torna-nos este Poema tão precioso quanto o foi para os Gregos a Iliada. Se n'esta cantou o primeiro Epico os tempos heroicos da Grecia, tambem nos Lusiadas são celebrados e cantados os insignes feitos, as victorias, e os memoraveis trabalhos de nossos antepassados. Assim cada Portuguez, que ama realmente a sua Patria, deve um tributo de reconhecimento, e de admiração ao Poeta, a cujo genio devemos o conservarem-se estas preciosas memorias, que hão de apregoar ás porvindouras éras os feitos preclaros, e as heroicas acções dos Portuguezes.

748

Digitized by Google

Cada familia nobre acha alí o seu nome, e a narração dos serviços meritorios que seus avós prestárão á Patria, e deve justamente ufanar-se de se ver inscripta nestes archivos do heroismo. Cada cidade é ali memorada, e os naturaes dotes da Nação vem encomiados com o mais sincero enthusiasmo. O heroismo dos Portuguezes, a sua rara magnanimidade nas empresas arduas, e a sua constante dedicação a seus principes, são tambem com um justo tributo de admiração celebradas pelo nosso Poeta.

Como os Gregos, e os Romanos, tem por tanto os Portuguezes no nosso Camões o seu Homero, o seu Virgilio, ao qual devem o ir-se perpetuando a sua illustre fama.

Haverá acaso entre nós algum coração tão frio, que não palpite mais rapido, ao ver em tão sublimes versos a grata memoria da nossa gloria passada? Haverá algum Portuguez que não sinta pelo nosso Poeta um intimo e vivo enthusiasmo?

Digitized by Google

PROLOGO

Tanto se tem escripto sobre o nosso immortal Cantor, que superfluo fôra occupar-nos de um assumpto já tantas vezes superiormente desenvolvido pelas mais insignes e autorizadas pennas. Limitar-nos-hemos, pois, a uma succinta enumeração dos melhoramentos por que se recommenda esta nossa edição, e pelos quaes, esperâmos, se fará ella digna do apreço das pessoas competentes, e dos suffragios do Publico.

Escolhêmos por typo a muito rara e estimada edição de Dom José Maria de Souza Botelho, Morgado de Matteus, por ser ésta no conceito geral a mais correcta e exacta. O exemplar de que nos servimos foi o da Bibliotheca Imperial de Paris.

A pezar, porém, do nosso respeito por uma obra tão conscienciosa, não lhe adoptámos cegamente

Digitized by Google

odas as lições, e, valendo-nos de esclarecidos criterios, fizemos quanto em nós estava, para que sahisse a presente edição, se não perfeita, ao menos isenta de algumas pequenas imperfeições do modelo.

A orthographia, e a ponctuação forão em geral religiosamente conservadas, salvo em alguns poucos lugares, em que, na edição typo era evidente o erro, ou em outros, onde vem escripto systematicamente *Latia*, *Clytie*, *Curtio*, *Martio*, etc., em vez de Lacia, Clycie, Curcio, Marcio; orthographia que não repugna á etymologia, e representa exactamente a verdadeira pronuncia d'estas palavras.

Por nos ter parecido, ás vezes, demasiado sobria a pontuação do nosso modelo, com quanto, em geral, seja ella muito logica, sufficiente e acertada, não hesitámos em fazer-lhe algumas poucas mas leves alterações, a beneficio da clareza e boa intelligencia do texto.

O Poema foi lido, e cuidadosamente corrigido seis vezes; se ainda apparecerem alguns erros typographicos, é porque a perfeição não é um attributo das cousas humanas.

Uma das não pequenas vantagens d'esta edição, é o irem n'ella corrigidos os erros, que se achão em muitas outras que até aqui se tem publicado, e onde systematicamente, ou por descuido, se repetem os mesmos defeitos. Tambem vai limpa das

Digitized by Google

alterações sacrilegas com que manchárão o Poema, alguns editores, e litteratos incompetentes; os quaes, uns e outros, pouco versados na leitura dos nossos Classicos, e reputando errado o que nunca o foi, trocárão ou modernizárão, ás vezes com grave prejuizo do verso, algumas palavras, as quaes, assim alteradas, perdêrão já a sua energia, já a sua delicada expressão; mas todos esses vocabulos vão restituidos á sua primitiva fórma como se achão na edição *Princeps* de 1572, dada por Camões, impressa debaixo dos seus olhos, e por cujo texto forão escrupulosamente corrigidas as provas da edição do Morgado de Matteus.

Facilitámos por meio de accentos a leitura de algumas palavras, onde a falta d'elles deixava o sentido equivoco; abstivemo-nos, porém, de assim proceder quando, por licença poetica, rimão consoantes de vogaes abertas com outros em que ellas são fechadas.

Além dos argumentos em prosa, leva esta edição os argumentos em oitavas de João Franco Barreto, se bem tenhão sido excluidos pelo Morgado de Matteus que julgou não dever admittir a introducção de uma composição estranha, e a seu ver imperfeita, por causa da concisão forçada d'ella, em uma obra de tanto valor, e de um autor preeminente. Tal não é a nossa opinião : as oitavas de

Digitized by Google

J. F. Barreto podem, mais que os argumentos em prosa, ajudar a memoria a reter facilmente os factos principaes de cada canto, e sob este ponto de vista, não deixão de ter sua utilidade.

O Indice dos Nomes Proprios foi cuidadosamente corrigido, consideravelmente augmentado com novos nomes, e mais desenvolvido em alguns dos antigos; e, quando póde ser, estabelecêmos a connexão entre a geographia antiga e a moderna, a fim de facilitar as pesquizas áquelles que desejarem informações mais circumstanciadas de geographia physica, ou politica, sobre algumas cidades, povos, rios etc., que não conservárão o nome antigo.

O retrato com que vai ornada esta edição é talvez o unico que representa a verdadeira physionomia, e as nobres feições do Poeta-Guerreiro; aquelle que se conhece geralmente foi delineado por Gerard, e quasi nada tem do typo portuguez: o que será facil verificar por uma simples comparação.

Trabalhámos sem poupar-nos, e quanto julgámos preciso para que ésta nossa edição se apresentasse limpa de erros, e sem as imperfeições que se notavão em muitas das que vierão á luz anteriormente.

Nos casos difficeis, ou duvidosos, recorrêmos ás luzes de pessoas de muitas lettras, e bastante au-

Digitized by Google

torizadas na materia; e ajudado de seus conselhos esforçamo-nos por desempenhar consciencio-samente a missão que nos foi confiada, a fim de justificarmos quanto dependia de nós, e segundo as nossas minguadas forças, a confiança que merecêmos aos Sñrs. Editores Vª. J. P. Aillaud, Guillard e Cª.

PAULINO DE SOUZA.

Paris, Outubro de 1865

Digitized by Google

Digitized by Google

AVISO

DA EDIÇÃO DE 1818.

—

O discurso preliminar, e a vida de Luis de Camões, são extrahidos das edições das obras deste insigne Poeta, recentemente publicadas em Lisboa pelo senhor Thomas José de Aquino.

As estancias que servem de declarar o argumento de cada hum dos dez cantos do poema, são de João Franco Barreto, philologo notavel do XVII seculo, author tambem do index dos nomes proprios, ajuntado no fim da obra, no qual acha-se copiosa noticia da mythologia e historia que o poeta toca.

Em quanto ao texto do poema, temos seguido a famosa edição de Manoel de Faria e Sousa.

Digitized by Google

Para que de huma vez cesse toda a duvida, e tiremos toda a desconfiança, que possa haver sobre a certeza e legitimidade do texto que nos deo nos seus exemplares este incomparavel commentador (que, mais do que outro algum, foi quem, não só nos patenteou as bellezas poeticas de Luis de Camões, mas nos dispoz e illustrou para o seu conhecimento), daremos aqui aos nossos leitores a noticia que achámos em documentos veridicos. No anno de 1569, voltando da India, chegou Luis de Camões a Lisboa, e logo no de 1572 imprimio a sua Lusiada (1); e, ou fosse por culpa de impressores ignorantes, ou por malicia de emulos do Poeta, sahio esta primeira edição com muitos erros, que em partes alteravão e desfiguravão consideravelmente o sentido e contexto do mesmo poema. Achando-se Luis de Camões neste desgosto, e vendo-se nesta consternação, fez logo no mesmo anno de 1572 se-

(1) *Os Lusiadas* é o titulo que Luis de Camões deo a seu Poema; *A Lusiada* é o que tem sido algumas vezes adoptado. (*Nota dos editores.*)

Digitized by Google

gunda edição, á qual assistio com toda a vigilancia e cuidado, emendando nella todos os erros e defeitos da primeira. Esta segunda edição he a seguida por Manoel de Faria e Sousa; e esta a seguida pontualmente tambem por nós no mesmo Faria, nesta nossa edição. E se he licito altera-la, ou com as conjecturas de outros editores, ou com as lições varias de manuscriptos, julguem-no os judiciosos. O mesmo Faria e Sousa teve suas conjecturas, teve seus manuscriptos, e teve suas lições varias; mas como prudente, e judicioso, e como quem sabia tratar estas cousas, tendo por atrevimento alterar o texto que o mesmo Poeta havia emendado e impresso, reservou tudo para o fim do poema, onde separadamente o deo aos seus leitores. Isto mesmo he o que atéqui temos visto praticado pelos editores mais sabios, tanto com os poetas latinos, como com os vulgares das outras nações.

Digitized by Google

Digitized by Google

DISCURSO PRELIMINAR

APOLOGETICO E CRITICO

Luis de Camões, o primeiro que, nas Hespanhas, abrio caminho á poesia epica, chegou por elle onde, ainda fazendo os ultimos esforços, não puderam chegar os que despois se lhe seguiram. Na grandeza, gravidade, e harmonia das palavras, na traça, e discurso da obra, na alteza do sogeito, seguio em tudo as pisadas de Virgilio; e nas ficções allegoricas mostrou tão admiravel engenho, que quasi se igualou a Homero.

Antes de Luis de Camões, ninguem havia achado em portuguez belleza alguma, ou elegançia poetica. Elle foi o primeiro que reconhecendo nos escriptores gregos, e latinos, o ornamento de dizer, e a gala da locução; e ponderando quanto deve ser engenhosa a invenção poetica, e quão prudente a disposição; quanta variedade de côres deva haver na phrase, e de quanta ficção deva ser adornado

Digitized by Google

hum poema; de quanto e quão varia doutrina semeado; tentou com feliz auspicio passar tudo isto á nossa lingua, e o conseguio. E na verdade, que quem attentamente reparar na propriedade com que o nosso Poeta se accommoda, e transforma no caracter daquellas pessoas que introduz a fallar, pasmará. He notavel a magestade, e o respeito que respiram as palavras de Jupiter no Concilio do canto I. A cólera com que descreve a Marte alli mesmo. A ternura e melindres com que pinta a Venus lastimada, diante de Jupiter, no canto II, pedindo-lhe soccorro e favor para os navegantes. Nos cantos III, IV, e VIII o ardor, bravosidade, e destimideza nas acções e façanhas militares de tantos capitães famosos; e outra vez no canto III a belleza, e a innocencia de D. Ignez de Castro exposta á tyrannia, e á crueldade, que lhe deo a morte. No canto IV são notaveis as despedidas na praia de Belém; e não se achará coração humano, por mais obstinado que seja na dureza, e na impiedade, que lendo estas duas passagens se não enterneça, e mova a lagrimas. Parece impossivel, que o mesmo espirito que descreveo a colera de hum D. Nuno Alvares Pereira, e o sanguinolento daquella batalha no canto IV; o desafio dos doze de Inglaterra no canto VI, e no mesmo o furioso daquella tormenta, pudesse transformar-se nas ternuras que contém todo o canto IX;

Digitized by Google

e principalmente no amoroso Leonardo, para dizer á sua Nympha as altas, suaves, e finas expressões, que alli se lem. No canto X, até á estancia 72, he notavel o furor bellico, de que este espirito outra vez se reveste, para pintar, e descrever o valor, façanhas, e as proezas de tantos heroes portuguezes na Asia. O mesmo estrondo das armas parece que está entrando pelos ouvidos, e que com os olhos estão vendo os ares toldados com o pó, e com o fumo: em humas partes se está representando que discorre o furor, e em outras que corre o mesmo sangue.

Não obstante, porém, toda esta serie de bellezas poeticas, e mais preceitos da poesia epica com exacção observados, não faltaram em todos os tempos, assim dentro, como fóra do Reino, Zoilos ladradores, que pertendessem escurecer, e denegrir a bem merecida fama de Luis de Camões. Mas deixados por agora os de casa, a que pennas mais eruditasfizeram já emmudecer, sómente diremos alguma cousa sobre o que contra o nosso poeta escreveo na França o famoso Voltaire (1). O zelo nos faz pugnar pela

(1) Quando Voltaire estava em Inglaterra, antes de dar á luz a sua Henriade, publicou hum ensaio sobre a poesia epica das nações européas. Neste louvou summamente, e criticou asperamente o poema de Camões: e ainda que esta critica seja cheia de erros, e muito superficial, tem com tudo passado em Europa pela verdadeira representação do caracter daquelle poema. Gui-

Digitized by Google

verdade, e nos obriga a sahir a campo a defender o nosso poeta, das atrozes calumnias com que a falsidade e a ignorancia deste estrangeiro pertendeo ultrajá-lo. Foi Mr. de Voltaire hum homem summamente soberbo, cheio de vaidade, e que mal enfarinhado, ou para melhor dizer, com huma leve tintura das materias, e das Faculdades, orgulhosamente pertende no seu tempo passar pelo maior critico, e por hum dos homens mais eruditos da Europa. Mas, sem sahirmos da poetica, conhecemos a

lherme Julio Mickle, fiel e exacto Traductor da Lusiada na lingua ingleza, tem descobrido de donde tirou Voltaire a sua noticia de Camões; porque achando elle alguns defeitos criticados por Voltaire, que não existem em Camões; e no mesmo tempo achando, que estes defeitos existem na miseravel traducção na lingua ingleza, feita por Fanshaw, conclue com razão, que Voltaire não teve outro conhecimento do nosso Author, senão o que aprendeo pela lição daquella traducção, que não representa o seu original com fidelidade; pois além de não ter espirito poetico algum, tem varios equivocos, conceitos, e expressões baixas, que não se achão no original, os quaes, porém, o desavergonhado Voltaire, com mão liberal dá todos a Camões. Esta ignorancia de Voltaire confirma o Senhor Mickle por huma informação, que recebeo depois da publicação da sua primeira edição da Lusiada na lingua ingleza, e he: quando Voltaire ainda tinha na Imprensa em Londres o *Ensaio sobre a Poesia Epica*, por acaso mostrou huma folha das provas delle ao Coronel Bladon, traductor dos *Commentarios de Cesar*. O Coronel, que tinha estado em Portugal, perguntou a Voltaire, se havia lido a Lusiada, e elle respondeo, que nunca a tinha visto, nem sabia a lingua portugueza. O coronel deo-lhe a traducção de Fanshaw, e em menos de quinze dias appareceo a critica de Voltaire.

Digitized by Google

summa ignorancia com que atrevidamente fallava nas cousas. Elle intentou fazer hum juizo dos melhores poetas das outras nações; porém por falta de intelligencia dos idiomas, nem ainda o que achou escripto a este respeito soube trasladar. Tratando do Homero, e Virgilio, e podendo dizer muito destes dous poetas (ainda sem entender as linguas grega, e latina), elle se contentou com duas cousinhas, e essas bem pequeninas. Falla em poetas hespanhoes e entre elles, havendo alli outros iguaes, ou talvez melhores, trata com especialidade de Alonso de Ercilla na sua Araucana : e para ostentar que sabia aquella lingua, pondera huma breve passagem deste author, na verdade muito mal, e como quem totalmente ou não entendia, ou não havia lido. Metteo-se a fallar dos poetas italianos, e o que dahi tirou, foi o que logo veremos, no que lhe respondeo entre outros o verdadeiramente erudito Giuseppe Baretti, na sua *Frusta Letteraria*. Chega finalmente a Portugal, e a Luis de Camões, e aqui he onde brilhou em toda a sua extensão o charlatanismo do grande Voltaire. Transcreveremos huma ou outra passagem sua, e poremos na face do mundo o como acertava no que escrevia este façanhoso erudito dos nossos tempos.

Diz que « o Camões, sendo de huma antiga fami-
» lia portugueza, nascêra na Hespanha, nos ultimos

Digitized by Google

» annos do celebre reinado dos Reis Catholicos Dom » Fernando, e Dona Isabel; tempo em que Dom João » o segundo reinava em Portugal (1). » Ora vamos ajustando estas contas com alguma miudeza, e com algum vagar. Em quanto a « Camões ser de huma » antiga familia Portugueza, » nisso estamos, porque nisso mesmo concordam todos os escriptores da sua vida : em quanto ao mais, não. A Rainha Catholica Dona Isabel, morreo em Medina del Campo a 25 de Novembro de 1504 : seu Marido, El-Rei Dom Fernando o Catholico, morreo na Villa de Madrigalejo a 23 de Janeiro de 1516. O nosso Rei Dom João o II, morreo na Villa de Alvor a 25 de Outubro de 1495. Todos os escriptores da vida de Luis de Camões, que são : Pedro de Mariz, Manoel Severim de Faria, Manoel de Faria e Sousa, Gaspar de Faria Severim, ó Abbade Diogo Barbosa Machado, e outros, o dão nascido no anno de 1524. Logo com que verdade diz o charlatão Voltaire que « nascêra » na Hespanha, nos ultimos annos do reinado dos » Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel, » tempo em que Dom João o II reinava em Portu- » gal? » O dizer que « nascêra na Hespanha » tam-

(1) « Camoens, d'une ancienne famille Portugaise, naquit en » Espagne dans les dernières années du règne célèbre de Fer- » dinand et d'Isabelle, tandis que Jean II régnait en Por- » tugal. »

Digitized by Google

bem he falso; porque dos mesmos escriptores consta, que ao certo vio a luz do mundo em Portugal. Duvidaram alguns se foi em Santarem, Coimbra, ou Lisboa; mas ultimamente Manoel de Faria e Sousa, não deixando lugar a duvidas, e fundado em documentos dignos de toda fé, assenta que foi em Lisboa.

Continúa o mesmo Voltaire, e diz : « que despois » da morte d'El-Rei Dom João o II, viera á côrte de » Lisboa, no primeiro anno do reinado d'El-Rei » Dom Manoel (1). » Pessimo chronologo. El-Rei Dom Manoel principiou a reinar em 1495, e deixou de viver em 1521; e sendo isto assim, como podia Camões, que nasceo no anno de 1524, vir a Lisboa *no primeiro anno do reinado d'El-Rei Dom Manoel?*

Diz mais : que « El-Rei Dom Manoel, determi- » nado a seguir o projecto, que tantas vezes se tinha » mal-logrado de abrir hum caminho pelo Oceano » ás Indias orientaes, fez partir em 1497 a Vasco da » Gama, com huma armada para esta famosa em- » preza » (entrepresa lhe chama, sem nenhuma propriedade), « que era reputada como temeraria, e » impraticável, só porque era nova (2). » Tudo isto

(1) « Après la mort de Jean, il vint à la Cour de Lisbonne, » la première année du règne d'Emmanuel. »

(2) « Emmanuel, déterminé à suivre le projet qui avait échoué » tant de fois, de s'ouvrir une route aux Indes Orientales par

Digitized by Google

aqui se acha confundido : *o projecto* do descobrimento da India, não foi *tantas vezes mallogrado :* cometteo-se a Vasco da Gama em 1497, e Vasco da Gama deo conta delle. Das expedições que houve antes desta, nenhuma *se mal-logrou ;* todas se empregaram nos descobrimentos da costa de Africa, que eram os fins a que se dirigiam. Repare-se hum pouco no modo de discorrer deste impostor : diz que a empreza *era reputada por temeraria, e impraticavel, só porque era nova :* o ser *nova* he que a fazia reputar *por temeraria, e impraticavel :* e qual será a empreza, ou projecto, que nos seus principios seja velho? Aqui he *empreza nova ;* e acima he *empreza tantas vezes mallograda.* Que bella coherencia! E he o famozo *criticão*, que nos diz, que nos episodios do poema de Camões, não ha nexo com o assumpto principal.

Vai por diante, e diz : que « o Gama, e os que » tiveram o atrevimento de se embarcar com elle, » passaram por insensatos, porque muito por sua » vontade se sacrificaram. Que todos a huma voz » clamavam contra o Rei ; e que Lisboa toda, vio » partir com indignação, e com lagrimas, estes » aventureiros, e os chorou como mortos : » con-

» l'Océan, fit partir, en 1497, Vasco de Gama, avec une flotte » pour cette fameuse entreprise, qui était regardée comme té- » méraire et impraticable, parce qu'elle était nouvelle. »

Digitized by Google

cluindo, que « a empreza teve bom successo, e que » foi o primeiro fundamento do commercio, que a » Europa faz hoje com as Indias pelo Oceano (1). » Não ha embusteiro igual : exceptuado o ultimo periodo acima, tudo o que se contém nos demais, he tão falso, como seu author. Tanto não passaram por insensatos, que o maior chronista d'El-Rei Dom Manoel, Damião de Goes, na chronica do Principe Dom João, cap. 6, fallando destes descobrimentos, e da navegação da carreira da India pelo Oceano, a que então se dava principio, diz : « Das quaes » navegações admiração foi então tamanha, que por » esse respeito vieram a estes regnos muitos ho- » mens letrados, e curiosos : dos quaes huns vinhão » com tenção de ir ver estas terras, provincias, e » novos costumes dos habitadores dellas; ou para » tambem ajudarem a descobrir outras com espe- » rança do proveito, que se lhes disso podia seguir : » outros vinhão sómente para verem as cousas, que » destas novas provincias os nossos trazião ; ou para » escreverem o que ouvião daquelles que das taes

(1) « Gama, et ceux qui eurent la hardiesse de s'embarquer « avec lui, passèrent pour des insensés qui se sacrifiaient de gaîté « de cœur. Ce n'était qu'un cri dans la ville contre le Roi : « tout Lisbonne vit partir avec indignation et avec larmes ces « aventuriers, et les pleura comme morts : cependant l'entre- « prise réussit, et fut le premier fondement du commerce que « l'Europe fait aujourd'hui avec les Indes par l'Océan. »

Digitized by Google

» navegações tornavão; por cuja industria, e estylo
» se divulgavão então pelo mundo os casos, e
» acontecimentos espantosos com que se cada dia a
» nossa nação portugueza encontrava : o que estes
» homens estrangeiros fazião, ou de suas proprias
» vontades, ou mandados de cidades, respublicas,
» e principes, desejosos de saberem a certeza de ta-
» manhas novidades. » Eis-aqui como os Portugue-
zes *passaram por insensatos;* e eis-aqui tambem as
erudições, e as críticas (antes ignorancias malevo-
las) do famoso Voltaire. Não duvidâmos com tudo,
que esse projecto do descobrimento da India, assim
como todas as emprezas grandes, padecesse suas con-
tradicções; porém não as padeceo certamente pelo
principio que Voltaire entendeo : enganou-se nesta
parte, como ignorante, não só da lingua, senão
tambem da historia portugueza. Outros mui diffe-
rentes foram os fundamentos (que nos não he ne-
cessario por ora expender) que deram occasião a
essa controversia, e diversidade de votos. Não duvi-
dâmos tambem, que no embarque, e despedida da-
quelles segundos Argonautas interviessem lagrimas;
assim nos que ficavam, como em alguns dos que
hiam; porém este sentimento, sendo como era, de
pura saudade, nada diminuia da grandeza daquella
acção, nem tam pouco do gosto, e contentamento
com que geralmente todos para ella concorriam. Os

Digitized by Google

que são vistos nas nossas cousas, sabem que não houve aqui constrangimento, ou violencia. O mesmo Poeta, por quem, annos depois, passaram esta saudade, e estas lagrimas, confirma esta verdade em muitos lugares de seu poema. Podem ver-se a este proposito as estancias 147 e 148 do Canto X, onde fallando com El-Rei Dom Sebastiam, o Poeta lhe representa com vivas expressões o gosto, e o ardor marcial com que os seus vassallos se empregavam ao servicio da patria, e em adquirir novos dominios para a corôa portugueza.

Vai por diante o famoso embrulhador Voltaire, e mettendo-se novamente a chronista de Luis de Camões, diz : « Hum desejo vago de viajar e de fazer » fortuna, e o ruido que faziam em Lisboa as suas » galantarias indiscretas; o seu descontentamento » da Côrte; e principalmente a curiosidade, insepa- » ravel de huma grande imaginação, o arrancaram » da sua patria (1). » Eis-aqui o que em portuguez corrente se chama andar ás apalpadellas. Desta sorte bem podia continuar com o aranzel, e dizer que tinha ido por conversar com o Preste João; persuadido pelos amigos; porque seu pai o mandára, etc. Em fim, não ha aqui cousa certa.

(1) « Un désir vague de voyager et faire fortune, et l'éclat que » faisaient à Lisbonne ses galanteries indiscrètes, ses mécon- » tentements de la Cour, et surtout cette curiosité assez insépa- » rable d'une grande imagination, l'arrachèrent à sa patrie. »

Digitized by Google

Prosegue a ignorancia, e diz : « Ao principio ser-
» vio como voluntario em huma náo, e perdeo hum
» dos olhos, em hum combate naval. Os Portugue-
» zes tinham já neste tempo hum Vice-Rei nas In-
» dias, etc. (1)» Nova confusão : esta perda do olho, este combate naval, não foram na India, foram em Ceuta, cá na Africa, do Estreito para dentro; onde, primeiro que passasse á Asia, militou o Poeta : no que concordam todos os escriptores da sua vida, que Mr. de Voltaire não entendeo (2). Tambem aqui diz, como de passagem, que o Poeta fôra degradado da India para a China, e que lá compuzera o seu Poema; o que tambem se convence de falso, pois consta ao certo, que de Portugal o levára já composto, e que lá sómente accrescentára algumas cousas.

Depois de todas estas ignorancias, passa a traduzir em muito má prosa as primeiras quatro estancias do poema, onde diz cousas, que o poeta nem disse, nem

(1) « Il servit d'abord volontaire sur un vaisseau, et il perdit
» un œil dans un combat de mer. Les Portugais avaient déjà un
» vice-roi dans les Indes, etc.»

(2) A vaidade, a malevolencia, a calumnia, e a soberba, cegaram a Mr. de Voltaire, por isso talvez não vio, no tom. 4, pag. 440, e seg. dos *Jugemens des Savants*, do seu compatriota Adriano Baillet, noticias da vida, e acções do nosso Poeta, mais verdadeiras, e mais certas, do que aquellas que aqui nos dá. Os curiosos as poderão ver, e combinar humas com outras.

Digitized by Google

certamente sonhou dizer (1). Mette-se a fazer-lhe seus reparos, e a descobrir-lhe seus defeitos, e vem a cahir nas mesmas ridiculas accusações, em que já outros se occuparam, e cahiram. Não necessita o nosso Poeta de novas apologias em sua defensa; assaz se tem escripto na materia : mas ainda assim, sempre de passagem responderemos a algumas cousas. Diz que o Camões déra companheiros a Vasco da Gama, heroe do seu poema : como se Enéas os não tivera em Virgilio, e Achilles em Homero! Diz que o Camões cantára os Barões assignalados : e nós dizemos que cantou.

..... O peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Diz que o Camões mettêra no poema a historia de Portugal : suppomos que queria que fosse buscar huns episodios á Tartaria, ou semelhantes aos de que usou Cervantes no seu Dom Quixote. Diz que

(1) Mostrou-se tão insolente a ignorancia de Voltaire nesta traducção, que até os criticos estrangeiros se escandalizaram, chegando a publicar hum delles, que : « La poca fedeltà di Voltaire nel tradurre un passo tratto dall' Araucana d'Ercilla, e l' invocazione alle ninfe del Tago da esso fatta di propria invenzione, e quindi supposta a Camoens, mi sono, come dissi già, convincentissime prove, ch' egli intende lo Spagnuolo, e il Portoghese, quanto gli elefanti del Gran Mogollo. » Frusta Letter. pag. 121, col. 2.

Digitized by Google

introduzira os Deoses da Gentilidade : visto mostrar-se tão escrupuloso, bem podia acabar com os seus Francezes, que dessem principio a deitar fóra da astronomia esses mesmos Deoses fabulosos; pois não sabemos que haja mais razão para se conservarem nesta, do que para se estranharem tanto no ornamento da poesia. Falla tambem na Ilha de Anchediva, ficção que certamente mereceo o applauso dos sabios; e sobre tudo o que mais o espantou, foi perguntar o Gama ao Rei de Melinde, se as navegações de Enéas, ou Ulysses, tinham comparação com a sua. « Como se hum barbaro Africano » (exclama) das costas de Zanguebar, conhecesse » as obras de Homero e de Virgilio (1) ! » Não ha critico mais espantadiço do que este. Como se a instrucção de hum Rei se deva regular pela rudeza, e barbaridade dos vassallos; como se fosse necessario ler *o seu Homero*, *ou o seu Virgilio*, para ter noticia das navegações de Enéas, e Ulysses : como se naquelle caso, para o Rei de Melinde fazer conceito das navegações daquelles dous heroes, não bastasse sómente a pergunta do mesmo Gama, e fosse necessario que tivesse lido dellas alguma cousa. Como, finalmente, se o mesmo Camões na estancia 111 do canto II, com muita advertencia, não

(1) « Comme si un barbare Africain des côtes de Zanguebar » savait son Homère et son Virgile! »

Digitized by Google

prevenìra e precavèra antes este reparo, fazendo dizer ao mesmo Rei que fallava com o Gama :

> Não tanto desviado resplandece
> De nós o claro Sol, para julgares
> Que os Melindanos tem tão rudo peito,
> Que não estimem muito hum grande feito.

Lêam-se tambem as duas estancias seguintes, e pondere-se, se a hum Rei que assim se pinta e descreve instruido, he cousa impropria perguntar-se-lhe pelas navegações de Enéas, e Ulysses. Sobre tudo o que fica dito, se Voltaire nota como erro ou defeito o fallar Vasco da Gama nas navegações de Enéas e Ulysses ao Rei de Melinde, porque era hum barbaro Africano, e não havia lido o seu Homero ou o seu Virgilio; pela mesma regra deve notar tambem em Virgilio, no livro 3 da Eneida, huma larga, e miuda relação, que da sua derrota faz Enéas a Dido : relação tal, e tão circumstanciada, que quando pouco, para bem entendê-la, seria necessario entre outras cousas, que aquella princeza africana tivesse huma completa instrucção da geographia, e de tudo o que diz respeito a esta parte da mathematica. Mas esta regra de Voltaire he tão falsa, e fallivel, como todas as suas, as quaes ninguem de são entendimento deve seguir, ou ter por seguras.

Digitized by Google

Seria hum nunca acabar se nos engolfassemos nas casquilhas, futilidades, e ridicularias deste nugivendulo; e assim, para que os nossos leitores se desenganem, e façam hum verdadeiro conceito de quanto este charlatão podia ser juiz competente para com os poetas das outras nações, bastará que concluamos com o que sobre elle, e em defensa dos poetas italianos, escreveo o erudito author da *Frusta Letteraria*, pag. 115. « Ho detto che Voltaire non sa » un'acca della Lingua nostra, e non l'ho detto per » esagerare come un vero Italiano stizzito contro » uno Straniero que cerca torne l'onor nostro; ma » l'ho detto per dire la pura verità. I suoi molti giu- » dizj sopra gli Autori nostri, e il picciol numero » de' nostri poeti e prosatori ch' egli nomina quando » parla dell' Italico sapere, dovrebbon essere una » prova quasi bastevole del poco, anzi del nulla ch' » egli intende della nostra lingua, considerando la » perpetua smania ch' egli ha di parlare di tutti » gli Autori forestieri; ma non contentandomi di » questo argomento, che non è forte e convincente » abbastanza, riferirò quì un passo di Dante da lui » tradotto. Confrontate, Italiani Leggitori che inten- » dete bene il Francese, la sua truffaldinesca tra- » duzione col grave originale, e poi ditemi se chi » traduce in questo modo, intende la lingua che » traduce.

Digitized by Google

ORIGINALE DI DANTE.

Mentre ch'io forma fui d'ossa e di polpe
Che la madre mi diè, l'opere mie
Non furon leonine, ma di volpe.
Gli accorgimenti, e le coperte vie
l'seppi tutte, e sì menai lor arte,
Che al fine della terra il suono uscie.
Quand'io mi vidi giunto in quella parte
Di mia età, dove ciascun dovrebbe
Calar le vele, e raccoglier le sarte,
Ciò che pria mi piaceva allor m'increbbe,
E pentuto, e confesso mi rendei:
Ahi miser lasso! e giovato sarebbe.

TRADUZIONE DI VOLTAIRE.

..... Quand j'étais sur la Terre,
Vers Rimini je fis longtemps la guerre,
Moins, je l'avoue, en héros qu'en fripon:
L'art de fourber me fit un grand renom:
Mais quand mon chef eut porté poil grison,
Temps de retraite, où convient la sagesse,
Le repentir vint ronger ma vieillesse,
Et j'eus recours à la confession.
Oh! repentir tardif et peu durable!

» E sarà permesso a chi traduce l'Italiano in questo
» modo, di giudicare della lingua italiana? Molte
» altre prove, oltre a questa innegabile, potrei quì
» addurre per mostrare l'ignoranza di Voltaire sul

Digitized by Google

» fatto della lingua nostra, e per conseguenz
» brutta impostura de' suoi giudizi sù tal par
» lare; ma troppo bisognerebbe estendermi; c
» me lo serberò per qualch' altra occasione. » F
cos periodos abaixo acrescenta: « E potrei an
» dire, che Voltaire pizzica di matto quando pa
» di Milton, d'Ercilla, e di Camoens; e che a que
» Camoens, poeta epico portoghese, suppose sfre
» tatamente un passo che non ha nella sua Lusia
» per deprimere con una bugiarda asserzione
» poeta inglese chiamato Derham. »

Depois das maledicencias, e calumniosas accus
ções do celebre impostor Voltaire, parece que ped
a razão, e a justiça, que com claros testimunho
solidos, e verdadeiros documentos, largamente pa
tenteassemos a estimação, e o apreço, em que sem
pre se conservaram no mundo litterario as obra
do nosso Poeta; porém este discurso passaria de
prologo a livro, se nos mettessemos a seguir esta
derrota, e a repetir os louvores, e os applausos, que
lhes tributaram homens insignes. Aos authores que
escrevèram a vida do mesmo Luis de Camões, dos
quaes acima fizemos menção, podem recorrer os
que nesta parte desejarem mais extensas e copiosas
noticias.

Não passaremos com tudo adiante, sem nos lem-
brarmos das multiplicadas traducções, com que.

Digitized by Google

cada huma no seu Idioma, as mais polidas nações da Europa intentaram possuir este poema em toda a sua energia. Principiando, pois, da lingua latina, quatro traducções tem apparecido do poema neste idioma : a do illustrissimo bispo de Targa D. Fr. Thomé de Faria, que se imprimio em Lisboa no anno de 1621; a de André Baião, portuguez, natural de Goa, donde, passando á Europa, e a Roma, foi ahi mesmo mestre de rhetorica no collegio dos Gregos, cujo original se conserva na bibliotheca romana; a de Antonio Mendes, presbytero secular, e insigne grammatico do seu tempo, de que dá noticia João Franco Barreto; e a que, por insinuação do marquez de Niza, Dom Vasco Luis da Gama, embaixador extraordinario á corte de Paris, e quinto neto do Heroe que foi assumpto do poema, fez o celebre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que conservam manuscripta alguns eruditos, e de que vimos huma grande parte. Além das versões referidas, que foram trabalhadas em verso, traduzio tambem este poema em elegantissima prosa latina, na verdade como intelligente dos mais profundos mysterios deste idioma, o douto Filippe Joseph da Gama, academico da Academia real da historia portugueza, e da dos Arcades de Roma : e he para magoar, que hum trabalho de tanto credito para o mesmo Poeta, e para seu author, perecesse no in-

Digitized by Google

cendio, que successivo ao terremoto, abrazou huma grande parte de Lisboa no anno de 1755, como elle mesmo nos communicou por varias vezes. Houve tambem cinco versões deste mesmo poema na lingua castelhana : a de Bento Caldeira, portuguez, e assistente em Madrid, impressa em Alcalá, no anno de 1580; a de Luis Gomes de Tapia, impressa em Salamanca, em 1580; a de Henrique Garcez, tambem portuguez, que se imprimio em Madrid, em 1591; a de Manoel Correa Montenegro, e a de Dom Francisco de Aguilar : estas duas ultimas, que não chegaram a imprimir-se, vio Manoel de Faria e Sousa, e dellas faz menção, tanto na vida do Poeta, como em diversos lugares dos commentarios ao poema. Na lingua italiana acham-se duas traducções : huma feita pelo genovez Carlos Antonio Paggi, e impressa em Lisboa no anno de 1658; e outra por hum anonymo (que nos seguram ser o Conde Laureani, que assistio por algum tempo na Corte de Lisboa), e impressa em Turim no anno de 1772. Pedro de Mariz, na vida que escreveo do Camões, faz memoria de outra traducção mais antiga (1). Na lingua franceza achão-se tambem tres tra-

(1) Ha tambem uma excellente traducção italiana dos Lusiadas em oitava rima por Briccolani, dedicada a Sua Alteza Imperial a Senhora Dona Maria da Gloria, Princeza do Brasil. Paris, Didot, 1826. (*Nota dos editores.*)

Digitized by Google

ducções: huma feita por hum anonymo, e pelos annos de 1612; a de Mr. Du Perron de Casterá, impressa em Paris no anno de 1735, illustrada com bastantes notas a cada hum dos dez cantos; e a de Mr. De La Harpe (1), impressa em Paris no anno de 1776, sem nome de author (2). Na lingua ingleza foi tambem traduzido este poema pelo cavalheiro Ricardo Fanshaw, enviado por El-Rei de Inglaterra na Côrte de Lisboa. Imprimio-se esta versão em Londres no anno de 1655. Modernamente sahio segunda vez traduzido em verso inglez rhythmado, pelo cavalheiro Guilherme Julio Mickle, assistente e graduado na Universidade de Oxford. Não nos consta que haja versão deste poema na lingua allemã, porém sabe-

(1) De huma breve advertencia, que do impressor vem logo ao principio, consta, não ser esta traducção feita immediatamente da Lusiada Portugueza, mas sim trabalhada sobre outra versão. Eis-aqui as palavras: *Elle a été faite sur une version littérale du texte Portugais*, Tambem consta da mesma advertencia, que o traductor tomou a liberdade de abreviar, ou resumir muito a seu arbitrio e a sua vontade os lugares que lhe parecêrão algum tanto longos e dilatados. *Il ne s'est permis d'autre liberté que celle de resserrer quelques endroits un peu longs.* Segundo estas palavras, errou o autor no titulo da obra, porque, mais que traducção fiel, parece lhe devia chamar epitome, compendio, ou resumo da Lusiada.

(2) Ha hoje outras traducções francezas: a de M. Millié, em prosa. Paris, 1825; uma de MM. O. Fournier et Desaules. Paris, 1841; e outra em verso de M. Ragon. Paris, 1842.

(*Nota dos editores.*)

Digitized by Google

mos ao certo, e o sabem os que são versados na historia litteraria daquella nação, que os Allemães respeitam seu author : isto se vê claro na bibliotheca de Menckenio, e em outros (1). A vista, pois, de tantas e tão diversas nações, familiarizadas, pela lição do seu poema, com o nosso Poeta, bem parece que com igual razão, e justiça, podia Luis de Camões dizer o mesmo que de si vaticinou o Lyrico latino na Ode XX do Livro II :

Me Colchus, et qui dissimulat metum
Marsæ cohortis, Dacus, et ultimi
Noscent Geloni : me peritus
Discet Ibor, *Rhodanique potor*.

A fama conseguida pelo author da Lusiada, celebra-se dignamente no seguinte soneto.

(1) Hoje existem traduzidos em Allemão os principaes episodios dos Lusiadas : — o de Ignez de Castro, o do gigante Adamastor, etc.

Digitized by Google

DE TORQUATO TASSO

SONETO

Vasco, le cui felici ardite antenne
Incontro al Sol, che ne riporta il giorno,
Spiegar' le vele, e fer' colà ritorno,
Dove egli par, che di cadere accenne:

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel che fece al Ciclope oltraggio e scorno,
Nè chi turbò l'arpie nel suo soggiorno,
Nè diè più bel subbietto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar' men lunge.

Ond' a quelli a cui s' alza il nostro Polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

Digitized by Google

BREVE ANALYSE

DO POEMA DE CAMÕES

O assumpto principal da Lusiada he o descobrimento da India, feito por Dom Vasco da Gama, e por ordem d'El-Rei Dom Manoel.

O poema começa com huma representação da Armada Portugueza, navegando com hum vento favoravel sobre a costa de Ethiopia : os marinheiros porém estão consumidos com trabalhos, e o salvamento delles depende da boa fortuna de metter-se em algum porto, aonde achem hospitalidade. Representão-se os Deoses da Mythologia antiga ou poetica em conselho, O successo da Armada ha de decidir a sorte do Mundo Oriental. Mas quando se falla do artificio do ministerio dos Deoses na Lusiada, he necessario advertir, que he todo allegorico, como o he em Homero, e Virgilio. Jupiter, ou o soberano senhor do destino, declara que os Lusos hão de ter feliz successo. Baccho, ou o Genio da seita de Mafoma, a quem os do Oriente veneravão com culto religioso, prevendo a ruina do seu imperio e altares, se oppõe a Jupiter, ou ao Destino. A

Digitized by Google

Venus celestial, ou Amor celestial favorece aos Lusos. Marte, ou a fortaleza Divina exhorta ao senhor do destino a ficar inalteravel nas suas resoluções; e manda-se o filho de Maia, Mensageiro do Céo, para guiar a Armada a hum porto, aonde he bem agasalhada. Chega a frota a Moçambique. Baccho, como Juno na Eneida, faz levantar-se aquelle povo contra os Lusos. A consequencia he huma batalha, e a frota victoriosa vai seguindo a sua viagem, debaixo da direcção de hum piloto mouro, que os aconselha a entrar no porto de Quiloa. Segundo a historia, quizerão os portuguezes entrar neste porto, aonde tudo estava preparado para arruina-los infallivelmente : mas tiverão a fortuna de serem lançados dahi, por huma tempestade repentina. O Poeta, no verdadeiro espirito de Homero e Virgilio, attribue esta fortuna á Venus celestial.

> Mas a linda Erycina, que guardando
> Andava sempre a gente assignalada, etc.

Chega a frota a Mombaça. A malicia do Genio da seita de Mafoma ainda excita novos enganos contra elles. Mercurio, o mensageiro do Céo, avisa o Heroe do poema, do seu perigo, em hum sonho, no espirito de Homero, e o manda dirigir a frota a Melinde. Alli chega, e o principe o agasalha com toda a benevolencia, e amizade. Em este lugar tem o

Digitized by Google

Heroe a primeira noticia certa, e esperança da India. A admiração, que a grande fortaleza, e valor dos seus hospedes excita no peito do Rei de Melinde, por serem elles os primeiros que tiverão a ousadia de passar o oceano desconhecido, com muito artificio prepara o leitor para o longo episodio que se segue. Vio Camões, que o poema de Virgilio contém em si a historia do imperio romano do seu tempo, e resolveo-se a seguir este grande modelo. A historia de Portugal, que relata Gama ao Rei de Melinde, era não sómente necessaria para dar ao novo alliado huma alta ideia do valor, e do espirito dos Portuguezes, mas tambem tem huma connexão natural com a viagem do Gama, e della dá a razão, e o motivo. Com a mesma propriedade conta o Gama ao Rei de Melinde a origem, e o progresso da sua nação, com que relata Eneas a Dido a ruina de Troia, que foi a causa da sua viagem. O Rei de Melinde muito satisfeito com a fama da nação portugueza, promette-lhes huma amizade constante, e lhes dá hum piloto fiel. Quando elles navegão pelo grande oceano da India, outra vez se faz uso do artificio dos Deoses. O Demo representado em Baccho, roga a Neptuno, e aos Deoses levantem huma tempestade, para destruir a frota. Os marinheiros de noute contão as façanhas valerosas de seus patriotas, e se introduz hum episodio no espirito poetico

Digitized by Google

de Cavallaria. Desta sorte representa Homero a Achilles, que canta á sua lyra os louvores dos heroes : e na maneira epica são da mesma natureza esta narração dos marinheiros, e os contos de Nestor, ou para aplacar, ou para inflammar a furia dos capitães gregos.

Entretanto ha huma bella descripção da tempestade. Percebe a Venus celestial o perigo da frota : e o modo de introduzi-la pela apparencia da sua estrella, he huma ideia poetica, que havia de fazer honra á mesma Eneida. Ella no espirito de Homero, chama as suas Nymphas, e pelo ministerio dellas se aplaca a tempestade. Chega finalmente á India o Gama. Cada circumstancia nasce da circumstancia antecedente : e o modo de conduzir o poema em cada circumstancia, he inteiramente semelhante ao de Virgilio : nem duas tragedias, feitas em conformidade das regras dramaticas, são mais semelhantes huma da outra. O Gama, tendo completado o fim da sua viagem na India, dando á véla, parte para a Europa; e pela ultima vez se introduz o ministerio dos Deoses. Venus para remunerar os seus heroes, faz apparecer no mar huma ilha deleitosa : Voltaire no seu ensaio na lingua ingleza, disse, que esta ficção não podia ser do gosto de nação alguma, senão da portugueza, e italiana. Na mesma obra, na lingua franceza

Digitized by Google

deixou de fóra esta sentença; porém diz que esta ilha he semelhante a hum lugar de torpezas, para marinheiros hollandezes. Esta representação della porém, he igualmente falsa, e grosseira. Cada circumstancia na ilha do Amor, tem semelhança com a Venus de Medicis. A descripção sim he viva, mas no mesmo tempo he casta, como os primeiros amores de Adão e Eva no poema de Milton; e inteiramente livre daquella grosseria que se acha em Dante, Ariosto, Spencer, e no mesmo Milton. Depois do Poeta explicar a allegoria da ilha do Amor, a Deosa do oceano dá ao Gama a sua mão, e lhe entrega o seu Imperio, e o guia para os seus paços, aonde, em huma canção prophetica, elle ouve as acções daquelles heroes, que havião de estabelecer o imperio portuguez no Oriente. No genero epico não ha cousa, que mais evidentemente mostre o engenho de hum mestre. A ilha do Amor, depois de ser completado o descobrimento da India, o grande fim do poema, he huma feliz imitação dos jogos funebres em honra de Patroclo, depois da morte de Hector, que he o fim importante da Iliada. O modo de proceder he o mesmo, ainda que Camões não tire de Homero nem huma unica circumstancia. Ulysses, e Enéas visitão as regiões dos mortos, e por força Voltaire ha de guiar o seu heroe ao Inferno, e ao Céo. Mas quanto he superior o espirito

Digitized by Google

de Camões! Elle imita sim estes grandes passos, por huma ficção nova, inteiramente sua; e assim a sua imitação he sómente parallela. O Gama na ilha do Amor, e Enéas em o Inferno são precisamente a mesma cousa, na poesia epica: e nesta identidade, que não tem em si nada de plagio, Camões faz o tecido da historia de Portugal com muito artificio; como confessa o mesmo Voltaire. O episodio com o Rei de Melinde, a descripção das bandeiras pintadas, e a canção prophetica, na maneira, e intento, são parallelas ao episodio de Dido, ao escudo de Enéas, e á visão nos Campos Elysios. Os grandes objectos, que se propoem na Iliada, e na Eneida, são, abrandar a ira de Achilles, e pôr os alicerces do imperio romano; hum se effectua pela morte de Hector, e outro pela alliança entre Latino, e Enéas, completada pela morte de Turno. Da mesma sorte, o grande objecto da Lusiada he estabelecer o imperio portuguez christão no oriente, o que se completa pela feliz chegada do Gama a Portugal: e assim no verdadeiro espirito da epopeia acaba o poema da Lusiada, no qual cada circumstancia se levanta por huma gradação justa, até que todas as suas partes fazem huma somma total, na mais perfeita unidade de acção epica.

Digitized by Google

BREVE NOTICIA

DA

VIDA DE LUIS DE CAMÕES

O mais antigo ascendente de Luis de Camões, de que se acha noticia nas historias (deixadas por ora conjecturas, fundadas em etymologias de nomes, que de ordinario não são os mais solidos fundamentos), he Vasco Pires de Camões, que em tempo d'El-Rei Dom Henrique de Castella, chamado o Bastardo, passou de Galliza a Portugal. De quem fosse filho este Vasco Pires de Camões não consta ao certo : he porém indubitavel, que foi casado neste Reino com huma filha de Gonçalo Tenreiro, general das armadas de Portugal, o qual teve tambem o titulo de Mestre da ordem de Christo. Deste matrimonio nascèram Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e Dona Constança Pires de Camões. De Dona Constança, e de Gonçalo Vaz de Camões, houve descendencia illustre, e que se tratou sempre com grande luzimento, da qual nos não he necessario por ora tratar. O segundo filho, que foi João

Digitized by Google

Vaz de Camões, vassallo d'El-Rei D. Afonso V, titulo muito distincto e honorifico por aquelles tempos, foi de notavel valor nas guerras de Africa, e contra Castella, e de extremada prudencia na paz. Teve seu domicilio em Coimbra, em cuja Sé tem tambem magnifica, e sumptuosa sepultura, de que alguns inferiram (erradamente) ser o nosso Poeta natural daquella cidade. Casou João Vaz de Camões com Ignez Gomez da Sylva, filha bastarda de Jorge da Sylva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Sylva, e neto de Diogo Gomes da Sylva, irmão de João Gomes da Sylva Alferes-mór d'El-Rei Dom João I, e senhor de muitas terras. Teve della a Antão Vaz de Camões, que casou com Guimar Vaz da Gama (dos Gamas de Algarve, que trazem sua origem dos do Alemtejo), da qual houve a Simão Vaz de Camões, que casou com Anna de Macedo, da Villa de Santarem. Estes dous ultimos, assistentes em Lisboa, no bairro da Mouraria, freguezia naquelle tempo de S. Sebastiam, foram os progenitores de Luis de Camões, que nasceo na mesma cidade, no anno de 1524.

Educado Luis de Camões até á idade de doze ou treze annos, passou á Universidade, que já naquelle tempo, por ordem d'El-Rei Dom João III, se havia mudado segunda vez de Lisboa para Coimbra. Foram notaveis os progressos que alli fez nas artes,

Digitized by Google

e nas sciencias, com a direcção daquelles homens insignes, que o mesmo Rei chamára de fóra do Reino, para instruirem a mocidade.

Acabados os estudos, e restuido a Lisboa, como he provavel se entregasse ao ocio, entrou logo a experimentar os damnos que delle resultam, particularmente na idade juvenil. Affeiçoou-se a certa Dama; e esta affeição deo causa a que o desterrassem da Côrte.

Voltando a Lisboa, e tornando a reincidir na mesma culpa amorosa, houve segundo desterro. Manoel de Faria he de opinão, que não foi segundo; mas que elle mesmo, vendo-se impossibilitado para vir á Côrte, fizera o primeiro mais dilatado, tomando a resolução de ir servir a Ceuta. Nesta praça militou, e assistio por algum tempo. Pelejando valerosamente aqui mesmo, em hum combate naval, perdeo o olho direito.

Depois de haver militado em Ceuta por algum tempo, veio a Lisboa, persuadindo-se conseguiria algum premio por aquelles serviços militares; mas perdendo totalmente as esperanças do que pertendia, tomou a resolução de passar á India. Era o seu projecto embarcar no anno de 1550, com o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha; porém tendo desvio aquella resolução, veio a fazer viagem no anno de 1553. Embarcou Luis de Camões na mesma Náo

Digitized by Google

em que hia Fernando Alvares Cabral, e das quatro que este Commandante governava, esta foi a unica que naquelle anno chegou á India. Desembarcando em Goa no mez de Septembro, e achando que o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha, que então o era daquelle Estado, estava de partida com huma grossa Armada contra o Rei da Pimenta, inimigo do de Cochim, e Porcá, amigos nossos, se embarcou, por servir naquella occasião, da qual sahimos com victoria.

Continuando no exercicio das armas, passou no anno de 1555 ao Estreito de Meca, em outra Armada, de que foi Capitão-mór Manoel de Vasconcellos. Ahi se demorou por algum tempo, supportando incommodidades gravissimas.

Era Luis de Camões acerrimo censor dos vicios; e vendo que alguns que serviam Officios publicos se desmandavam, escreveo huma Satyra, na qual fortemente os reprehendia. Tambem compoz, depois desta, outra contra alguns Grandes da Cidade, que haviam festejado a entrada do Governador Francisco Barreto com hum jogo de cannas. Estas são as acções mais reprehensiveis que se encontram na vida do nosso Poeta, visto que nenhum homem ingenuo, e prudente, deve romper em taes desatinos.

Estimulado Francisco Barreto, talvez por queixas

Digitized by Google

dos offendidos, que costumam fazer as culpas ainda mais aggravantes, fez prender a Luis de Camões, e o degradou para a China. Aqui servio o Officio de Provedor dos defuntos, e ausentes, na Cidade de Macáo, de pouco tempo fundada pelos Portuguezes. Tendo porém noticia de haver entrado no Governo da India o Viso-Rei Dom Constantino de Bragança, se resolveo a voltar a Goa. Nesta viagem padeceo hum naufragio; e sahindo nú nas praias do Rio Mecom, sómente póde salvar o seu Poema, como Cesar, em semelhante acontecimento, os seus Commentarios.

No anno de 1561 chegou finalmente a Goa, onde recebeo particulares mercês do Viso-Rei Dom Constantino de Bragança, e não menos do successor no Governo, o Conde de Redondo Dom Francisco Coutinho. Não foram com tudo tão poderosos estes favores, que chegassem a tirar Luis de Camões da prisão em que o haviam mettido; dizem huns que por algumas travessuras, outros que por falsas accusações de cousas, que diziam respeito ao Officio que o Poeta havia servido em Macáo.

Estando nesta prisão, e já ao tempo de sahir della, o embargou Miguel Rodriguez Coutinho Fios Seccos, por algum dinheiro que lhe havia emprestado. Neste aperto recorreo ao Conde Viso-Rei, que estando de partida com huma lustrosa Armada,

Digitized by Google

para celebrar pazes com o Comorim, deixou ordem para que fosse solto.

Achando-se Luis de Camões em huma tão triste situação, cercado de trabalhos, e em summa pobreza; e vendo que lhe não aproveitava diligencia alguma, para sahir de tão extremas miserias, se lhe offereceo Pedro Barreto para o levar comsigo a Sofala, onde passava com o posto de Capitão. Seguio o Poeta a Pedro Barreto, mas chegando a Sofala experimentou nelle hum tratamento tal, que aportando alli humas Náos da India, que vinham para o Reino, se resolveo a embarcar nellas : embargava-o Pedro Barreto (como já Miguel Rodriguez Fios Seccos) dizendo lhe devia duzentos cruzados, que com elle havia despendido ; mas a esta divida acudiram promptamente alguns Cavalheiros, que para o Reino vinham nas mesmas Náos, e a pagaram de boa vontade, só pelo interesse de trazerem na sua companhia a Luis de Camões. Foram estes Heitor da Sylveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, e outros. Resgatado assim Luis de Camões, voltou na companhia daquelles Cavalheiros para a Patria. No anno de 1569 chegou a Lisboa, que achou ardendo em hum horrivel contagio. Aqui em lugar do premio que merecia pelas suas gloriosas fadigas litterarias, e marciaes, entrou a experimentar novas, e talvez mais

Digitized by Google

fortes adversidades, chegando a tanta miseria, que hum escravo seu chamado Antonio, pedia de noite de porta em porta para o sustentar.

Desta sorte acabou hum homem, cuja memoria, a pezar da inveja, será eterna entre os Eruditos. Morreo em Lisboa no anno de 1579, com 55 de idade; por haver nascido no de 1524. Deo-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta da Igreja do Convento de Santa Anna de Religiosas Franciscanas. Poucos annos depois, que foi no de 1595, Dom Gonçalo Coutinho lhe deo nova sepultura, no meio da Igreja, e lhe fez gravar na campa esta Inscripção :

AQVI IAZ LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE
DOS POETAS DE SEV TEMPO :
VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE,
E ASSI MORREO.
ANNO DE M. D. LXXIX.

Ultimamente Martim Gonçalves da Camera fez com que se lhe gravasse na lapide o seguinte Epitaphio ;

Naso Elegis, Flaccus Lyricis, Epigrammate Marcus,
Hic jacet Heroo carmine Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia, famam:
Unam nobilitant Mars, et Apollo manum.

Digitized by Google

Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi, telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea Carmina lucrum
Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit.
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani, vertere Poetam:
Quælibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

Foi Luis de Camões nobilissimo por ascendencia, Poeta clarissimo, valeroso Soldado, e de costumes correspondentes ás suas qualidades. Foi de mediana estatura, e bem formado; olhos grandes, nariz no meio levantado, boca grossa, e cabello tirante a açafroado. Em tudo lhe faltou a fortuna, senão na perpetuidade do nome, que ha de competir com a duração dos seculos.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO PRIMEIRO

Navegão os Portuguezes pelos mares Orientaes : fazem os Deoses seu concilio : oppõe-se Baccho á esta navegação : favorece Venus, e Marte aos navegantes : chegão a Moçambique, cujo Governador pertende destrui-los. Encontro, e primeira acção militar dos nossos contra os Gentios : levão ferro, e passando por Quiloa, surgem em Mombaça.

OUTRO ARGUMENTO

Fazem concilio os Deoses na alta Côrte,
Oppõe-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente :
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fóra.

Digitized by Google

CANTO PRIMEIRO

I

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

Digitized by Google

II

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto, e sublimado;
Hum estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

Digitized by Google

V

Dai-me huma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda :
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade :
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande :

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada :
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou :

Digitized by Google

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio;
E quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperâmos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio
Que inda bebe o licor do sancto rio.

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Digitized by Google

XI

Ouvi; que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas :
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço :
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria :
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co' a grande, e prospera victoria;
Outro Joanne invicto cavalleiro;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

Digitized by Google

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora :
Hum Pacheco fortissimo ; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora ;
Albuquerque terribil, Castro forte ;
E outros em quem poder não teve a morte.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado :
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado :
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado ;
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

Digitized by Google

XVII

Em vós se vem da Olympica morada,
Dos dous Avós as almas cá famosas;
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas :
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas :
E lá vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam :
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado :
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as velas concavas inchando :
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas.

Digitized by Google

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente :
Pisando o crystallino céo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete céos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o céo, a terra, e o mar irado :
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano :
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornára hum corpo humano;
Com huma corôa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Digitized by Google

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam :
Precedem os antiguos mais honrados ;
Mais abaixo os menores se assentavam :
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa grave, e horrendo.

XXIV

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo, e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno :
Pois contra o Castelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do Céo sereno :
Assi que sempre em fim, com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

Digitized by Google

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram :
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vèdes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve :
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

Digitized by Google

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e céos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos;
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX

Estas palavras Jupiter dizia;
Quando os deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Bacho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar à Lusitana gente.

XXXI

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

Digitized by Google

XXXII

Vè que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua do Parnaso :
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana,
Por quantas qualidades viá nella
Da antigua tão amada sua Romana :
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana;
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crè que he a Latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia que arrecea
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem ;
A qualquer seus amigos favorecem.

Digitized by Google

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida :
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava :
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho, e irado.

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro :
E dando huma pancada penetrante,
Co'o conto do bastão, no solio puro :
O céo tremeo; e Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

Digitized by Google

XXXVIII

E disse assi : O Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste;
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fòra, que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado :
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado ;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Céo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

Digitized by Google

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso;
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente;
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Céo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

Digitized by Google

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece;
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece;
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça; e de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram, na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas;
As velas, com que vem eram de esteira,
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

Digitized by Google

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias côres, brancos, e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adagas, e terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co' os pannos, e co' os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido, em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

Digitized by Google

L

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto;
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céos, e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado seu, buscando andâmos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle, o mar remoto navegâmos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India alguns sinais.

Digitized by Google

LIII

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação;
Que os proprios, são aquelles que criou
A natura sem lei, e sem razão.
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão;
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitàmos,
He em toda esta terra certa escala
De todos, os que as ondas navegàmos,
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessaria, procuràmos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco; e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

Digitized by Google

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão, e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co' o carro de crystal, o claro dia;
Dando cargo á irmãa que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os céos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas:
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Digitized by Google

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou,
No céo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as náos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O imperio tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;
E muito mais contente come, e bebe.

Digitized by Google

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII

E mais lhe diz tambem, que vêr deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para vêr se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co' os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão,
Por hum que a lingua escura bem sabia :
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa;
Busco as terras da India tão famosa.

Digitized by Google

LXV

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil:
E que do céo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao céo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto, e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres vêr, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras vêr como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

Digitized by Google

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente,
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse á India ser levado;
Diz-lhe, que o largo premio levarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

Digitized by Google

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto em fim co' a companhia,
Das náos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternel coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

Digitized by Google

LXXIV

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quizeram os deoses que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmettesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte.
Mas ha-se de soffrer que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra; e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

Digitized by Google

LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo :
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co' o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas :
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas,
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos :
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós ; e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

Digitized by Google

LXXX

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado,
Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

Digitized by Google

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano
Mouro, que por piloto á náo lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co' elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir, onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama co' os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas póde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario;
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

Digitized by Google

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co' a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e poem por terra:

Digitized by Google

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza:
Mas seguindo a victoria estrue, e mata
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou compra-la mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o páo, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado:
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Digitized by Google

XCII

Huns vão nas almadias carregadas;
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra, e rica presa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca accesa:
E vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra;
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes que tratava.

Digitized by Google

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.

XCVII

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede, lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

Digitized by Google

XCVIII

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique, esta ilha que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva, e guia.

Digitized by Google

CI

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas a ilha demandava:
Mas não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria;
Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

Digitized by Google

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o avisára
Na forma d'outro Mouro que tomára.

CV

O recado que trazem he de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.

CVI

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Céo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO SEGUNDO

INSTIGADO do demonio pertende El-Rei de Mombaça destruir os Navegantes : dispõe-lhes traições debaixo de fingida amizade : apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes : elle lhe promette favorece-los, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente : em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça : levão ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda benignamente.

OUTRO ARGUMENTO

Dar El-Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illustre, com mortal engano :
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano :
Jove os casos futuros lhe declara :
Apparece Mercurio ao Lusitano :
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

Digitized by Google

CANTO SEGUNDO

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada, e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as fingidas gentes se chegaram
A's náos, que pouco havia que ancoraram.

Digitized by Google

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via;
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra pódes reforma-la,
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV

E se buscando vás mercadoria,
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante;
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo,

Digitized by Google

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo, a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

Digitized by Google

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha, firme, segura, limpa, e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das náos se despedia, e o mar cortava :
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E, despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo, que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam :
Que onde reina a malicia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

Digitized by Google

XI

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura;
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento,
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

Digitized by Google

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo.
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo;
Que alli se agasalharam, e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'huma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI

Como isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziam
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

Digitized by Google

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas, e munições, que como vissem,
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem :
E nesta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando,
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Vôa do céo ao mar como huma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia :
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Digitized by Google

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa, em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo, com carga tão formosa:
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa;
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As náos ligeiras que hiam por diante.

XXII

Poem-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Quem em vão assopra o vento, a vela inchando:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

Digitized by Google

XXIII

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o pezo grande accomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a náo forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas; ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Digitized by Google

XXVI

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua e a nado se acolhiam:
De hum bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Digitized by Google

XXIX

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente :
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX

Oh caso grande, estranho, e não cuidado !
Oh milagre clarissimo, e evidente !
Oh descoberto engano inopinado !
Oh perfida, inimiga, e falsa gente !
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana ?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia,
Destes portos a póuca segurança ;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança :
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança ;
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

Digitized by Google

XXXII

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina.
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscâmos,
Pois só por teu serviço navegàmos.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

Digitized by Google

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, já se apresentára.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

Digitized by Google

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso huma tristeza misturada :
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada :
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse :
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo.
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo, he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Digitized by Google

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
O rosto banha en lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa;
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

XLII

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro;
Co'o vulto alegre, qual do céo subido
Torna sereno e claro o ar escuro;
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

Digitized by Google

XLIV

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais.
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades, e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos, e duros,
Delles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India livres, e seguros,
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Terão dadas na terra leis melhores.

Digitized by Google

XLVII

Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via,
As náos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado
Que quem vai contra os vossos claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Digitized by Google

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejôso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao céo blasphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada.
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

Digitized by Google

LIII

Nunca com Marte instructo, e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica:

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co'os incendios dos vossos, pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

Digitized by Google

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha :
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII

Já pelo ar o Cyllenéo voava ;
Com as azas nos pés á terra dece ;
Suá vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece :
Com esta, as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece :
Na cabeça o galero costumado ;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro ;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo, e preclaro :
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e modo.

Digitized by Google

LIX

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Céos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no céo, co'a luz alhea,
Tinham o largo mundo allumiado;
E só co'o somno a gente se recrea
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava.

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo; Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fugè que o vento, e o céo te favorece;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, n'outra parte,
Onde pódes seguro agasalhar-te.

Digitized by Google

LXII

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava :
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas ;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
Lá quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia e noite em quantidade :
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e saoia guia.

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz, e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Como novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava.

Digitized by Google

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o céo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força que se estima.

LXVI

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram,

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento:
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto,

Digitized by Google

LXVIII

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co' os ventos navegando, que respiram :
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram :
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não he o outro que fica tão manhoso;
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano :
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

LXX

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeo, como cuidava :
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos céos a India estava :
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

Digitized by Google

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito,
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lho dissera, deste geito,
O Cyllenéo em sonhos; e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava;
E Flora derramava o de Amalthea.
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o céo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores, e pandeiros;
E assi entravam ledos, e guerreiros.

Digitized by Google

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Pega no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra hum dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

Digitized by Google

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, côr ardente;
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Digitized by Google

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas :
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente?
Que barbaro costume, e usança fea,
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea?
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem ver-nos destruidos ?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa adjuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino :
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano, e raro.

Digitized by Google

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido,
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido :
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça :
Mas as merces, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos céos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande; e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

Digitized by Google

LXXXVI

E com risonha vista, e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento,

LXXXVII

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos
Piloto, munições, e mantimentos.

Digitized by Google

LXXXIX

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co' a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céo, a terra. e as ondas atroando,
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas, que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o céo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co' o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao céo, da gente;
O mar se via em fogos accendido;
E não menos a terra: e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

Digitized by Google

XCII

Mas já o céo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira;
Dos que vencem corôa verdadeira.

XCIV

Hum batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores;
Na cabeça huma fota guarnecida
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

Digitized by Google

XCV

Cabaia de damasco rico, e dino,
Da Tyria côr, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada;
C' hum resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI

Com hum redondo amparo alto de seda,
N' huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda,
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza:

Digitized by Google

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta, e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o murice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resoando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os tóldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brandos accendidos,
'apam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

Digitized by Google

CI

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos, que fizeram,
Quando nella ganharam a corôa
Do reino, onde as Hesperidas viveram.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram;
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

Digitized by Google

CIV

Ó tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o céo revolve, e rege a gente humana,
Pois de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achámos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Viverão teus louvores em memoria.

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as náos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas para o céo Vulcano fuzilando,
A frota co' as bombardas o festeja;
E as tromhetas canoras lhe tangiam;
Co' os anafis os Mouros respondiam.

Digitized by Google

CVII

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
N'agua o batel ligeiro que os levava,
Por fallar de vagar co' o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas excellentes,
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
De terra tua o clima, e região
Do Mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio de reino tão potente;
Co' os successos das guerras do começo,
Que sem sabe-las, sei que são de preço:

Digitized by Google

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado;
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta: que agora vem co' os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI

E não menos co' o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro:
Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e céo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

Digitized by Google

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado :
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO ÇANTO TERCEIRO

Pratica de Vasco de Gama com El-Rei de Melinde, em que lhe faz a descripção de Europa; dá-lhe conta dos principios do Reino de Portugal, de seus Reis (até El-Rei D. Fernando), e das suas acções principaes : feito notavel de Egas Moniz : vem a Portugal a Rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado : amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro : alguns successos del-Rei D. Fernando.

OUTRO ARGUMENTO

A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que Reis, que guerras teve;
Christo a Afonso se expõe crucificado;
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado :
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de hum gesto suave, e brando.

Digitized by Google

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o Illustre Gama :
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De que Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

Digitized by Google

II

Põe, tu Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio,
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo, e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

Digitized by Google

V

Além disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa; a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com sua salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterrano.

VII

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

Digitized by Google

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co' os que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.

X

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço de Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

Digitized by Google

XI

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o céo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Digitized by Google

XIV

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co' os muros naturaes, por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade;
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana, e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

Digitized by Google

XVII

Eis-aqui descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia,
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

Digitized by Google

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Céo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta he a ditosa patria minha amada;
Á qual se o Céo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vè que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Céo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

Digitized by Google

XXIII

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares;
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado :
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

Digitized by Google

XXVI

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sobjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deo a quem lho tinha dado :
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado;
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai, tal filho se esperava.

Digitized by Google

XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãi tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orpham deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI

De Guimaraens o campo se tingia
Co'o sangue propio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era o maior.

Digitized by Google

XXXII

Ó Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas deste erro principais :
Scylla por huma mata o velho pai,
Esta por ambas, contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto, e da iniqua mãi levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava :
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava :
Mas de Deos foi vingada em tempo breve :
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Digitized by Google

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimaraens está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado :
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que ella faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando sobmettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

Digitized by Google

XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vés aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta; e já entregado
Espera pelo golpe tão temido :
Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido :
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira, a piedade.

Digitized by Google

XLI

Oh grão fidelidade Portugueza,
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára.

XLII

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o céo regia;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

Digitized by Google

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis!

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o céo tocavam;
Dizendo em alta voz: « Real, Real,
Por Afonso alto Rei de Portugal. »

Digitized by Google

XLVII

Qual co'os gritos, e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago accendido,
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando :
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea :

Digitized by Google

L

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa :
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos, e forçosos;
Por toda a parte andava accesa a guerra :
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

Digitized by Google

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica :
Desbaratado, e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

Digitized by Google

LVI

A estas nobres villas sobmettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa :
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

Digitized by Google

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto,
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados :
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não póde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

Digitized by Google

LXII

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente;
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente;
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Afonso, que não sabe socegar,
Por estender co' a fama a curta vida.
Não se lhe póde muito sustentar
A cidade: mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

Digitized by Google

LXV

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente,
(Sentio-o a villa, e vio-o a serra della!)
Que a soccorre-la vinha diligente;
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado :

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co' os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante :

LXVII

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
No mais que só sessenta de cavallo.

Digitized by Google

LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece;
Ou para que se emende as vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece:
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãi que estava presa.

LXX

Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
batalha onde foi vencido, e preso.

Digitized by Google

LXXI

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente,

LXXII

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos; e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende; e os Cappadoces,
E Judéa que hum Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e sancto monte;

LXXIII

E posto em fim que desd' o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Afonso verás soberbo, e ovante,
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

Digitized by Google

LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro promontorio conhecido,
Á cidade Ulyssea foi trazido :

LXXV

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente, e co' o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co' o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

Digitized by Google

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o ceo :
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo,
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial :
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Da-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso :
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do estorço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

Digitized by Google

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co' a idade.

LXXXI

E co' a famosa gente á guerra usada,
Vai soccorer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio,
Dão louvores, e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

Digitized by Google

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Afonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
De larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito,
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram;
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Afonso, Afonso, os eccos : mas em vão.

LXXXV

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram.

Digitized by Google

LXXXVI

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa j perdida.

LXXXVII

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co' a gente em sêde accesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

Digitized by Google

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal, por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI

Morto despois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado.
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Digitized by Google

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannizado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de altivo, e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este que Afonso o bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

Digitized by Google

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co' o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania, com força, e bellica arte;
E acabou de opprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino prospero florece,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se,
A pizar de Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

Digitized by Google

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorre-la.

C

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

Digitized by Google

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados :
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados :
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha :

CIII

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha :
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha :
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Digitized by Google

CIV

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
Á miseranda gente de Castella :
Se esse gesto que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que senão corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

Digitized by Google

CVII

Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado:
E sómente co' o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Afonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

Digitized by Google

CX

Estão de Agar os netos, quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
Á nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo, e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido;
Com palavras soberbas, e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei commette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

Digitized by Google

CXIII

Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes : bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que alli seguiam,
Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o céo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue, e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CXV

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis; e inclinado,
Para o Ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado :
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

Digitized by Google

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co' o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento :
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois de JESU certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que despois de ser morta foi Rainha.

Digitized by Google

CXIX

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colliendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

Digitized by Google

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria :

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava :

Digitized by Google

CXXV

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos :
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia :

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãi de Nino já mostraram,
E co' os irmãos que Roma edificaram :

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

Digitized by Google

CXXVIII

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perde-la não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scytha fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Poem-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co' o amor intrinseco, e vontade,
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

Digitized by Google

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece :

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Digitized by Google

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co' a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram :
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vède que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas :
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

Digitized by Google

CXXXVII

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios :
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto :
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado,
N'hum falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

Digitized by Google

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruio
De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem Pœno prospero o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII

Mas quem póde livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso?

Digitized by Google

CXLIII

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave, e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia :
Mas antes tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO QUARTO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO QUARTO

Continua o Gama a prática com El-Rei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do Reino, por morte d'El-Rei D. Fernando : façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira : batalha, e victoria de Aljubarrota : diligencias que se fizerão para descubrir a India por mar, em tempo d'El-Rei D. João o II : como El-Rei D. Manoel conseguio esse fim, determinando esta viagem : prevenções para ella : embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

OUTRO ARGUMENTO

Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhano :
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro;
Dá-se batalha ; vence o Lusitano :
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por affinar a gloria Portugueza.

Digitized by Google

CANTO QUARTO

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento :
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento :
Assi no reino forte aconteceo.
Despois que o Rei Fernando falleceo.

Digitized by Google

II

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Céos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E como cousa em fim que o Céo destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV

Alteradas então do Reino as gentes,
Co' o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes,
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos, e parentes,
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

Digitized by Google

V

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
Quem, como Astyanax precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

Digitized by Google

VIII

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo,
Se foi, já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
A'quelles cujos golpes já provastes.

Digitized by Google

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos de seu reino se apparelha;
E não porque conselho lhe fallece,
Co' os principaes senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

Digitized by Google

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes;
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

XV

Como da gente illustre Portugueza,
Ha de haver quem refuse o Patrio marte?
Como, desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito,
O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa, que tiveram?

Digitized by Google

XVII

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co' os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo que co' o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes :
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem sobjugada :
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Digitized by Google

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças Africanas;
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida :

XXI

Desta arte a gente força, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações :
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo, e gritando á boca aberta :
« Viva o famoso Rei que nos liberta. »

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra com que a patria se sostinha;
Huns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com lettras e tenções de seus amores.

Digitized by Google

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto :

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retarguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

Digitized by Google

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astréa o Sol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Digitized by Google

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes, o temor
He maior muitas vezes que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quedas, co' as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Digitized by Google

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão :
Caso feo e cruel! Mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a Patria se alevanta :
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes : caso estranho!
Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros ;
Tantos dos inimigos a elles vão :
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co' as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

Digitized by Google

XXXV

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira, não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co' o sangue alheio : alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara :

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala :
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Digitized by Google

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX

Porque eis os seus accessos novamente
D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Céo, e os fados.

Digitized by Google

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo;
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas que passam deste mundo :
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas :
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas :
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida :
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

Digitized by Google

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo;
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas,

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria:
Com offertas despois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

Digitized by Google

XLVII

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

Digitized by Google

L

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céo supremo quiz que povoasse :
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d' antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei,
Não usou ella tanto desta lei.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita :
Mais o publico bem que o seu respeita.

Digitized by Google

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Senão quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

Este pôde colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pôde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

Digitized by Google

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII

Porém despois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.

Digitized by Google

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LX

Porém despois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Céo sereno,
O Principe que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes sobjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos,
Co' o senhorio de inclytos Hispanos.

Digitized by Google

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E dalli ás ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras, que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náo passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes, onde nascem tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

Digitized by Google

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas,
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram,
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro Céo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual (como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara,
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado:) no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidam quando cahem;

Digitized by Google

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
Revolvendo contino no conceito,
De seu officio, e sangue, a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras, e alimarias,
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil avores sylvestres, e hervas varias,
O passo, e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversação, por si mostravam,
Que desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

Digitized by Google

LXXI

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D' ambos de dous a fronte coroada,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d' outra parte vinha;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos, e coroa,
Grande parte dò mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

Digitized by Google

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro:
Est' outro he o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n' hum momento:
Acorda Manoel c' hum novo espanto.
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhãa no céo pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propoem-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

Digitized by Google

LXXVII

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se puzesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mi se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas,
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: O Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Digitized by Google

LXXX

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava;
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava:
Descer em fim ás sombras vãas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito, e carne he pronta.

LXXXI

Com merces sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d' amor, e d' amizade,
Não menos cobiçoso de honra, e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia, e de conselho,
D' experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece

Digitized by Google

LXXXIII

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o véo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C' hum alvoroço nobre, e c' hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca area,
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo :)
As náos prestes estão : e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados,
De varias cores vem, e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes :
Ellas promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

Digitized by Google

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e réceio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente, concorria,
Saudosos na vista, e descontentes :
E nós co' a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

Digitized by Google

LXXXIX

Em tão longo caminho, e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c' hum choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: O filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro;
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo?
A fazer o funero enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?

Digitized by Google

XCII

Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço poem a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade :
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros sem a vista alevantarmos,
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado :
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho d' aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C' hum saber só d' experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito :

Digitized by Google

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamâmos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C' huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI

Dura inquietação d' alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d' algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D' ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Digitized by Google

XCVIII

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia,
Não sómente do reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia :
Mas inda d' outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d' armas te deitou :

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza, e feridade,
Puzeste nome, esforço, e valentia;
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perde-la quem a dá :

C

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

Digitized by Google

CI

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

CII

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do céo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

Digitized by Google

CIV

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector, co' o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro, fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misèra sorte! Estranha condição!

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO QUINTO

Prosegue Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocárão, e gentes que virão até ao Cabo de Boa Esperança : caso de Fernão Velloso : fabula do Gigante Adamastor : continuação da viagem até Melinde, em que dá fim a prática, estabelecida a paz, e huma verdadeira amizade entre o Gama, e aquelle Rei.

OUTRO ARGUMENTO

Relata o Gama illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernaõ Velloso a ousadia :
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que hum dos filhos da Terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e saõ conforto.

Digitized by Google

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos :
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céo ferimos,
Dizendo ; Boa viagem : logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

Digitized by Google

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar, e ceo.

IV

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, e lugares,
Terra que Antheo n' hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d' outra, mas suspeita.

Digitized by Google

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

Digitized by Google

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Lográmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

Digitized by Google

XI

As Dorcadas passámos, povoadas
Das irmãas, que outro tempo alli viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d' hum só olho se serviam.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De viboras encheste a ardente areia.

XII

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co' o cabo, a quem das Palmas nome demos :
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co' a ilha illustre que tomou
O nome d' hum, que o lado a Deos tocou.

XIII

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

Digitized by Google

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della :
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d' estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo;
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

Digitized by Google

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-sé
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

Digitized by Google

XX

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando;
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d' agua em si tomada.

XXI

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co' o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa, e cria;
Alli se enche, e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.

XXII

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céo chovendo em fim voou,
Porque co' a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

Digitized by Google

XXIII

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta, que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co' a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Co' os olhos no horizonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

Digitized by Google

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo não pizou :
Porém eu co' os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha,
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo
Nem elle entende a nós nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo :
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria ;
A nada disto o bruto se movia.

Digitized by Google

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fòra vinha.

Digitized by Google

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e outro lhe sahem; ve-se em pressa
Velloso, sem que algum lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida :
Mas nós como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada :
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a vela.

Digitized by Google

XXXV

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI

Contou então que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, senão torna, alli mata-lo:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para toma-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porém já cinco soes eram passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d' outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Digitized by Google

XXXVIII

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo :
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n' algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada !
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida :
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo :
C' hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo :
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

Digitized by Google

XLI

E disse : Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas :
Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas :
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
Nunca arados d' estranho, ou proprio lenho :

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento :
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas :
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

Digitized by Google

XLIV

Aqui espero tomar, senão me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão merce lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado,
Os deixará d' hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Digitized by Google

XLVII

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos;
Despois de ter pizada longamente
Co' os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

Digitized by Google

L

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Digitized by Google

LIII

Como fosse impossibil alcança-la
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de toma-la,
E a Doris este caso manifesto :
De medo a deosa então por mi lhe falla ;
Mas ella c' hum formoso riso honesto,
Respondeo ; qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d' hum gigante?

LIV

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano ;
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida :
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

Digitized by Google

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando c' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d' hum penedo outro penedo.

LVII

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o céo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

Digitized by Google

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX

Assi contava, e c' hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c' hum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

Digitized by Google

LXII

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas,
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas :
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas,
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d' outras peças que levaram :
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos,

Digitized by Google

LXV

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do céo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar hum tempo andámos em porfias,
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co' o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Digitized by Google

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente :
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX

Desta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal,
Da desejada parte Oriental.

LXX

Ora imagina agora quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados.
Por climas, e por mares não sabidos :
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por céos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

Digitized by Google

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu que se este nosso ajuntamento
De soldados, não fôra Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada:
Porque ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Digitized by Google

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada e geme;
A proa inclina d' huma, e d' outra náo:
Quando indo o coração que espera e teme,
E que tanto fiou d' hum fraco páo,
Do que esperava já desesperado,
Foi d' huma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam, e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavam:
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam:
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Digitized by Google

LXXVII

Pela Arabica lingua que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por náos que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende :
Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais :
Pelos signaes que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais :
Hum padrão nesta terra alevantámos;
Que para assignalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas e immundas.
Dos hospedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Digitized by Google

LXXX

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Céo sereno se dispensa;
Com esta condição pezada e dura
Nascemos; o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

Apodrecia c' hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

Digitized by Google

LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Recebêrão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e ves-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

Digitized by Google

LXXXVI

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a vêr do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII

Esse que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argos, e Salamina:
Ess'outro que esclarece toda a Ausonia,
A cuja voz altisona e divina
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co' o som se ensoberbece:

LXXXVIII

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que co' o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

Digitized by Google

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d' animo, e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

Digitized by Google

XCII

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o céo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima, e ama
Com dons, merces, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

Digitized by Google

XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI

Vai Cesar sobjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Latia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

Digitized by Google

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama,
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

C

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he sómente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO SEXTO

Sahe Vasco da Gama de Melinde, e em quanto navega prosperamente, desce Baccho ao mar : descripção do Palacio de Neptuno : convoca o mesmo Baccho os Deoses maritimos, e lhes persuade destruão aos navegantes : em quanto isto se passa, refere Velloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra : levanta-se horrorosa tormenta : he aplacada por Venus, e pelas Nymphas : com bonança chegão finalmente a Calecut, ultimo, e desejado termo desta navegação.

OUTRO ARGUMENTO

Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento :
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os Deoses do humido elemento :
Conta Velloso, aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento :
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.

Digitized by Google

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes;
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho,

Digitized by Google

II

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento;
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o espirito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

Digitized by Google

V

Outras palavras taes lhe respondia
O capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d' antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII

Via estar todo o Céo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no póde estorvar, que destinado
Está d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

Digitized by Google

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias alli de prata fina;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina :
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vè, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace :
E vè primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

Digitized by Google

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara forma alli estava esculpida
Das aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N' outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co' os gigantes;
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

Digitized by Google

XIV

Pouca tardança fez Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando;
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando,
De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Ouçam todos o mal que toca a todos.

XVI

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

Digitized by Google

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento;
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

Digitized by Google

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerára;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoára:
O propheta Proteo deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cœlo, e Vesta filha,
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha;
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não he para esconder-se:

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co' os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão; igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

Digitized by Google

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado :
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria ; e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co' o Thebano tinha assento igual :
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

Digitized by Google

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co' o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII

Principe, que de juro senhoreas
D' hum polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreas
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra, e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

Digitized by Google

XXIX

Vistes que com grandissima ousadia
Foram já commetter o céo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo:
Vistes; e ainda vemos cada dia,
Soberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar e do céo, em poucos annos,
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração
Que d' hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

Digitized by Google

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do céo desci,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi :
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo :
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses, que a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no céo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quer dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d' agua em fogo.

Digitized by Google

XXXV

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou;
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII

Já lá o soberbo Hippotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o céo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

Digitized by Google

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam.
Os olhos contra seu querer abertos
Mas estregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado;
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

Digitized by Google

XLI

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, e robusta,
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Digitized by Google

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em tães damas não ha, para ser damas.

XLV

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI

Mas como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Céo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

Digitized by Google

XLVII

Era este Inglez potente, e militára
Co' os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella :
Não menos nesta terra exprimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz : Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadla,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

Digitized by Google

L

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes;
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

Digitized by Google

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

Digitized by Google

LVI

Assi diz; e, abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte :
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte ;
Navarra, co' os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte :
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande imperio foi parar de Frandes.

LVII

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias :
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos, e animados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
De entrar em campo já co' os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado :
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes :
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes :
Vestem-se ellas de cores, e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

Digitized by Google

LIX

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro, nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n' hum sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d' animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rígido diamante.
Mas enxerga-se n' hum e n' outro bando
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Digitized by Google

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual co' o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

Digitized by Google

LXV

Algum dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo :
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n' outra parte o dono sem cavallo :
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres, já fóra vão do vallo :
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo, com fabulas sonhadas :
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e affamadas,
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria :
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chara terra.

Digitized by Google

LXVIII

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes :
E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C' hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento;
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d' huma e d' outra banda :
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das graveas tomar manda :
Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

Digitized by Google

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem: mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, c' hum ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O céo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a náo pendente
Toma grão somma d' agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando:
« Á bomba, que nos imos alagando. »

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náo, n' hum bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d' huma e d' outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

Digitized by Google

LXXIV

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d' impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel :
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d' hum batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

Á náo grande em que vai Paulo da Gama
Quebrando leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada : a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo :
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo :
A noite negra, e fea, se allumia
Co' os raios em que o polo todo ardia.

Digitized by Google

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o céo fossem viradas;
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Digitized by Google

LXXX

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil póde, desta sorte :

LXXXI

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os céos, o mar, e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erythreas :
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos
D' outro Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

Digitized by Google

LXXXIII

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé, nas terras Mauritanas :
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della !

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro, no horizonte
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte :
A deosa que nos céos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

Digitized by Google

LXXXVI

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse : mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve :
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á profia.
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII

Assi foi, porque tanto que chegaram
Á vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d' antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem :
Os pés, e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya :

Digitized by Google

LXXXIX

Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não poens a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.

XC

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em ve-la se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

Digitized by Google

XCII

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa;
Disse alegre o Piloto Melindano,
« Terra he de Calecut, » se não me engano.

XCIII

Esta he por certo a terra que buscais,
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A merce grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Digitized by Google

XCV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos

XCVI

Não co' os manjares novos e exquisitos,
Não co' os passeios molles e ociosos,
Não co' os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos;
Não co' os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c' hum arduo soffrimento:

Digitized by Google

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX

Desta arte, se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO SEPTIMO

Digitized by Google

ARGUMENTO

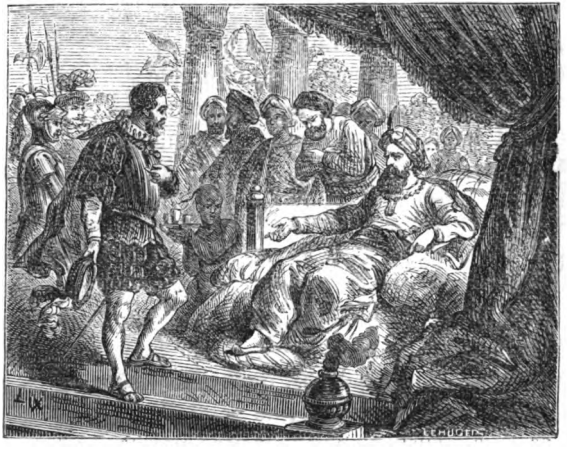
DO CANTO SEPTIMO

Por occasião deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel e poetica exhortação aos Principes Christãos, acordando-lhes semelhantes empresas : descripção do Reinho de Malabar, em que jaz o Imperio de Calecut, em cujo porto a Armada dá fundo : recebe o Imperador, ou Samori ao Gama com honradas demonstrações : apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra : vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

OUTRO ARGUMENTO

Dá fundo a frota a Calecut chegada ;
Manda-se mensageiro ao Rei potente ;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente :
Faz Gama ao Samori sua embaixada ;
É recebido bem da Indica gente :
Co' o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

Digitized by Google



CANTO SEPTIMO

I

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no céo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

Digitized by Google

II

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céo rotundo:
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Céos está em essencia:

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do céo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vède-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vède-lo em feas guerras occupado,
Que inda co' o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

Digitized by Google

V

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

VII

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Digitized by Google

VIII

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Comtigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX

O miseros Christãos: pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes, que tem por uso, e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós, sois vossos inimigos.

Digitized by Google

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veias:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: duro tributo!
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

Digitized by Google

XIV

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegára.

XV

E vejamos em tanto que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
Rei, que a terra toda possuia.

Digitized by Google

XVII

Além do Indo jaz, e áquem do Gange,
Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra hũa longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilão insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

Digitized by Google

XX

Mas agora de nomes, e de usança,
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, são mais abundantes:
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente;)
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica, e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

Digitized by Google

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a ve-lo todo o povo.

XXIV

Entre a gente que a ve-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fôra na região da Barbaria,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est' outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

Digitized by Google

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava.
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria :
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria ;
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece ;
Como se longa fòra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece :
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece ;
Sobem á capitaina; e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

Digitized by Google

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódopé o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro,

XXX

Elle começa : Ó gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho;
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d' outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado :
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Digitized by Google

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama :
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama :
De diversos Reis he, mas d' hum só fora
N' outro tempo, segundo a antigua fama :
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro.

XXXIII

Porém como a esta terra então viessem,
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal, de sabios, e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica :
Antes que parta, o reino poderoso
Co' os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

Digitized by Google

XXXV

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI

Esta lhe dá co' o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e sómente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

Digitized by Google

XXXVIII

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio
D' outro não podem receber consorte;
Nem os filhos teraõ outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria:
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo, e de grande preeminencia:
Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

Digitized by Google

XLI

Geraes são as mulheres; mas sómente
Para os da geração de seus maridos :
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos :
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII

Assi contava o Mouro : mas vagando
Andava a fama já pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade :
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandára
O capitão da armada que chegára.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado :
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado :
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

Digitized by Google

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama :
Já na terra nos braços o levava,
E n' hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que va, (costume usado)
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV

Desta arte o Malabar, dest' arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera :
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera :
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama, e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr' elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

Digitized by Google

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia :
Vem-se as abominaveis esculpturas;
Qual a Chimera em membros se varia :
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro n' hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão :
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co' os que vem ver o estranho Capitão :
Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

Digitized by Google

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos :
Edificam-se os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos :
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade :
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava :
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava ;
Tão proprio, que se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Digitized by Google

LIII

Mais avante bebendo secca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio,
De huma tão bella, como incontinente :
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia :
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, e sobjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas :
D' hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão :
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Estas que agora olhais, abaterão :
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

Digitized by Google

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Céo não val da gente manha :
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha,
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII

Assi fallando entravam já na sala,
Ondè aquelle potente Imperador
N' huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor :
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor :
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
Co' os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

Digitized by Google

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os sêus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O céo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co' a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda;
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

Digitized by Google

LXII

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e náos; de qualidade
Que por irmão te tenha, e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera.

Digitized by Google

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados,

LXVI

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova,
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui visinha.

Digitized by Google

LXVIII

Que particularmente alli lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna : Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sómente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famosos :
E não contentes inda, e na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

Digitized by Google

LXXI

Não menos tem mostrado esforço, e manha,
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns que do Pyrene deçam :
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende :
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII

Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava :
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava :
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Digitized by Google

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A seita Epicurea experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrára á gente:
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo, o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

Digitized by Google

LXXVII

Alça-se em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte; e o Mauritano
Os olhos poem no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito venerando;
Cujo nome não póde ser defunto
Em quanto houver no mundo trato humano :
No trajo a Grega usança está perfeita;
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos :
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Cantoce, que á morte se condena,
N' huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Digitized by Google

LXXX

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado :
Agora ás costas escapando a vida,
Que d' hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem :
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

Digitized by Google

LXXXIII

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça :
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei,
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei :
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio :
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

Digitized by Google

LXXXVI

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO OITAVO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO OITAVO

Vè o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaraçaõ que dellas lhe faz Paulo da Gama : origem do nome Lusitania : feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até El-Rei D. Affonso V : manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada; elles o informão contra os navegantes : pretendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

OUTRO ARGUMENTO

Vem-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores
De hymnos, e de versos numerosos :
Como de Calecut os Regedores,
Consultam os Haruspices famosos;
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.

Digitized by Google

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada :
« Quem era, e porque causa lhe convinha
« A divisa que tem na mão tomada? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

Digitized by Google

II

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos :
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos :
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou :
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino usou :
Do Douro, Guadiana, o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar, aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro, e filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica :

Digitized by Google

V

Ulysses he o que faz a sancta [illegible]a
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affamado;
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primor que com Pyrrho já tiveram:

VII

Com força não, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

Digitized by Google

VIII

Vès, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter valídas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas :
Olha tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas;
A fatidica Cerva que o avisa;
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX

Olha est' outra bandeira, e vè pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros :
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros :
Despois de ter co'os Mouros superado
Gallegos, e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X

Quem he, me dize, est' outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

Digitized by Google

XI

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem, no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma :
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma;
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente :
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vè que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido :
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido :
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

Digitized by Google

XIV

Ve-lo cá vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhano :
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano :
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante :
Este pelo seu povo injuriado,
Assi se entrega só, firme e constante;
Est' outro assi, e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI

Vès este que sahindo da cilada
Dá sobre o Rei, que cérca a villa forte;
Já o Rei tem preso, e a villa descercada :
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vè-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria :

Digitized by Google

XVII

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co' o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente :
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Céos, com justa palma.

XVIII

Não vês hu' ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova :
Por elles mostra Deos milagre visto :
Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança;
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira :

Digitized by Google

XX

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra :
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co' os ossos cerra;
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias.
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava : feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII

Não vês hum Castelhano, que aggravado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co' os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis que traz comsigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente :

Digitized by Google

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar póde a palma, e o louro.
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro :
Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro ;
Olha o signal no céo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV

Vès, vão os Reis de Cordova, e Sevilha,
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço ;
Rotos ? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço !
Vès, já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
Que a corôa de palma alli corôa ?

XXV

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista :
Com manha, esforço, e com benigna estrella,
Villas, castellos toma á escala vista.
Vès Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores :

Digitized by Google

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente :
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII

Ve-los, co' o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXVIII

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

Digitized by Google

XXIX

Olha por seu conselho, e ousadia
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pôde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço, e valentia,
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Ve-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse.

XXXI

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

Digitized by Google

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vè que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vè que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

Digitized by Google

XXXV

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem :
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem :
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo, e no moderno!

XXXVI

Sabe-se antiguamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram :
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos por ser poucos não temamos;
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha cá dous Infantes Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne :
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Digitized by Google

XXXVIII

Vès o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria :
Vès outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia :
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam :
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres que já deram
Principio á geração que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos ! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

Digitized by Google

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham:
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que côres vãas lhe não convenham;
E como a seu contrario natural,
Á pintura que falla querem mal.

XLII

Não nego que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta:
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

Digitized by Google

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da náo forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançára
Nas entranhas das victimas que olhára.

Digitized by Google

XLVII

A isto mais se ajunta, que hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede;
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi : Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho : mas comsigo
Cuida que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo : Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rudo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

Digitized by Google

L

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI

Isto dito, elle, e o somno se despede;
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres, e contrários
Alli se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traïções, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

Digitized by Google

LIII

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso à consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

Digitized by Google

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto :

LVII

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
Que despois que levasse esta certeza,
Armas, e náos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei sobmetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era d' espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros :

Digitized by Google

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito :
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça :
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres :
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava ;
A quem chegado disse : Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida :
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas,
Tão incertas viagens, e remotas?

Digitized by Google

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dons altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que signal nem penhor não he bastante,
As palavras d' hum vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d' alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
C' huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influïa,
Taes palavras do sabio peito abria:

Digitized by Google

LXV

Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicia
Na geração de Adão, co' a falsidade;
Ó poderoso Rei da torpe seita,
Não concebêras tu tão má suspeita.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrario, que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

Digitized by Google

LXVIII

Se com grandes presentes d' alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo :
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram :
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
's derradeiras praias que lavavam.

Digitized by Google

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro :
Este, por sua industria, e engenho raro,
N' hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os succesos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna :
Rompendo a força do liquido estanho
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

Digitized by Google

LXXIV

Esta he a verdade, Rei : que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio :
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada :
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se,
Que facil he a verdade d' entender-se.

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia :
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

Digitized by Google

LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
Ás náos se vá, e seguro d' algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação que o leve as náos lhe pede:
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Digitized by Google

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse :
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendera.

LXXXI

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente :
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente :
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas náos, e não lhe val;
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
« Porque razão lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal;
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Não póde ser por outrem derogado ? »

Digitized by Google

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo;
Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar á terra as náos, que longe estão,
Porque melhor dalli fosse, e tornasse:
Signal he de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

Digitized by Google

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama :
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n' outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo, aqui e alli, e dessocegado :

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrára
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co' os bateis, como ordenára :
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixára,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava, dos feros Mahometanos.

Digitized by Google

LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co' o dom de Marte
Imitar os illustres, e iguala-los :
Voar co' o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evita-los :
Com militar engenho, e subtil arte,
Entender os imigos, e engana-los;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga : Não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada :
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armada, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei : mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

Digitized by Google

XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha :
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha :
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual :
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil, o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Digitized by Google

XCV

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo que já lhe não convinha
Tornar á terra, porque não pudesse
Ser mais retido, sendo ás náos chegado
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas náos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse, e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro :
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d' ouro :
Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

Digitized by Google

XCVIII

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos :
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos :
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos :
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos : este faz, e desfaz leis :
Este causa os perjurios entre a gente :
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr, com tudo, de virtude.

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO NONO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO NONO

Livre já das traições, e perigos que o ameaçavão, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o Reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental : encaminha-o Venus a huma Ilha deliciosa : descripção da mesma Ilha : desembarque dos navegantes : festivas demonstrações com que alli são recebidos, das Nereidas os soldados, e de Tethys o Gama.

OUTRO ARGUMENTO

Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra huma Insula excellente :
Aqui de todo bem soffrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.

Digitized by Google

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha, e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores :
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

Digitized by Google

II

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana,
Da religiosa agua Mahometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldão, que esse reino possuïa.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

IV

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

Digitized by Google

V

Mas o Governador dos céos, e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera :
Muitas vezes as náos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano :
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

Digitized by Google

VIII

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás náos: e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

IX

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse, com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n' huns, que ás náos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X

Eram estes, antiguos mercadores
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co' o peito duro a barra.

Digitized by Google

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava :
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente;
Desculpas manda o Rei de seus enganos :
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.

Digitized by Google

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandára,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprára :
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co' a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva,
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d' escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, temidos e ledos.

Digitized by Google

XVII

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios céos, e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhára
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum, tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de crystal liquido, e manso:

Digitized by Google

XX

Algum repouso em fim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao céo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma insula divina,
Ornada d' esmaltado e verde arreio :
Que muitas tem no reino que confina
Da primeïra co' o terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII

Alli quer que as aquatiças donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com danças, e choreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

Digitized by Google

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido :
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou já, nest' outra a ajude, e siga.

XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando :
Ella por onde passa, o ar, e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

XXV

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

Digitized by Google

XXVI

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feio animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana :
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina :
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sãa doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam sómente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade.
Da feia tyrannia, e de aspereza,
Fazem direito, e vãa severidade :
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

Digitized by Google

XXIX

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja :
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co' a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando;
Trabalhando cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes :
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima, e não consume.

Digitized by Google

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam,
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam,
Dos que feridos vão da setta aguda :
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos;
Mas poem em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas, e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias,
Por palavras subtis de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando :
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli, e Cinyrea;
Hum mancebo de Assyria; hum de Judea

Digitized by Google

XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes :
Mas eu creio que deste amor indino,
He mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céo se atreve,
A recebe-la vem, ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz : Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

Digitized by Google

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso,
Puderam mais ser mortos, que cansados :
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio, e doce gloria,
Do trabalho que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
D' amor dos Lusitanos incendidas
Que vem de descobrir o novo mundo;
Todas n' huma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano, terei apparelhada,
De dons de Flora, e Zephyro adornada :

Digitized by Google

XLI

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas;
D' amor feridas para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella,
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella :
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

Digitized by Google

XLIV

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira :
A deosa Gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV

Vão a buscar, e mandam a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d' outrem celebrára :
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhára ;
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quesquer propositos tomados,
Já julga por máo zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

Digitized by Google

XLVII

Despede nisto o fero moço as settas
Huma após outra; geme o mar co' os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama;
Que tanto como a vista póde a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lua,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mas que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta alguma,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

XLIX

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas, e redondas,
Que vem por cima de agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

Digitized by Google

L

Já todo o bello coro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus os guiava:
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada;
Rompendo pelo céo a mãi formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

Digitized by Google

LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa :
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N' hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se :
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Digitized by Google

LVI

Mil arvores estão ao céo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos :
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co' os pesos amarellos;
Os formosos limões, alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos :
Myrtos de Cytherea, co' os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraiso.

LVIII

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores :
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio

Digitized by Google

LIX

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu rubi teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c' huns cachos roxos, e outros verdes :
E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fora,
No céo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella :

Digitized by Google

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona :
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona :
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

A longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n' agua crystallina e bella :
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas;
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas arpas, e sonoras frautas,
Outras co' os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

Digitized by Google

LXV

Assi lho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cobiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII

Alguns que em espingardas, e nas béstas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos, e florestas,
Determinadamente se lançavam :
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave, e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

Digitized by Google

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a vista julga, e sente,
Que não eram das rosas, ou das flores;
Mas da lãa fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o Gentio antiguo rito,
A deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas, e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, velocíes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

Digitized by Google

LXXI

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e da outra as fraldas delicadas :
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas :
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia,
Quem a seguio pela arenosa praia..

LXXII

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam :
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n' agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado, (que co' a mora
De se despir, ha medo que inda tárde)
A matar na agua o fogo que nelle arde.

Digitized by Google

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha, ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n' agua, e da presa não duvida,
Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fôra delle maltratado;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança :

LXXVI

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deo para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia :
Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

Digitized by Google

LXXVII

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Ó não na creas; porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não canses, que me cansas : e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera : quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo,
« Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

LXXIX

Ó não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve,
A quebrantar a furia da ventura?
Que em quanto desejei me vai seguindo;
O que tu só farás não me fugindo.

Digitized by Google

LXXX

Poens-te da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo;
Que ou tu não soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

Digitized by Google

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhãa, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimenta-lo que julga-lo,
Mas julgue-o quem não póde exprimenta-lo.

LXXXIV

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas, co' os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

Digitized by Google

LXXXVI

Que despois de lhe ter dito quem era,
C' hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influição do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado,
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia :

LXXXVII

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
Para o cume d' hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino :
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII

Assi a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
N' huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

Digitized by Google

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada :
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

XC

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama;
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso :

XCI

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co' os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos :
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

Digitized by Google

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merece-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

Digitized by Google

XCV

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co' os conselhos bem cuidados,
Agora co' as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados :
Impossibilidades não façais,
Que quem quiz sempre póde : e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

Digitized by Google

ARGUMENTO

DO CANTO DECIMO

Convite de Tethys aos navegantes : canção prophetica da Sirena, em que toca as principaes façanhas, e conquistas dos Vice-Reis, dos Governadores, e Capitães Portuguezes na India, até D. João de Castro : sobe Tethys com o Gama a hum monte, desde o qual lhe mostra a Esphera celeste, e terrestre : descripção do Orbe, especialmente da Asia, e Africa : sahem da Ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegão felizmente a Lisboa.

OUTRO ARGUMENTO

Ás mesas de vivificos manjares,
Com as Nymphas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accentos numerosos :
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os Céos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo tão querido.

Digitized by Google

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera, inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes :
O grande ardor do Sol Favonio enfrea,
Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins que a calma aggrava.

Digitized by Google

II

Quando as formosas nymphas co' os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d' altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama;
N' outras, á cabeceira, d' ouro finas,
Está co' a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no intern
Coração movem subita alegria,
Saltando co' a mistura d' agua fria

Digitized by Google

V

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis, e argutos ditos,
Que entre hum, e outrô manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar de eterna pena,
C' huma voz d' huma angelica Sirena.

VI

Cantava a bella nympha, e co' os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII

Com doce voz está subindo ao céo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N' hum globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse; e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

Digitized by Google

VIII

Materia he de cothurno, e não de socco,
A que a nympha apprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui minha Calliope te invoco,
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono :
Mas, tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co' o que quero á nação minha!

X

Cantando a bella deosa, que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira :
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte :

Digitized by Google

XI

Cantava d'hum, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co' os singulares
Barões os nós que dera d' amizade,
Soffrerá suas cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente :
Que taes odios terá co' a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano :
O peso sentirão, quando entraria
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n' agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Digitized by Google

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor :
Fará que todo o Naire em flm se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D' ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas.
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem azas,
Por dous passos n' hum tempo : mas voando
D' hum n' outro, tudo irá desbaratando.

Digitized by Google

XVII

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime :
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Céo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava,
Mas com tudo este só o fará confuso :
Trará para a batalha horrenda e brava,
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que atelli vão lhe fòra commette-las.

XIX

Pela agua levará serras de fogo
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no Marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma :
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

Digitized by Google

XX

Por que tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados;
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario estrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

Digitized by Google

XXIII

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro :
Em ti, e nelle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro :
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N' huma apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

Digitized by Google

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu, queimada e feia,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos, e artificios,
Contra os Lusos, com velas e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co' a ferrea pella
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Despois, lançando arpeos ousadamente
Na capitaina imiga; dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada,
De quatro centos Mouros depejada,

Digitized by Google

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se apprende :
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficára :
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co' a alma o corpo se liara :
Ella solta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

Digitized by Google

XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d' hum carvalho, ou alta fàia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

Digitized by Google

XXXV

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas :
A de Melique Yaz acautelada,
Co' os pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores :
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores :
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII

Mas ah, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, e negro vejo !
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co' os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que naõ tiraram toda a India, e Egyto.

Digitized by Google

XXXVIII

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se affamam!

XL

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que o Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Pérseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando.
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

Digitized by Google

XLI

Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate :
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros,
Na luz que sempre celebrada, e'dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

Digitized by Google

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

Digitized by Google

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas c' huma escrava vil, lasciva, e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co' os seus huma ira insana não refreia,
Poem na fama alva, noda negra e feia.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthea, em fogo ardente,
Que elle tomára em guarda, e promettia
Que nenhum máo desejo o venceria.

XLIX

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n' hum caso grande em recompensa.
Por força, de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

Digitized by Google

L

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co' as derradeiras
Praias de Abassia : Barborá se teme
Do mal de que o emporio Zeila geme.

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana,
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho,
Para ti grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

Digitized by Google

LIII

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado :
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co' os titulos de Conde, e d' honras nobres,
Virás mandar a terra que descobres.

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co' a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV

Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d' alma todos sete :
De cobiça triumpha, e incontinencia;
Que em tal idade he summa de excellencia.

Digitized by Google

LVI

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N' hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co' o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas, e sobmettas.

LVIII

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, e semrazão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua e inteira.

Digitized by Google

LIX

Mas com tudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co' a vista só perdida e rota,
Por Heitor da Sylveira, e destroçada :
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme :
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém, que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

Digitized by Google

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta;
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do imperio; cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio :
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

Digitized by Google

LXV

Destruïrá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida :
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co' o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o marcio jogo.

LXVI

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala :
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita, e feia.

LXVII

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co' as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

Digitized by Google

LXVIII

Persas feroces, Abassis, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co' os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao céo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

Digitized by Google

LXXI

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Com restante da gente Lusitana;
E com força, e saber que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana :
Huns paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana :
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII

Estes e outros Barões, por varias partes,
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha;
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

Digitized by Google

LXXIV

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas, »
N' huma consona voz todas soavam,
« Não vos hão de faltar, gente famosa,
« Honra, valor, e fama gloriosa! »

LXXV

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia, e doce suavidade,
Viram os altos feitos, que descobre
Tethys, de graça ornada, e gravidade;
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI

Faz-te merce, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co' os olhos corporais
Veres o que não póde a vãa sciencia
Dos errados, e miseros mortais!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co' os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Digitized by Google

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Com a sua superficie, claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s' ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim por divina arte:

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

Digitized by Google

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e meta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea; onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturnõ, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

Digitized by Google

LXXXIII

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensína-lo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta :
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando :
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente.

LXXXV

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda :
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda;
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga; he o Mobile primeiro.

Digitized by Google

LXXXVI

Com este rapto e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio :
Por obra deste, o Sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e sobjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII

Olha est' outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes :
Bem vês como se veste e faz ornado
Co' o largo cinto d' ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo :
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo :
Vê de Cassiopea a formosura,
E do Orionte o gesto turbulento,
Olha o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Náo, e a doce Lyra.

Digitized by Google

LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento
Vès o céo de Saturno deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claro olho do céo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n' huns grave, e n' outros leve:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve;
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem co' o mar a terra por seu centro.

XCI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentam,
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

Digitized by Google

XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza :
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza;
Co' o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza :
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua :
Nasce por este incognito hemispherio
O metal porque mais a gente sua :
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos :
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

Digitized by Google

XCV

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Meroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso e charo;
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações, que parte Africa tem,
Maçuá são, Arquico, e Suanquem.

Digitized by Google

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antiguamente,
Dizem que foi dos Heroas a cidade;
Outros dizem que Arsinoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

Olha o monte Sinái, que se ennobrece
Co' o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos céos se não deriva.

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque alli sabida.

Digitized by Google

CI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras :
Mas attenta já cá de est' outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

Olha o cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes;
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Á côr da Aurora; e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve

Digitized by Google

CIV

Aqui de dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando como muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara :
Virão provar os golpes e revezes
De dom Pedro de Sousa, que provára
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força só de espada.

CV

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della :
Carmania teve já por appellido ;
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D' outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada ;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada ;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

Digitized by Google

CVII

Vès corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

As provincias, que entre hum e outro rio
Vès com varias nações, são infinitas;
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, varão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica :
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica :
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passára
Provincias mil do mundo, que ensinára.

Digitized by Google

CX

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se, nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brahmenes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

Digitized by Google

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata; logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

Digitized by Google

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle : hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mata-lo em fim de tudo.

CXVII

Hum dia que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido :
Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao céo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No sancto dá já a tudo offerecido :
Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste!
Mas os Anjos do céo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

Digitized by Google

CXIX

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

Digitized by Google

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'huma mulher e hum cão, que sós se acharam:
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem que desta terra, co' as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que já d' antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

Digitized by Google

CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita,
Daqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

CXXVII

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d' outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio;
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

Digitized by Google

CXXVIII

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais affamada que ditosa.

CXXIX

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se affama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd' o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio, e o outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica.
Estes, o Rei que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

Digitized by Google

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta, meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co' a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas :
Vê Tidore, e Ternate, co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas :
As arvores verás do cravo ardente,
Co' o sangue Portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo :
Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que camphora he chamado ;
Com que da ilha o nome he celebrado.

Digitized by Google

CXXXIV

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso;
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo que nelle cahe.

CXXXV

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

Digitized by Google

CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co' o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa :
De São-Lourenço vê a ilha affamada,
Que Madagascar he d' alguns chamada.

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tamhem razão, que no Ponente
D' hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo :
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo :
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

Digitized by Google

CXL

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co' o páo vermelho nota;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la-ha a primeira vossa frota :
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D' huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli visinha.
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co' o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas :

Digitized by Google

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse : e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada :
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno ;
E á sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D' huma austera, apagada, e vil tristeza.

Digitized by Google

CXLVI

E não sei porque influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII

Olhai que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes,
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

Digitized by Google

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs; toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido, e fervente,
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

Digitized by Google

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d' exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado :
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Digitized by Google

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada:
Se me isto o céo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

DOS

NOMES PROPRIOS

QUE SE CONTÉM

NO POEMA DOS LUSIADAS

RECOLHIDOS E ORDENADOS

POR JOÃO FRANCO BARRETO

AUGMENTADOS E CORRIGIDOS

POR PAULINO DE SOUZA

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

DOS

NOMES PROPRIOS

A

Abassia, região da Africa, separada da Arabia pelo mar Roxo: cujos povos, chamados Abyxins ou Abassis, formão um imperio composto de muitos reinos, sujeitos a um chefe chamado *Grão Negus*, e algumas vezes, impropriamente, *Preste João*. A religião dos Abyxins é um Christianismo manchado de muitos erros.

Abrahão, primeiro Patriarcha, do qual e de Agar, sua escrava, dizem os Mouros que procede Mafamede.

Abranches, ou Avranches. Antiga cidade episcopal da Normandia, provincia de França. Hoje faz parte do departamento da Manche.

Abrantes, villa de Portugal, sobre o Tejo, a 28 leguas N. E. de Lisboa.

Abyla, monte da Africa, perto do qual está a cidade de Ceita ou Ceuta, defronte de Gibraltar: foi tomada aos Mouros pelos Portuguezes em 1415, e a estes, pelos Hespanhoes em 1580. Este monte e o de Calpe, em Hespanha, formavão as antigas columnas de Hercules.

Digitized by Google

Accias ou Actias guerras, as que houve entre Augusto e Marco Antonio, no cabo Figalo que os antigos chamavão Accio, e nas quaes forão desbaratados Marco Antonio e Cleopatra, rainha do Egypto.

Achemenia, região da Persia, onde se fazem as melhores alcatifas, e tapeçaria do mundo.

Acheronte, rio do Inferno, segundo a mythologia.

Achilles, principe grego fortissimo, filho de Peleo, rei da Thessalia, e de Thetis, filha de Chiron. Matou-o Páris, atraiçoadamente em Troia, no templo de Apollo, onde havia ido sobre o concerto de casar com Polyxena, filha de Priamo.

Acidalia, sobrenome de Venus, quando se considerava como a deosa dos cuidados e desassocegos. Tambem lhe davão este nome, de uma fonte na Beocia onde se ião banhar as Graças, suas filhas.

Acrisio, rei dos Argivos, filho de Abante, o qual querendo ter a Danae, sua filha, recolhida e guardada, a fechou n' uma torre, que alguns querem fosse de metal; porém, Jupiter convertido em chuva de ouro penetrou na torre, seduzio a Danae e houve d'ella a Perseo.

Acroceraunios, montes do Epiro, hoje Albania meridional, paiz da Grecia. Os poetas os chamão infames pelos naufragios que ali são frequentes.

Acteon, filho de Aristeo e Autonoe; foi um famoso caçador que tendo lançado os olhos para Diana, quando ella se estava banhando, ficou a deosa tão indignada que logo o metamorphoseou em cervo; e visto de seus cães, foi por elles despedaçado.

Adamastor, um dos gigantes filhos da Terra, os quaes na guerra que tiverão com Jupiter, forão vencidos e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor transformado no cabo commummente chamado da Boa-Esperança. Damastor é o nome que alguns autores lhe dão.

Digitized by Google

Adão, nome do primeiro homem; recebeo a vida no ultimo dia da creação, e teve por morada o jardim do Eden, do qual foi expulso por sua desobediencia. Viveo 930 annos, e foi pai de Abel, Cain e Seth.

Adem, cidade rica e consideravel na Arabia Feliz, situada ao pé de uma serra muito arida, que os naturaes chamão de Arzira. Hoje pertence aos Inglezes.

Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cinyras, rei de Chypre, e de sua filha Myrrha. Era grande caçador, foi excessivamente amado de Venus, e por ella metamorphoseado em Anemona. A incestuosa Myrrha foi convertida na arvore de seu nome.

Adriatica Veneza, cidade assim chamada por estar fundada no mar Adriatico, o qual tirou o seu nome da cidade de Adria que outr'ora estava entre as boccas do rio Pó, sobre as margens do mar. Hoje em consequencia dos nateiros, acha-se a cidade de Adria a 6 leguas do mar que conservou seu nome.

Affonso. Até o tempo de Camões, cinco reis d'este nome teve Portugal, e todos de muito valor: o 1º, filho do Conde D. Henrique, de 1112 a 1185: o 2º, filho d' El-Rei D. Sancho primeiro, de 1211 a 1223: o 3º, filho do mesmo rei D. Affonso segundo, de 1248 a 1279: o 4º, filho d' El-Rei D. Diniz, de 1325 a 1357: o 5º, filho d' El-Rei D. Duarte, de 1438 a 1481.

Africa, nome da terceira parte do Mundo, e de uma cidade do reino de Tunis, chamada Al-Mahdya pelos Arabes.

Africo, é o vento a que tambem chamão Oes-sudoeste.

Aganippe, fonte da Beocia, consagrada ás Musas, e a cujas aguas se attribuia a virtude de inspirar os poetas.

Agar, escrava de Abrahão, da qual dizem os Mouros que procedem, e assim se chamão netos de Agar.

Agareno, descendente de Agar.

Digitized by Google

Agrippina, mãi do imperador Nero.

Aiace, filho de Telamon e de Hesione, filha de Laomedonte. Foi, depois de Achilles, o mais valoroso e esforçado de todos os Gregos. Do qual se diz, que como (Achilles morto) elle pedisse as armas d'aquelle heroe, e Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos juizes gregos para que a elle lh'as dessem, endoudeceo de paixão : e entendendo que matava a Ulysses, e seus companheiros, matou muito gado, até que por fim matou-se a si mesmo : de cujo sangue, dizem os poetas, sahio a flor Hyacintho ou Jacintho.

Ainão, ilha da China, na bocca da enseada Cauchichina, na qual se pesca aljofar e perolas.

Albis, hoje Elbo, grande rio da Germania ou Allemanha : nasce na Bohemia, e depois de um curso de cerca de 225 leguas, desagua no mar do Norte, perto de Cuxhaven.

Albuquerque é o grande Affonso de Albuquerque, que succedeo a D. Francisco de Almeida, no governo da India.

Alcaçar do Sal ou Alcacer do Sal, villa do Alemtejo, a 12 leguas de Lisboa, sobre a margem direita do Sado.

Alcacer, cidade do Imperio de Marrocos, tomada por Affonso em 1468, abandonada depois pelos Portuguezes.

Alcides, sobrenome de Hercules, de Alceo, seu avô, ou da palavra grega ἀλκὴ que significa fôrça.

Alcino, rei dos Phéacos, na ilha Corcyra, diligente cultivador de hortos e pomares, o qual recebeo humanissimamente em sua casa, a Ulysses affligido e naufrago.

Alcmena, mãi de Hercules.

Alcorão : Entre os Mouros é o livro de sua religião, composto por Mafamede, Mafoma ou Mahomet. É uma miscellanea de alguns preceitos christãos e judaicos com as crenças orientaes, e encerra ao mesmo tempo o dogma religioso dos Mahometanos, e as suas leis civis e politicas.

Digitized by Google

ALECTO ou ALETO, uma das tres Furias infernaes.

ALLEMANHA : região da Europa, bem conhecida, que formava na idade media, e mesmo posteriormente, o Santo Imperio. Desde 1815 forma a Confederação Germanica.

ALEMQUER, villa da Estremadura, situada sobre o pequeno rio do mesmo nome, a 10 leguas N. E. de Lisboa. Foi fundada pelos Alanos. D. Affonso 1°. tomou-a aos Mouros em 1148.

ALENCASTRO é o duque d'este nome, sogro d' El-Rei D. João o 1°, e irmão d' El-Rei Duarte de Inglaterra.

ALEXANDRO, cognominado o Magno, celebre guerreiro da antiguidade, monarcha, filho de Philippe, rei de Macedonia; foi o conquistador da Asia, e muito conhecido tambem pela sua grande liberalidade; razão por que o Poeta na est. XCVI do canto 3° chama ALEXANDRINA a liberalidade do rei Diniz.

ALGARVES ou ALGARVE a mais meridional das provincias de Portugal. Do 8° ao 13° seculo pertenceo aos Arabes. Affonso 3° de Portugal tomou-o em 1250, e cedeo depois a parte oriental a L. do Guadiana, ao rei Affonso 10° de Castella; donde lhe veio o nome de Algarve espanhol (depois absorvido na Andaluzia) e de Algarve portuguez.

ALMADA. V. Antão Vasques de Almada.

ALMEIDAS : forão D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, e D. Lourenço de Almeida, seu filho.

ALOE, planta da familia das abroteas; herva babosa, genero de páo muito pesado, tambem chamado páo calambuco; semelhante ao de Aguila.

ALPHEO, rio que nasce junto a Helis, cidade da Arcadia, e correndo até Achaia, desagua no mar Jonico. Julgavão vulgarmente que sumindo-se na terra, corria por baixo d' ella e do mar larguissimo espaço, e ia ter á fonte Arethusa na Sicilia. Chama-se agora o ROUFIA.

ALVARES. V. Nuno Alvares.

Digitized by Google

Alvaro. Dous menciona o Poeta : um é D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, o qual deixando seu pai em Goa, foi no meio do hinverno a soccorrer Dio : e o outro, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias, sobre cujo sobrenome discordão Barros e Goes; o qual com Diogo Dias, ou Correa, em que tambem os sobreditos varião, ficárão em Calecut por feitores, em quanto se vendia a fazenda.

Amalthea, filha de Melisso, rei de Creta. É tambem o nome da cabra que amamentou a Jupiter. Em reconhecimento d'este bom serviço, collocou-a o deos no céo, e deo um dos cornos d' ella ás nymphas, com a virtude de produzir quanto ellas appetecessem. É o corno da abundancia, chamado commummente a Cornucopia.

Amasis, rio da Allemanha, grande e navegavel : corre entre o Rheno e o Albis ou Elbo, e entra no Oceano junto a Emdem. Hoje chama-se Ems.

Ambrosia, especie de herva, que, mythologicamente, era o manjar dos deoses como o nectar era a sua bebida.

Amor. V. Cupido.

Ampaza, pequeno paiz da Africa na costa de Zanguebar : cuja capital tem o mesmo nome.

Ampelusa, promontorio entre Ceuta e Tanger; chama-se hoje a ponta de Alcaçar ou Cabo Spartel.

Amphioneas Thebas : contão os Poetas que foi Amphion um musico tão excellente, que cantando e tocando a sua viola, o seguião as cousas insensiveis, como pedras, páos e outros objectos semelhantes, e que d'esta maneira ajuntou a pedra com que fez os muros a Thebas, cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes ou Tiva; e por esta razão os Poetas a chamão Amphionea. É a patria de Baccho.

Amphitrite, filha do Oceano e mulher de Neptuno. Os poetas chamão Amphitrite ao proprio mar.

Anchises, principe troiano, da familia de Priamo; era

Digitized by Google

filho de Capys e de uma nympha. Casou occultamente com Venus, e houve d' ella a Enéas.

Andaluzia : segundo El-Rei D. Affonso o Sabio, é toda aquella terra que está desde o rio Guadiana até o mar Mediterraneo, e desde o Oceano até o rio Xucar, assim como cahe no mar Mediterraneo.

Andromeda, filha de Cassiope e de Cepheo, rei da Ethiopia. É tambem o nome de um Signo celeste.

Annibal, general carthaginez, um dos maiores capitães da antiguidade, filho de Amilcar Barca, nascido no anno 247 antes da éra christã. Inimigo implacavel dos Romanos.

Antão Vasques de Almada, Portuguez valorossimo, e um dos doze cavalleiros que forão a Inglaterra, pedidos pelas Damas d'aquelle reino, para as desaggravar de certos cavalleiros inglezes, que as havião affrontado publicamente.

Antarctico Polo : é o pólo Sul.

Antenor, um dos principaes Troianos que, por traição, entregárão Troia aos Gregos. Incendiada aquella cidade, acolheo-se á Italia, e edificou no territorio de Veneza uma cidade, outrora chamada Antenoria, e hoje Padua.

Anteo ou Antheo : gigante e salteador da Lybia, filho de Neptuno e da Terra, vivia desafiando para a luta, e sempre matava os adversarios. Foi suffocado por Hercules, que o não pôde vencer senão levantando-o no ar, pois quando Anteo tocava a terra, recobrava novas forças. Foi o primeiro fundador de Tinge, hoje Tanger.

Antonio : um é Antonio da Sylveira, capitão de Dio, a qual elle defendeo valorosamente de Solimão Baxá, rei do Cairo, que foi sobre ella com 63 velas de Turcos, e 1200 homens, aos quaes desbaratou com muito poucas forças. O outro é o celebre romano Marco Antonio que com Lepido e Cesar Octaviano governárão o Imperio Romano. D'elle se conta que era tão affeiçoado á musica que

Digitized by Google

por ouvir trovinhas, e chistes de Glaphyra, deixava a sua mulher Fulvia.

Anubis, rei dos Egypcios, adorado sob a fórma de um cão; outros julgão que é o deos Mercurio.

Aonia, nome que se dá ás vezes á Beocia, e que lhe vem dos Aonios, antigos povos da Grecia que, com os Hiantes, habitavão a Beocia antes da chegada de Cadmo. Havia n'esta cidade uma fonte, cujas aguas tinhão a virtude de fazer poetas aos que d' ella bebião.

Apelles, pintor eximio, natural de Cos. Alexandre Magno foi grande admirador do seu talento, e só a elle permittio lhe fizesse o seu retrato; e em recompensa, lhe cedeo Campaspa, uma das escravas do heroe.

Apeninos, grande cadeia de montanhas que dividem a Italia em todo o seu comprimento, desde os Alpes, dos quaes são uma ramificação, até a extremidade meridional do reino de Napoles. Della nascem quasi todos os rios da Italia.

Apio, governador de Roma, o qual acabou a vida em ferros por ter querido raptar Virginia a seu marido.

Apollo, filho de Jupiter e de Latona, irmão de Diana. Era tido entre os antigos por deos da sabedoria, dos poetas e das Musas, e se toma ordinariamente pelo Sol.

Apulia, região da Italia, visinha ao mar Adriatico.

Aquilo, vento septentrional.

Ara, constellação denominada commummente Altar. É tambem o nome do cabo mais meridional da Arabia, que forma com a costa oriental da Africa o estreito de Bab-el-Mandeb.

Arabia, vasta peninsula da Asia occidental, separada do Egypto pelo mar Roxo; confina ao N. com a Judéa.

Arabio, o natural da Arabia, onde se acha a cidade de Meca, patria e residencia de Mahomet ou Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos Arabes, chamados corruptamente Alarves; e se falla não só na Africa, mas na Syria e outras partes da Asia.

Digitized by Google

Aragão, reino e provincia consideravel de Hespanha, limitada ao N. pelos Pyreneos que a separão da França, e cuja capital é Saragossa.

Araspas, um certo Medo, a quem Cyro, rei dos Persas, deo a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos Susos, que captivára no arraial dos Assyrios : e se houvera perder com ella, se o mesmo Cyro o não remediára, tirando-lh'a das mãos.

Arcadia, provincia do Peloponeso, assim dita de Arcade, filho de Jupiter; era outr'ora sujeita ao Grão Cam ; hoje é uma das provincias do reino da Grecia.

Archetypo, é o traslado primeiro, principal fórma ou typo de qualquer cousa : o Poeta dá este nome a Deos Nosso Senhor, creador do Universo.

Arcturo, é uma estrella do Norte.

Arethusa, fonte da Sicilia, junto a Syracusa, na qual foi convertida Arethusa, nympha de Diana, e amante de Alpheo.

Argo ou **Argos**, cidade celebre da Grecia, dedicada á Deosa Juno, dita assim do rei Argos que nella reinou.

Argonautas, forão uns cavalleiros gregos que forão na náo Argos á conquista do Vellocino de Colchos.

Argos, a primeira náo que (segundo a Mythologia) houve no mundo, na qual Jason e seus companheiros passárão a Colchos a roubar o Vellocino de ouro : ainda que, segundo as Divinas Letras, primeiro foi a Arca de Noé. Argos é tambem o nome do famoso architecto constructor da náo Argos. Assim se chama uma constellação. Houve outro Argos, pastor, filho de Aristeo : tinha cem olhos, dos quaes cincoenta estavão sempre abertos, e cincoenta dormião. Juno lhe commetteo a guarda de Io que Jupiter amava : foi morto por Mercurio, que o adormeceo ao som da flauta.

Aries, constellação na Zona Torrida, e um dos doze Signos celestes.

Digitized by Google

Armenia, região da Asia, entre os montes Tauro e Caucaso.

Armusa ou **Armozia**, cidade antiga na terra de Magostão ou Moghistan, visinha de Ormuz, no golfo Persico, da qual hoje só existem ruinas.

Aromata, é o cabo Guardafui, na costa N. E. da Africa; forma a entrada S. do mar Roxo na extremidade da Africa, e no principio da Asia.

Arquico, lugar da Ethiopia, sujeito ao Preste João, e unico porto de toda aquella costa.

Arração, reino que confina com o de Bengala nas partes da India; hoje pertence á Inglaterra : a sua metropoli tem o mesmo nome, e está arruinada depois da conquista.

Arrónches, villa do Alemtejo, a 30 leguas de Lisboa.

Arsinario cabo é o chamado agora Cabo Verde.

Arsinoe, filha ou irmã de Ptolemeo, rei do Egypto, a qual fundou um lugar, que de seu nome se chamou Arsinoe; é hoje Suez, cidade do Egypto, na extremidade N. do mar Roxo.

Artabro, cabo ou promontorio de Hespanha a que hoje chamâmos cabo de Finis-terre.

Arzilla, pequeno porto do reino de Fez, no imperio de Marrocos : foi tomada de assalto pelos Portuguezes. Era cidade importante quando vivia Camões, e mesmo antes, no tempo dos Romanos. Está situada a cinco leguas S. O. de Tanger.

Arzira, é uma serra muito arida e esteril na Arabia Feliz.

Asaboro, cabo chamado tambem Moçandão, no reino de Ormuz, á entrada do golfo Persico.

Asia, uma das cinco partes do mundo, e a maior d'ellas, situada a L. da Europa e da Africa.

Assyria, provincia da Asia, dita vulgarmente Soria, ou Suria.

Assyrios, os naturaes da Assyria.

Digitized by Google

Astréa, filha do gigante Astreo e da Aurora; ou segundo outros, de Jupiter e Themis, deosa da justiça.

Asturias, provincia de Hespanha, cuja metropoli é Oviedo, aonde se acoutárão com muitas reliquias de santos, aquelles poucos Godos que escapárão na invasão dos Arabes.

Astyanax, filho unico de Heitor e Andromacha, ao qual Ulysses lançou de uma torre abaixo, quando os Gregos entrárão na cidade de Troia.

Athamante, foi conduzido por Juno a tanta furia, que sahindo-lhe ao encontro seu filho Learco, o matou; do que espantada e atemorizada Ino sua mulher, com outro filho Melicerta, se lançou no mar; e fôrão convertidos em deoses marinhos.

Athenas, capital da Attica, fundada uns quinze seculos antes da éra christã; republica antiga, outr'ora muito florescente, e celebre por suas leis, sciencias e homens illustres; hoje está muito decahida. É a metropoli do reino da Grecia.

Attila, rei dos Hunnos e de Dacia, chamado o flagello de Deos.

Atlante, filho de Japeto e Clymene, ou da nympha Asia, e irmão de Prometheo; foi rei de Mauritania, provincia da Africa, do qual se diz que tem o Mundo nos hombros. Este, avisado do Oraculo que se precatasse de um filho de Jupiter, não dava hospicio a pessoa alguma; o que soffrendo mal Perseo, filho de Jupiter, lhe mostrou a cabeça de Medusa, e logo foi convertido em um monte de seu nome, o qual existe na Mauritania, onde reinou, e hoje se chama Carena, tão alto, que seu cume nunca se mostra descoberto de nuvens.

Atreo, filho de Pelops. Irritado de que Thyestes, seu irmão, tivesse communicações com Erope, sua mulher, lhe deo a comer em um festim o filho adulterino. O sol se escureceo de horror por não allumiar tão horrivel scena.

Atropos, uma das tres Parcas. V. Parcas.

Digitized by Google

Avás, povos do Oriente, fazem parte do Imperio dos Birmans; erão antes sujeitos ao rei de Sião.

Augusto, significa lugar venerando, e sacro com alguma ceremonia: donde veio, que todos os successores de Cesar erão chamados Augustos; e o de quem o Poeta faz menção foi Octaviano.

Aurea chersoneso, é a peninsula de Malacca, parte da India Transgangetica, entre os mares de Bengala e da China. Albuquerque senhoreou-se della em 1511, e em 1640 foi tomada aos Portuguezes pelos Hollandezes.

Aurora, filha do Sol e da Terra, mulher de Titan, e mãi de Memnon, rei de Ethiopia. É propriamente aquella claridade que apparece no céo antes que o sol saia. E neste Poema havemos de entender por terras, reinos, ou portos da Aurora, a India, por estar no Oriente.

Ausonia, foi antigamente parte da Italia, hoje se toma poeticamente por toda a Italia.

Austro, vento do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.

Axio, rio que atravessa a Macedonia; chama-se hoje Brade ou Vardari.

Azenegues, povos da Africa, que habitão um paiz muito arido e esteril, onde começa a terra de Guiné. Os Antigos chamavão Azana ou Sanagá ao rio hoje conhecido com o nome de Senegal, e davão o nome de Azenegues aos povos nomadas que frequentavão as margens d'aquelle rio.

B

Babel, nome da torre immensa, que os filhos de Noé construírão, segundo a historia sagrada, para attingirem os Céos. Esta torre durou longo tempo, e foi uma das

Digitized by Google

maravilhas da cidade edificada ao redor, e chamada Babylonia. O poeta diz Babel em vez de Babylonia.

Babylonia, cidade dita a grande, fundada por Nemrod, e engrandecida por seus soberanos, mórmente por Semiramis, com tão admiraveis edificios, que foi con ada entre as sete maravilhas do Mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates. Havia no Egypto outra cidade chamada tambem Babylonia; era colonia da primeira. Julga-se que é hoje o Cairo.

Baçaim, lugar entre Chaul e Diu, na peninsula áquem do Ganges, em cuja fortaleza havia quatro centas peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533. Foi tomada aos Portuguezes pelos Marhattos em 1552, e a estes, pelos Inglezes em 1780.

Bacanor, lugar da India na costa de Malabar, em cujo porto Lopo Vaz de Sampaio destruio uma grande armada do rei de Calecut.

Baccho, filho de Jupiter e de Semele : foi conquistador da India e o primeiro que achou o uso do vinho, pelo que foi divinizado pelos Antigos.

Bactro, rio na região da Asia, chamada outr'ora Bactriana, e hoje Turkestão; nasce no monte Tauro, e desagua no Oxus ou Dgyhoun.

Badajoz, cidade episcopal de Hespanha, capital da Estremadura, sobre o Guadiana, e fronteira a Elvas.

Balduino, esforçado cavalleiro de Flandres, rāptou a Juditha, filha de Carlos o Calvo; e este principe, a pezar do seu vivo resentimento, acabou por consentir em que elle casasse com sua filha.

Banda, é a principal das cinco ilhas d'este nome, habitadas de Mouros e Gentios, entre Java e Maluco, muito abundantes de noz moscada.

Barbaria, terra de Africa, onde antigamente foi rei Anteo, um dos filhos da Terra.

Barbora, cidade muito abundante na parte oriental da

Digitized by Google

Africa, na costa d'Adel; onde o capitão Antonio de Saldanha queimou muitas náos aos Mouros.

Barem, Bahrein ou Baharim, ilha visinha á Arabia, na costa S. O. do golfo Persico, onde se pesca o aljofar.

Baticalá, fortaleza na costa de Malabar a umas trinta leguas de Goa.

Batro, V. Bactro.

Beadala, cidade junto ao Comori, destruida por Martim Affonso de Souza, capitão-mór do mar da India, no tempo do governador Nuno da Cunha.

Beatriz, filha d'El-Rei D. Fernando de Portugal, casada com o rei D. João de Castella.

Beja, cidade de Portugal, na provincia do Alemtejo, obra de D. Diniz, e cercada de muros, com quarenta torres. Da torre da cidade descobre-se a serra de Cintra que dista vinte e seis leguas.

Belém, concelho ao O. de Lisboa, sito no lugar chamado outr'ora Restello, donde partião as armadas e expedições do Reino.

Belisario, valoroso general do Imperador Justiniano, o qual houve grandes victorias na Persia e na Italia. Depois de ter percorrido esta gloriosa carreira, foi accusado de ter conspirado contra Justiniano, que lhe mandou arrancar os olhos, e o deixou acabar na ultima miseria.

Bellona, deosa da guerra, irmã e cocheira de Marte.

Bengala, reino oriental e territorio consideravel da India, rico e muito fertil: passa-lhe pelo meio o rio Ganges. Este reino depois de ter sido independente, veio a ser provincia do imperio do Mogol, e pertence aos Inglezes desde 1765.

Benjamin, o ultimo dos doze filhos de Jacob, e chefe de uma das doze tribus, a qual acabou de todo, por terem violentado uma mulher da tribu de Levi.

Benomotapa ou Monomotapa, paiz da Africa meridional que formava um grande imperio no tempo de Camões. Pelos fins do 18° seculo, foi dividido em alguns

Digitized by Google

estados independentes, em consequencia de guerras intestinas. Os Portuguezes são os unicos Europeos que chegárão a penetrar neste paiz.

Betica, é hoje a Andaluzia provincia de Hespanha, regada pelo Betis ou Guadalquivir.

Betis, o Guadalquivir, um dos principaes rios de Hespanha, o qual nasce na serra Morena, banha a Andaluzia, e desagua no Oceano Atlantico, em San-Lucar.

Biblis ou Bibli, fonte de Mesopotamia, na qual foi convertida Bibli, filha de Mileto, a qual amava muito ao irmão Cauno, de quem não era amada.

Bintão, reino da India, e ilha do mar das Indias ao S. da peninsula de Malaca.

Bipur, pequeno paiz das Indias, na peninsula de Malabar, cujo rei era tributario do rei de Calecut.

Biscainho, o natural de Biscaia, provincia de Hespanha abundantissima de ferro, limitada a L. pelo Bidassoa que a separa da França.

Bohemios, os naturaes da Bohemia, paiz da Europa, elevado a reino pelo Imperador Frederico. Hoje faz parte do imperio da Austria.

Bolonhez : este conde de que o Poeta faz menção foi D. Affonso terceiro, quinto rei de Portugal, e irmão segundo d'El-Rei D. Sancho.

Bootes : constellação septentrional, junto a Ursa maior, e se toma pelas partes do Norte.

Boreas, vento do Septentrião e um dos quatro principaes; e assim pelas partes Boreaes entenderemos as do Norte.

Borneo : uma das tres grandes ilhas da Sonda, no mar das Indias; está dividida pelo Equador em duas partes. É muito fertil e abundante, principalmente de camphora.

Brachmanes : sacerdotes e doutores da religião de Brahma. Formão a primeira casta entre os Indios, seguem a seita do philosopho Pythagoras, crêem na metempsycose, e por isso só se nutrem de leite e vegetaes.

Digitized by Google

Bramás : nação sujeita ao rei de Sião.

Brasil : no tempo de Camões, este immenso paiz, descoberto em 1500 por Pedro Alves Cabral, não era senão uma provincia da Monarchia portugueza; hoje é o bem conhecido, rico e florescente Imperio do Brasil, a terra abençoada, outr'ora chamada de Santa-Cruz.

Brava : cidade maritima na costa oriental da Africa, a qual foi incendiada por Albuquerque, em 1506, e devastada pelos Portuguezes.

Bretanha, é a Inglaterra.

Briareo : gigante celebre, cognominado o Centimano; tinha cincoenta corpos, e cem braços; era filho da Terra.

Brigo, segundo alguns, rei de Hespanha.

Brussios, ou **Borussios**, povos da Brussia, parte da antiga Sarmacia; hoje Prussia.

Busiris, filho de Neptuno e de Libya; era um rei do Egypto, que sacrificava a Jupiter todos os estrangeiros que aportavão em seus estados. Hercules destruio o altar, os sacrificadores e o tyranno.

Byzancio, antigo nome da cidade de Constantinopla, capital da Turquia, e côrte do Sultão dos Turcos, que alguns chamão ainda o Grão-Turco ou o Grão-Senhor.

C

Cabo Arsinario, é o Cabo Verde.

Cabo das Palmas, cabo da Africa occidental, á entrada septentrional do golfo de Guiné, e na extremidade occidental da costa de Marfim.

Cabo Tormentorio, é o Cabo da Boa-Esperança.

Cabo Verde, cabo mui consideravel, e o mais occidental da Africa, entre os rios Senegal e Gambia; desco-

Digitized by Google

berto em 1445 por Diniz Fernandes, navegante portuguez. A 125 leguas O. do cabo estão as Ilhas do Cabo Verde, archipelago composto de mais de 90 ilhas e ilheos, descoberto em 1446 por Antonio de Nolle, Italiano ao serviço de Portugal.

Cadix, rica e bella cidade de Hespanha, na provincia de Andaluzia, porto mui seguro, e uma das mais vastas bahias do globo; fundada, segundo dizem, 80 annos depois do exicio de Troia, pelos Phenicios que a chamárão *Gadir*.

Cadmo, filho de Agenor, reî de Phenicia, o qual indo, por mandado de seu pai, buscar a Europa sua irmã, que Jupiter havia raptado; como a não achasse, nem se atrevesse a tornar a seu pai sem ella, fundou na Beocia a cidade de Thebas; e como seus companheiros fossem já todos mortos por uma grande serpente, que sahio de uma fonte, onde havião ido por agua, Cadmo em vingança delles a matou, e semeando seus dentes, nascêrão delles homens armados os quaes morrêrão todos pelejando entre si; excepto cinco, com que edificou a cidade de Thebas, patria de Baccho e de Hercules.

Cães, constellações.

Cafres, povos da Cafraria, vasta região da Africa austral: são negros mas de estatura alta e bem feitos, roubão os estrangeiros, vivem em contínua guerra uns com os outros, adorão a Deos, e crêm na vida futura.

Cairo, grande e admiravel cidade, capital do Egypto, fundada em 795 pelos Califas Fatimitas, chamada pelos Arabes *El-Kahera* que quer dizer cidade da Victoria. Dizem que tem 22 milhas de circuito, sem comprehender muitos e grandissimos arrabaldes. Com quanto a descoberta do cabo da Boa-Esperança tenha diminuido a importancia d'esta cidade, é ella ainda um emporio de grande commercio entre a Europa, Asia e Africa. Hoje é governada por Pachás independentes, cuja authoridade parece pouco favoravel ao seu desenvolvimento.

Digitized by Google

Calatrava, ordem religiosa e militar, fundada em 1158 por Sancho 3º, rei de Castella; teve grãos mestres até 1489. N'essa epoca era El-Rei o Grão Mestre da Ordem.

Calayate, lugar de Socotorá para Ormuz.

Calecut, cidade do Malabar, era a mais rica de toda a India, da qual se chamava Calecut toda a terra de Malabar. Foi arruinada por Tippoo-Saïb, e reedificada pelos Inglezes.

Calis, V. Cadix.

Calisto, filha de Lycaon, rei de Arcadia, mudada em ursa por Juno, e Arcas seu filho em urso. Jupiter os collocou no Céo. Calisto é a Ursa maior e Arcas a menor, constellações que se tomão pelo Norte.

Calliope, a principal das nove Musas, presidia á eloquencia e á poesia epica; e assim invocada pelos Poetas nos versos heroicos.

Calpe, monte de Hespanha, na extremidade meridional da Andaluzia, chamado Herculano pelo Poeta, por ser uma das columnas de Hercules. Nos arredores do monte estava a cidade do mesmo nome, a qual alguns pretendem ser hoje Gibraltar.

Caliz, V. Cadix.

Calypso, filha de Tethys e do Oceano, reinava na ilha de Ogygia no mar Ionio. Ali recebeo a Ulysses depois da guerra de Troia, e o reteve sete annos, offerecendo-lhe a immortalidade se elle consentisse em esposa-la; mas o heroe preferio a Penelope, e o seu pequeno reino de Ithaca a tão brilhantes vantagens.

Cam, é o cão Cerbero que tinha tres cabeças, e guardava a porta dos infernos e do palacio de Plutão.

Cambaia, antigo reino, hoje cidade ao N. O. do Indostão, sobre o golfo do mesmo nome. Era muito povoada e rica quando os Portuguezes chegárão á India. Acha-se actualmente reduzida á quinta parte de sua antiga importancia.

Digitized by Google

Cambalo ou Cambalão, pequena ilha junto a Cochin, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes ao Samorim.

Camboja, reino da Asia, no golfo de Sião, sujeito ao rei de Sião; é regado por um grandissimo rio chamado Mecom, que quer dizer capitão das aguas, e cujo nascimento é na China. O reino de Camboja chama-se agora reino de Saigong. Fez-se independente depois das guerras que houve entre os reinos de Annão e Sião.

Camenas, nome das Musas.

Campaspe, uma das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, vio o artista tão namorado d'ella, que lh'a deo por mulher. Foi ella que inspirou a este celebre pintor os mais bellos traços de um quadro que representava Venus sahindo das ondas, e que devia ser uma obra prima, a julgarmos por estes versos de Ovidio, que o tinha visto :

Si Venerem Cous nusquam posuisset Apelles,
Mersa sub æquoreis illa lateret aquis.

De arte amandi, lib. III, v. 401.

Canace, filha de Eolo, rei dos ventos, a qual secretamente concebeo, e teve um filho de Macareo, seu irmão : o que sabendo seu pai, mandou deitar o menino aos cães, para que o despedaçassem ; e tomando Canace uma espada n'uma mão, e a penna n'outra, escreveo a seu irmão aquella carta, que Ovidio refere entre as Heroidas.

Cananor, cidade da India na costa de Malabar. Era capital de um reino independente no tempo das descobertas dos Portuguezes, assim como outras cidades : Cambaia, Calecut, Cochin, etc. Hoje, depois das guerras civís, e das conquistas dos Portuguezes e Hollandezes, estão todas submissas ao Imperio Inglez na India.

Canará, provincia da India á quem do Ganges, na pre-

Digitized by Google

sidencia de Madrasta. Em 1767 foi conquistada por Haïder-Aly, e cedida aos Inglezes em 1799.

Canarias, grupo de treze ilhas no Oceano Atlantico, a 40 leguas pouco mais ou menos da costa occidental da Africa, conhecidas dos Antigos sob o nome de Ilhas Fortunadas.

Cancro ou Cancer, é o quarto dos doze signos do Zodiaco; está collocado no hemispherio Boreal, e representa-se com a figura de um caranguejo.

Candace, rainha de Ethiopia, na ilha Meroë, no tempo de Augusto Cesar; de tão grande animo, e de tal merecimento entre os seus, que d'ali por diante todas as rainhas de Ethiopia forão chamadas Candaces.

Cannas ou Canas, aldeia da Apulia, junto á qual Annibal desbaratou os consules Paulo Emilio e Terencio Varrão, com morte de 40,000 Romanos; e foi tão grande o numero dos cavalleiros mortos, que se mandárão para Carthago tres alqueires de anneis, os quaes só os nobres podião trazer.

Canusio, cidade da Apulia, visinha de Cannas.

Cappadoces, os moradores da Cappadocia, grande região da Asia menor, conquistada pelos Romanos, e abandonada depois.

Carlos: de dous faz o Poeta menção. O primeiro chamado Magno, rei de França, e Imperador Christianissimo, filho de Pepino o Breve, e de Bertha, filha de um conde de Laon. O segundo foi Carlos segundo, dito o Calvo, pai de Juditha, a qual casou com Balduino. V. Balduino.

Carmania ou Caramania, vasta provincia da Asia menor, perto da India e do mar Roxo.

Carpella ou Capella, cabo da Asia, na costa de Gedrosia (Persia) junto á entrada do golfo Persico; hoje é o cabo Jasque.

Carreta, constellação tambem chamada Ursa maior.

Carthago, cidade celebre de Africa, edificada, muito antes de Roma, por Dido, filha de Belo rei de Tyro; teve

Digitized by Google

tres grandes guerras com os Romanos, e foi por fim destruida inteiramente por Scipião Emiliano em 146. Desta cidade era natural o principe Jopas, o qual esteve tocando cithara em quanto durou o banquete, que Dido deo a Enéas.

Carybdes ou Charybdis, famosa voragem entre a Calabria e a Sicilia, perto do escolho denominado Scylla. Estes golfos estavão tão visinhos um do outro, que era preciso vogar bem direito pelo meio, senão corria-se risco de ir cahir em um, quando se afastava muito do outro.

Caspia serra, Caspios montes, e Calpios aposentos, tudo vem a ser a mesma cousa. Com esses nomes designa o Poeta os paizes banhados pelo mar Caspio, os quaes formavão a antiga Scythia, vasta e barbara região septentrional, que se estendia da India até a Germania, ficando-lhe de um lado o mar, e do outro, os montes Ripheos.

Cassiopéa ou Cassiope, mulher de Cepheo, rei de Ethiopia, a qual, contão, se quiz preferir em formosura ás Nymphas; pelo que indignadas estas atárão sua filha Andrómeda a um penhasco, para que uma fera marinha a devorasse; mas Perseo a livrou, e casou com ella; e Cassiopéa, pelos merecimentos de seu genro, foi trasladada ao Céo, do qual é agora uma constellação.

Cassio Sceva, capitão de uma companhia de Cesar, o qual estando á porta de um lugar de Macedonia, foi acommettido por muitos inimigos, e tendo já um olho quebrado, muito mal ferida uma coxa, e o braço, e o escudo despedaçado, com muitas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render.

Castelbranco, foi Dom Pedro de Castelbranco, que destruio, perto de Ormuz, uma frota consideravel composta de Mouros, Turcos e Persas.

Castelhano, morador de Castella.

Castella, são duas provincias de Hespanha, com este

Digitized by Google

nome, e separadas por uma montanha, que começa nos confins de Navarra, e atravessa quasi toda a Hespanha até o mar : distingue-se tambem com os nomes de Velha e Nova. Da Velha é cabeça Burgos. Da Nova, era Toledo, mas hoje é Madrid.

Castellos, são os das Armas de Portugal, cujo escudo apresenta em campo de prata cinco Quinas de azul postas em cruz, cada uma com cinco bezantes de prata em aspa, com uma orla em campo de sangue carregada de sete Castellos de ouro, e sobre o Escudo uma Corôa fechada. As cinco quinas significão as cinco chagas de Christo que El-Rei D. Affonso Henriques tomou por armas, e os cinco bezantes em cada uma, contando-se duas vezes os da quina do meio, os trinta dinheiros por que foi vendido o Redemptor. São as quinas postas em cruz, porque foi na Cruz que Jesu-Christo recebeo as cinco chagas. Os sete castellos representão as seguintes villas do Algarve : *Estombar*, *Paderne*, *Aljezur*, *Albufeira*, *Cacella*, *Sagres*, e *Castromarim*.

Cathigão, cidade no reino de Bengala, na margem oriental da mais occidental das embocaduras do Ganges. Esta cidade era muito rica ; e sobre ser ella, ou não, a mesma que a cidade de Bengala, discordão a maior parte dos navegantes e geographos. Affirmão alguns que não existia cidade alguma chamada Bengala, e que este era o nome que se dava á provincia e ao golfo, e que no lugar onde os mappas indicão a situação de Bengala, havia uma cidade por nome Cathigão. Esta é a opinião mais acreditada, por quanto os navegantes que percorrêrão a India, nunca encontrárão cidade alguma que se chamasse Bengala.

Castro, foi Dom João de Castro, decimo-quarto Vice-Rei da India, o qual teve muitas victorias contra o rei de Cambaia, e contra o Hidalcão. Foi no primeiro anno do governo de D. João de Castro que começou o segundo cêrco de Diu, tão celebre na historia de Portugal. N'este

Digitized by Google

Vice-Rei termina o Poeta a historia dos governadores da India. Melhor não podia ser o remate, pois foi aquelle o momento da maior gloria dos Portuguezes.

CATHARINA, é Santa Catharina virgem e martyr. Vivia no começo do 4º seculo, segundo affirmão os hagiographos. Possuia conhecimentos taes que confundio uma reunião de philosophos com os quaes o imperador Maximino a obrigára a disputar, e que ella converteo ao christianismo. Foi depois decapitada por ordem d'aquelle tyranno.

CATILINA, é Lucio Sergio Catilina, descendente de uma illustre familia de Roma, muito relaxado em seus costumes, e todo manchado de vicios e crimes. Não podendo conseguir que o nomeassem consul, tentou mandar assassinar a M. T. Cicero, seu competidor. Urdio depois uma conjuração para destruir Roma a ferro e a fogo (63 annos antes de J. C.); foi descoberta por Cicero, que com sua eloquencia o aterrou no Senado, obrigando-o a desmascarar-se. Catilina sahio então de Roma, e foi pôr-se á testa de um exercito de seus partidarios. Vendo-se vencido, deixou-se matar no ultimo combate, que travára com Petreio, lugartenente de Antonio, collega de Cicero. A historia resumida da conjuração de Catilina é uma obra-prima escripta por Sallustio, e muito estimada.

CATUAL, regedor do reino, governador de uma praça ou fortaleza no Malabar.

CAUCHICHINA ou COCHINCHINA, região da Asia oriental, no imperio de Annão, junto a Cambaia. Era outrora provincia do reino de Tonquin, mas tornou-se independente na idade media. Hoje, com o Cambodje e o Tsiampa forma o centro do imperio d'Annão.

CAUDINAS FORCAS, lugar do Samnio entre Capua e Caudio, celebre pela capitulação vergonhosa que alí fez o exercito romano, capitaneado pelo consul Sp. Posthumo, e cercado pelo general samnita Poncio Herennio que o obrigou a passar sob o jugo, 321 antes da éra christã: affronta ésta de que os Romanos se vingárão bem.

Digitized by Google

Ceilão ou Ceylão, chamava-se antigamente *Taprobana*, é uma ilha consideravel do mar das Indias, separada da costa de Coromandel pelo estreito de Manar, junto e ao S. do cabo Comori. Foi descoberta pelos Portuguezes em 1507, aos quaes pertenceo até 1656. Hoje é dos Inglezes. O governador de Ceylão é nomeado directamente pelo soberano de Inglaterra, e não depende de nenhum modo da Companhia ingleza das Indias.

Ceita ou Ceuta, cidade fortificada do imperio de Marrocos, defronte de Gibraltar, com um bom porto sobre o estreito.

Célo. V. Céo.

Centimano, epitheto do gigante Briareo. V. Briareo.

Céo, o mais antigo dos deoses. Era filho e marido da Terra, pai de Saturno, do Oceano, e dos Titanes.

Cephisia, a flor Cephisia é o narciso; flor em que foi metamorphoseado Narcisso, filho de Cephiso, e da nympha Liriope.

Cerbero, é o cão de tres cabeças que guardava a porta dos Infernos, e do palacio de Plutão. O Poeta da-lhe o epitheto de *trifauce*.

Ceres, filha de Saturno e de Cybele. Era a deosa da agricultura, e a protectora das messes, pelo que a chamavão *flava* ou loura.

César, é Caio Julio Cesar, illustre e celebre general romano, nascido em Roma 100 annos antes de J. C. Depois de muitas guerras, e principalmente da de dez annos empregados a subjugar a Gallia, apoderou-se do supremo poder como Imperador dos soldados, e Tribuno do povo. Accusado pelos republicanos de querer fazer-se rei, tramárão contra elle uma conjuração, e foi assassinado por um partido de 60 senadores á testa dos quaes se achavão Bruto e Cassio, no anno 44 antes da éra christã. Depois seus successores adoptárão o titulo de *César*, como distinctivo da dignidade imperial.

Digitized by Google

Cezimbra, villa do Alemtejo, comarca de Almada, situada na costa com um pequeno porto e castello, a 6 leguas de Lisboa.

Chalé, cidade no reino de Malabar.

Champá ou Ciampá, pequeno reino da Asia, limitado a L. e ao S. pelo mar Oriental, ao N. pela Cauchichina, e ao O. pelo reino de Camboja, e cujo monarca era tributario do rei de Cauchichina.

Chatigão V. Cathigão.

Chaos, é a confusão dos elementos antes da creação do Mundo. Os poetas o fingião como um velho : « Do velho Chaos a tão confusa face. »

Chaul, cidade fortificada da India, na costa de Malabar, a sete leguas S. de Bombaim, e a 2 leguas do mar.

Chersoneso aurea, é a peninsula de Malaca, parte da India Transgangetica, entre os mares de Bengala, e da China, e cuja capital é a cidade de Malaca, muito rica e com bom porto. Pertenceo aos Portuguezes de 1511 a 1641. Hoje é dos Inglezes.

Chiamai, na provincia de Yuman (China), lago donde nasce o rio Menão, que atravessa de alto abaixo todo o reino de Sião.

Chimera, monstro fabuloso que vomitava fogo. Tinha cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão.

China, ou o Imperio do Meio, a Flor do Meio, vasto imperio ao S. E. da Asia. A China é o paiz mais povoado do mundo ; a sua antiga civilização aperfeiçoou a agricultura e numerosas artes, mas depois da insurreição dos Taepings, e das guerras recentes contra os Francezes e os Inglezes, acha-se ameaçado de uma ruina total.

Chios, ilha no mar Egeo ou do Archipelago, hoje *Scio*, outrora celebre por seus vinhos e rico marmore.

Chloris, assim se chamava Flora, deosa das flores, antes que se casasse com Zephyro.

Christovão, é Dom Christovão da Gama, o qual indo por mandado de Dom Estevão da Gama, governador da

Digitized by Google

India, em favor do monarcha dos Abyxins, dito o Preste João, contra o rei de Zeilá, desbaratou duas vezes os Mouros com 500 Portuguezes que levava.

Cicero, é Marco Tullio Cicero, o mais celebre dos oradores romanos, nascido em Arpino, 106 annos antes de Jesu-Christo. Nomeado consul no anno 63 antes da nossa era, descobrio, e fez mallograr a conspiração de Catilina, pelo que o senado o recompensou com o titulo de *Pai da Patria*. Morreo assassinado pelos sicarios de Antonio, na idade de 64 annos.

Cicones, povos da Thracia, que tiverão muita guerra com Ulysses, depois da destruição de Troia.

Cidade Ulyssea, é Lisboa.

Cilicios, são os de Cilicia, região da Asia menor, que forma hoje a parte meridional da Carmania, na Turquia Asiatica.

Cingapura, ou Sincapura, pequena ilha, e cabo de terra na India Transgangetica, entre a extremidade S. de Malaca, e a ilha de Sumatra.

Cintra, outrora escrevia-se Sintra, lugar muito ameno de Portugal, na costa do Oceano, muito conhecido, e celebre pela fresquidão de suas aguas e bosques. Nesta cidade, em 1808, assignou Junot com os Inglezes, uma convenção para a evacuação de Portugal.

Cinyras, rei de Chypre, o qual de uma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho e neto de Cinyras.

Cinyrea, é Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida em uma arvore de seu nome.

Circe, filha do Sol e da nympha Perse : habitava no monte Circeo, ilha perto da Campania, e com suas feiticarias e encantos transformava em varios animaes os homens que alí aportavão ; como o fez com os companheiros de Ulysses que ella metamorphoseou em porcos.

Circes, são as feiticeiras como era Circe.

Cisne ou Cysne, constellação boreal composta de oi-

Digitized by Google

tenta e uma estrellas. Acha-se collocada na via Lactea, entre Cepheo, a Lyra e a Raposa.

Claudinas forcas. V. Caudinas forcas, que de um modo, e outro, se póde ler este lugar, alludindo a Claudio Pencio, imperador dos Samnites, ou ao lugar chamado *Caudio*, onde foi o successo que o Poeta aponta, e atraz explicámos.

Cleoneo leão, é o que Hercules matou junto a uma aldeia chamada Cleone, entre Argos e Corintho; e é o que por outro nome se chama Nemeo.

Cleopatra, ultima rainha do Egypto, filha de Ptolemeo Auleto, e a mais celebre das princezas deste nome. Depois da batalha de Accio, suicidou-se com Marco Antonio para não servirem de ornamento ao triumpho de Octavio.

Clicie ou Clycie, nympha, a quem Apollo foi muito affeiçoado. Sendo depois abandonada por elle, vivia consumida de dôr e de zelos, pelo que, compadecidos os deoses, a transformárão em girasol.

Cloto ou Clotho, uma das tres Parcas. É a que pegava na roca, Lachesis girava o fuso, e Atropos cortava o fio com uma tesoura.

Clycie. V. Clicie.

Clymene, filha de Tethys e do Oceano, e mãi de Phaetonte, que é o Sol.

Cochim, cabeça de um reino assim chamado, a 30 leguas de Calecut, na costa do Malabar, com cujos reis tiverão sempre os Portuguezes muita amizade.

Cocles, foi Horacio Cocles, nobre romano; o qual na guerra que Porsenna, rei de Etruria teve com os Romanos, pela restituição dos Tarquinos, sosteve o impeto dos inimigos com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os Romanos tiverão tempo de derribar a ponte; e estando já seus companheiros em salvo, armado como estava, se lançou ao rio, e á nado passou sem perigo al-

Digitized by Google

gum aos seus, pelo que os Romanos lhe levantárão uma estatua.

Cocyto, rio do Inferno. Rodeia o Tartaro, e se engrossa das lagrimas dos malvados.

Codro, rei dos Athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte.

Coelho, é Nicoláo Coelho, capitão de um dos cinco navios, com que Vasco da Gama foi ao descobrimento da India.

Coimbra, cidade e districto da Beira, situada em amphitheatro sobre o Mondego. Foi côrte de reis Mouros, (a quem foi tomada em 1038 por D. Fernando Magno), e tambem de reis Portuguezes. A universidade de Coimbra foi fundada por D. Diniz, e chegou ao seu maior brilhantismo nos reinados de D. João 3º e D. José.

Colchos, região da Asia, famigerada pelo Vello de ouro, chamado commummente o Vellocino. Hoje tem o nome de Mingrelia, e está sujeita, desde 1803, ao autocrata das Russias.

Colophonia, antiga cidade da Asia menor, na Jonia, e uma das que disputavão a gloria de ter sido a patria de Homero.

Colosso, estatua de bronze de uma altura extraordinaria, dedicada ao Sol. Achava-se na ilha de Rhodes, e era tida por uma das sete maravilhas do Mundo.

Columbo, lugar pequeno, mas o principal porto da ilha de Ceylão.

Comori ou Comorim, cabo na extremidade S. da peninsula áquem do Ganges, a 40 leguas O. da ilha de Ceylão.

Conca, antigo nome de Cuença, cidade episcopal de Castella-a-Nova, em Hespanha, e perto da qual nasce o Tejo.

Conde Bolonhez, é D. Affonso 3º (o Bolonhez) 5º rei de Portugal, irmão segundo d'El-Rei D. Sancho. Depois de sujeitar o Algarve, reduzio tambem a seu dominio algumas terras de Andaluzia, que depois passárão para

Digitized by Google

o Senhorio de Castella. Morreo em Lisboa aos 16 de Fevereiro de 1279. Jaz no extincto Mosteiro de Alcobaça.

Congo, parte de uma região da Africa, no Oceano Atlantico, composta de muitos paizes independentes, e de diversos nomes, e que comprehende o estado de Congo propriamente dito.

Constantino, um foi Constantino Magno, filho de Santa Hellena, o qual fez Byzancio cabeça do Imperio, e lhe chamou Constantinopla; o outro foi, por alcunha, chamado Paleologo, o qual perdeo a cidade de Constantinopla.

Constantinopla. V. Byzancio.

Cordova, cidade d'Hespanha, antiga, grande e fortificada, capital da provincia do mesmo nome, na margem septentrional do Guadalquivir. Patria de Lucano e dos dous Senecas.

Cori, é o mesmo que Comorim.

Coriolano, varão illustre romano, a quem Cicero muitas vezes compara com Themistocles; o qual sendo em umas dissensões lançado fóra de Roma, por vingar sua injuria, lhe fez depois muita guerra.

Corrêa, é D. Payo Peres Corrêa, um dos homens mais valorosos de seu seculo. Tomou Tavíra aos Mouros, e vingou alguns Portuguezes que aquelles assassinárão atraiçoadamente, antes da expiração de uma tregua que Peres Corrêa havia concedido aos Infieis.

Corvino. Valerio Messala, Tribuno de soldados, sahindo a desafio com um Francez, teve em sua ajuda um corvo, o qual pondo-se-lhe em cima do capacete, de quando em quando, fazia d'alí suas arremettidas contra o Francez, aferrando-lhe no rosto e nos olhos, com que o Romano ficou vencedor, e d'alí por diante com o appellido de Corvino.

Coulão, cidade na provincia do Malabar, com grande commercio de pimenta, e pesca de perolas.

Digitized by Google

Coulete, outro lugar na costa do Malabar, a seis leguas de Calecut.

Cranganor, cidade e fortaleza do districto de Cochim, na costa do Malabar. Faz muito commercio de pimenta, e pertence aos Inglezes desde 1790.

Crocodilo, reptil mui voraz da ordem dos saurianos, que habita em quasi todos os rios da Africa, sobre tudo no Nilo, e que era adorado no Egypto.

Ctesiphonio, architecto que edificou o admiravel templo de Diana em Epheso, incendiado depois por Erostrato, que quiz immortalizar-se com esta façanha.

Cuama, grande rio da Africa Meridional, cuja nascente se ignora, e que atravessa de Occidente a Oriente a longa cordilheira de Lupata, chamada pelos Cafres o Espinhaço do Mundo. Este rio tambem se chama *Zambeze* ou *Empondo*.

Cunha, é o grande Nuno da Cunha, e o outro Tristão da Cunha, o qual descobrio as Ilhas que hoje se chamão de seu nome.

Cupido ou o Amor, filho de Marte e de Venus. Presidia aos prazeres. Representa-se na figura de um menino sempre nu, algumas vezes com uma venda sobre os olhos, arco e aljava cheia de settas ardentes.

Curcio, é Marco Curcio, tão affeiçoado á sua patria, que não receou perder a vida por amor d'ella.

Cutiale, nome de um dos chefes mais afamados que os Mouros tinhão então nas Indias. Commandava uma frota de cento e trinta vélas muito bem artilhadas; foi desbaratado por Lopo Vaz de Sampaio com onze sómente.

Cybele, mãi dos deoses gentilicos, e mulher de Saturno, á qual dedicavão o pinho; por quanto Atis, a quem foi muito affeiçoada, foi convertido nesta arvore.

Cyclopes, gigantes de um só olho na testa. Os mais celebres forão Brontes, Steropes, e Pyracmon, filhos de Neptuno; aos quaes fingem os Poetas obreiros de Vulcano,

Digitized by Google

e ferreiros de Jupiter seu pai, na ilha Lipára, uma das Eolidas, que estão entre a Italia e a Sicilia.

Cylleneo, é Mercurio, chamado assim de Cyllene, monte de Arcadia, onde nasceo, e era venerado.

Cyniphio ou Cynips, rio da Africa, chamado hoje o *Magro* ou *Wadi-Quaham*, desagua no Mediterraneo.

Cynosura, constellação celeste, chamada por outro nome Ursa maior.

Cyparisso, filho de Telepho, e neto de Hercules; matando por desastre um cervo, que elle criára, ficou tão sentido, que Apollo, de quem foi muito amado, compadecendo-se d'elle o converteo em cypreste.

Cypria deosa, é Venus, chamada assim da ilha de Cypro, onde era venerada.

Cypro, é a ilha de Chypre, no mar Mediterraneo. Pertenceo aos Venezianos desde 1489 até 1570, anno em que os Turcos se apoderárão d'ella.

Cyro, rei dos Persas; veja-se Araspes, para entendimento do Poeta.

Cythéra, uma das ilhas Jonias, no mar Mediterraneo, ao S. da Morea, dedicada a Venus, a quem por essa razão chamavão Cytheréa.

Cytheréa, é Venus. V. Cythera.

D

Dabul, lugar de Cambaia, que D. Francisco de Almeida, Vice-Rei da India, entrou á força de armas e o destruio sem ficar pedra sobre pedra, nem pessoa viva.

Dalmatas, povos ferozes na parte meridional da Illyria, chamada depois Dalmacia, paiz da Europa ao N. O. do Epiro.

Dama-a-forte, é Pentesilea, rainha das Amazonas, a

Digitized by Google

qual vindo socorrer os Troianos cercados pelos Gregos, foi morta por Achilles.

Damão, cidade no Guzurate, reino da India.

Damas — guerreiras, são as Amazonas, mulheres guerreiras da Scythia, que queimavão o seio direito para melhor despedirem as settas.

Damasceno, de Damasco, em cujo campo Deos Nosso Senhor creou o primeiro Homem.

Dano, é o morador de Dania, que agora chamâmos Dinamarca.

Danubio, é, depois do Volga, o maior rio da Europa, o qual atravessando de O. a L. a Suabia, a Baviera, a Austria, a Hungria, a Servia, a Bulgaria e a Moldavia, vai desaguar no mar Negro, tendo recebido, no seu curso de 745 leguas, as aguas de 120 rios navegaveis.

Daphne, nympha, filha do rio Peneo, convertida em louro para escapar ás perseguições de Apollo, de quem era muito amada.

Dardania, assim se chamou Troia, de Dardano rei d'ella.

Dario, ultimo rei dos Persas, vencido por Alexandre.

David, propheta e segundo rei dos Judeos, filho de Isaï e de Jessé, da tribu de Judá, nascido em Bethleem pelo anno 1085, antes de J. C. Dizem que foi um rei sanctissimo, cheio do Espirito Sancto; de quem disse Deos, que achára um homem conforme o seu coração : com tudo, namorado de Bethsabé, mulher de Urias seu cavalleiro, veio a commetter um adulterio, um homicidio, e uma traição; de que depois arrependido cantou o psalmo Miserere. Por filho de David, termo de fallar hebraico, entenderemos a Christo Nosso Senhor, por ser da geração de David. V. Saul.

Decânis, são os do reino do Hidalcão, no qual estão Chaul, Dabul, Goa, e outros muitos lugares, conhecidos já por fama.

Decios, Romanos fortissimos, os quaes amárão tanto

Digitized by Google

sua patria, que se sacrificárão por ella; o pai na guerra Latina, o filho na Etrusca, e o neto na guerra que Pyrrho fez pelos Tarentinos.

Dedalea faculdade, obra e artificio de Dedalo, architecto famoso.

Deli, é um reino muito grande no Oriente, hoje provincia do Imperio inglez na India.

Delio, é o Sol, chamado assim da ilha Delos, onde dizem que nasceo.

Delos, ilha no mar Egéo, ou Myrteo, onde Latona deo á luz a Apollo e a Diana, e desde então ficou firme, sendo de antes instavel, e vagante pelo mar : por outro nome se chama Ortygia.

Demodoco, musico e celebre tangedor da ilha dos Pheaces, chamada antigamente Corcyra, e hoje, Corfú.

Deosa gigantea, é a Fama, divindade poetica, mensageira de Jupiter. Os Poetas a representão de estatura agigantada, com azas e com tantos olhos, ouvidos, boccas e linguas, quantas erão as pennas que lhe cobrião o corpo.

Deosa paphia, é Venus assim chamada da cidade de Paphos, na ilha de Chypre, a qual lhe era consagrada.

Deoses, devemos entender os falsos deoses do Paganismo, muitas vezes citados pelo Poeta para ornamento do Poema, mas elle só cria no verdadeiro Deos dos Christãos, pela fé do qual combateo nas Indias e em Africa.

Diana, filha de Jupiter, e de Latona, deosa da castidade, e da caça. É a mesma que Lua no Céo, e Proserpina no Inferno, e assim a pintavão os Antigos com tres rostos.

Dina, filha de Jacob, raptada por Sichem, filho de Hemor; por cuja causa foi morto com todos os seus, e a terra destruida.

Dinis, é Dom Diniz, rei de Portugal, fundador da Ordem de Christo, e filho d'El-Rei D. Affonso o Terceiro.

Dio ou Diu, celebre cidade maritima, no reino de Cam-

Digitized by Google

baia, na ilha do mesmo nome. Esta ilha celebre pela riqueza de seu trato, lastimosa pela ruina de seus habitadores, illustre pela fama de nossas victorias, está situada em uma enseada, e ponta, que limita o reino de Cambaya, na altura de 22 gráos da banda do Norte. Foi saqueada pelos Arabes em 1670, e depois não tem prosperado.

Diogo Dias: um dos feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou á terra para vender as fazendas, aos quaes João de Barros chama Alvaro Dias, e Diogo Correia; e Góes, Diogo Dias, e Alvaro de Braga.

Diomedes, rei de Thracia, e tyranno crudelissimo, o qual sustentava os seus cavallos com a carne e o sangue dos hospedes que agasalhava.

Dione ou Dionis, mãi de Venus, e filha do Oceano e de Tethys. Algumas vezes se toma pela mesma Venus.

Dite, irmão de Jupiter, e Neptuno, deos dos Infernos, segundo os Poetas, chamado por outro nome Plutão.

Dofar, cidade insigne, na costa occidental da bahia do mesmo nome, no golfo Arabico, a qual produz o melhor incenso.

Dorcadas, antiga habitação das Gorgonas, filhas de Phorco, deos marinho. Erão tres, Medusa, Euryale e Sthenyo. Querem alguns que sejão as Ilhas de S. Thomé, e Principe, junto a Manicongo.

Doris, nympha do mar, filha do Oceano e de Tethys, e mãi de todas as nymphas marinhas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Doto; algumas edições trazem Clotho. É um erro. Clotho, como todos sabem, era uma das tres Parcas. Doto é uma nympha do mar, filha de Nereo e de Doris; posta por Virgilio no numero das Nereidas.

Douro, rio consideravel de um curso de 90 leguas; atravessa mais da metade da Hespanha, e Portugal em toda a sua largura; desagua no Oceano Atlantico um pouco abaixo do Porto.

Drago, constellação do Zodiaco para o pólo arctico.

Digitized by Google

Duarte, primeiro do nome, e undecimo rei de Portugal : foi filho d'El-Rei D. João o Primeiro.

E

Eborenses campos, os da cidade de Evora.

Egas, foi Egas Moniz, aio d'El-Rei D. Affonso Henriques, a quem elle salvou pelo tratado de Guimarães.

Egêo ou Egeon, nome de um gigante, filho de Titano e da Terra, chamado tambem Briareo, o qual vencido por Jupiter, foi preso por Neptuno nos cachopos do mar Egêo.

Egito. V. Egypto.

Egypcia linda, é Cleopatra, ultima rainha do Egypto, celeberrima pela sua belleza, mas impudica, como diz o Poeta.

Egypcia terra, é o Egypto, celebre e vasta região da Africa septentrional, limitada ao S. pela Nubia, ao N. pelo Mediterraneo, ao O. pelos desertos de Barca, Fezzan, etc., e a L. pelo mar Roxo e pelo isthmo de Suez.

Elvas, cidade na arraia de Portugal, e praça fronteira a Badajoz.

Elysios, os campos Elysios, onde os bemaventurados, depois de passar desta vida, segundo as crenças do Paganismo, ião descansar, e gozar de perpetua felicidade. Alguns os punhão na Beocia, junto da cidade de Thebas; outros, no meio dos Infernos.

Emathio, campo de Emathia, região da Macedonia, chamada por outro nome Thessalia, ou Emonia, onde Pompeo foi vencido de Julio Cesar, seu sogro.

Emodio, é o monte Imaus, hoje o Himalaya, o qual serve de limite pela parte do Norte á India.

Encélado, gigante grandissimo, filho de Titano e da

Digitized by Google

Terra: guerreando contra Jupiter, foi por elle fulminado, e enterrado debaixo do monte Etna.

Eneas, varão troiano, filho de Anchises, e da deosa Venus, bem conhecido pelos versos de Virgilio.

Eniocos ou Heniocos, povos da Sarmacia ou Russia Asiatica.

Eolo, filho de Jupiter, e de Sergesta, era rei das Ilhas Eolias, dito rei dos ventos e das tempestades.

Eoo, um dos quatro corceis do Sol. É o nome que os Poetas dão ao Oriente, e á Aurora.

Ephyre, nympha filha do Oceano, e de Tethys. Tambem se dava este nome a uma cidade da Achaia, que depois se chamou Corintho.

Epicurea seita, a de Epicuro, philosopho de Gargettos, aldeia perto de Athenas, o qual não admittia a immortalidade da alma, e considerava os prazeres, e a voluptuosidade como o supremo bem.

Erostrato, certo Ephesio, o qual por adquirir fama immortal incendiou em Epheso o templo de Diana, tido então por uma das sete maravilhas do Mundo. Este acontecimento teve lugar na mesma noite em que nasceo Alexandre Magno.

Erycina, é Venus, assim chamada de Eryx, ou Eryce, monte da Sicilia, que hoje se diz de S. Julião, onde antigamente era venerada.

Erymantho, rio da Arcadia, que nasce de um monte do mesmo nome, no qual Hercules tomou um javalí, que destruia toda a terra, e o levou vivo ao rei Euristheo, por cujo mandado foi áquella empresa, crendo que morresse nella.

Erythreas ondas, são as do mar Roxo, pelo qual o povo de Israel passou a pé enxuto, fugindo de Pharaó, que com toda a sua gente se afogou nelle.

Erythreo seio, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito mar Roxo para dentro. Os Antigos tambem davão este nome ao mar das Indias até Ceylão.

Digitized by Google

Escandinavia, peninsula septentrional da Europa, que comprehendia a Suecia, a Noruega e as ilhas da Dinamarca.

Espanha. V. Hespanha.

Esperança Boa. A meta austrina da Esperança Boa é a extremidade meridional do cabo da Boa Esperança.

Estevão, é Dom Estevão da Gama, o qual succedeo no governo da India a Dom Garcia de Noronha, e a quem succedeo Martim Affonso de Souza.

Estrabo, philosopho natural de Amasia na Cappadocia; foi geographo insigne nos tempos de Augusto.

Estyge, Estygio ou Styx : rio do Inferno, o qual elle rodeava nove vezes.

Estygio lago, o que os Poetas fingem haver no Inferno : o qual dizem ter sido tão venerado dos proprios deoses, que quando juravão por elle, não ousavão quebrar o juramento.

Ethiope, morador da Ethiopia.

Ethiopia, nome grego dos paizes, cujos habitantes erão negros, e por conseguinte da maior parte do interior da Africa. Virgilio chama Ethiopia á India. Esta região é cortada quasi ao meio pelo rio Nilo.

Ethiopica, da Ethiopia.

Etna, volcão da Sicilia, chamado tambem Mongibello.

Euphrates, rio celebre da Asia, que nasce no monte Aba na Armenia, e atravessando a Babylonia, desagua no golfo Persico. É um dos quatro rios, que segundo o Genesis, nascem no Paraiso Terreal.

Euridice ou Eurydice, mulher de Orpheo, musico e tangedor insigne que com a sua lyra attrahia a si homens, pedras, arvores e outras cousas inanimadas; e fazia que os rios se detivessem a ouvir sua musica.

Europa, uma das cinco partes do Mundo.

Eurysteo ou Eurystheo, rei da Grecia; o qual, a instancias de Juno, mandava Hercules a varias empresas,

Digitized by Google

todas muito perigosas, a fim de que em alguma perecesse.

Euxino mar, é o hoje chamado Ponto Euxino ou mar Negro, o qual foi navegado pelos Argonautas na sua fatidica náo, como diz o Poeta.

Evora, cidade archiepiscopal e districto na provincia do Alemtejo, a 20 leguas de Lisboa. Dizem ter sido fundada pelos Eborenses, antigos povos d'Hespanha, 2050 annos antes da éra christã. Foi côrte de Viriato.

F

Fado ou Destino, divindade allegorica, que fazião nascer do Cháos. Representa-se com o globo da terra debaixo dos pés, e nas mãos a urna, dentro da qual está a sorte dos homens. Os seus decretos erão irrevocaveis, e tanto o seu poder, que todos os outros deoses lhe erão subordinados.

Falerno, monte da Campania, celebre pelos seus excellentes vinhos.

Fama, divindade poetica, mensageira de Jupiter.

Fartaque, cidade importante na costa da Arabia Feliz, na qual ha um cabo do mesmo nome.

Favonio, vento brando occidental, que por outro nome se diz Zephyro.

Federico o roxo: Imperador da Allemanha, cognominado Barbiruivo, nasceo em 1121, acompanhou em 1147 á Terra-Santa, a Conrado 3º seu tio, ao qual succedeo em 1152. Em 1189 partio para uma nova cruzada contra Saladino, e morreo no anno seguinte por se ter banhado no rio Cydno. Foi um dos maiores principes que a Allemanha teve.

Fernando e Fernão, é o mesmo quanto ao nome: porém quanto ás pessoas, um delles foi El-Rei D. Fer-

Digitized by Google

nando, primeiro, e ultimo do nome em Portugal, filho d'El-Rei D. Pedro. Outro, El-Rei D. Fernando, filho d'El-Rei D. João de Aragão. Outro, Fernando Martins, a quem Góes chama Martim Affonso, e diz que era marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua arabica. E outro finalmente foi D. Fernando de Castro, irmão de D. Alvaro de Castro, Vice-Rei da India.

Ferreiro, o grão Ferreiro, é Vulcano, deos do fogo.

Flora, tida entre os Antigos por deosa das flores.

Fortuna, deosa, que preside ao bem, e ao mal. Representa-se cega, e calva, sempre em pé, com azas em ambos os pés, um posto sobre uma roda que gira velozmente, e outro no ar.

França, imperio da Europa occidental, bem conhecido.

Francisco, foi o Vice-Rei D. Francisco d'Almeida.

Frandes ou Flandres. região da Gallia Belgica, que pertence parte ao imperio Francez, parte á Belgica.

Fuas, D. Fuas Roupinho, cavalleiro portuguez esforçadissimo.

Fulvia, mulher de Marco Antonio, a qual morreo de desgostos pela paixão que Cleopatra inspirára a seu marido.

G

Gabelo, certo morador de Rages na Media, de quem indo Tobias por mandado de seu pai arrecadar um pouco de dinheiro, e não se atrevendo a ir sem companheiro, lhe appareceo o archanjo S. Raphael, e o acompanhou até o lugar onde ia.

Gaditano mar, é o Occidental, dito assim de Gades, ilha além da Betica Hispanica, perto das columnas de Hercules. Gades é tambem o nome de uma cidade fundada pelos Carthaginezes, chamada hoje Cadix.

Digitized by Google

Galatea, nympha do mar, filha de Nereo e de Doris, a qual foi muito amada do gigante Polyphemo.

Galerno, vento Nordeste, a que no Mediterraneo chamão grego ou greco, e que é brando como o Zephyro.

Gallegos, povos de Hespanha.

Gallia, é a França.

Gallo, o Francez.

Gambea, rio da Africa occidental, que alguns tem confundido com o Niger ou Joliba.

Ganges, rio celebre do Indostão, considerado como um dos quatro que nascem no Paraiso Terreal.

Gangetico, do Ganges.

Garumna, rio de França, o qual nasce no valle d'Aran em Hespanha, recebe as aguas do Dordonha, toma o nome de Gironda, e atravessando a Gasconha, vai desaguar no Oceano Atlantico, 20 leguas acima de Burdéos.

Gate ou Gates, cadeia de montanhas na Asia, na peninsula áquem do Ganges, e que, no reino de Narsinga, serve aos Malabares de muro contra os moradores de Bisnagá vizinhos.

Gedrosia, provincia do antigo imperio dos Persas, sobre as margens do mar Erythreo. Hoje se chama o Belouchistan.

Georgianos, povos da Georgia, grande região da Asia ao N. da Armenia, entre o mar Caspio e o mar Negro, e que separa a Russia da Persia. Hoje pertence á Russia.

Germanico, da Germania ou Allemanha.

Germano, quer dizer Allemão.

Gerum, pequena ilha do golfo Persico, onde está situada a cidade de Ormuz.

Gidá ou Gioddah, cidade maritima na costa oriental do mar Roxo, na provincia de Hegiaz, perto da cidade de Meca, a quem ella serve de porto.

Gigantea, de Gigante.

Gigantes, forão, segundo os Poetas, filhos de Titano, e da Terra, os quaes determinárão subir ao céo, e lançar

Digitized by Google

a Jupiter fóra d'elle. Os principaes fôrão Briareo, Encelado e Adamastor.

Gil Fernandes, por alcunha, ou sobrenome, de Elvas, foi falsamente preso por Paio Rodrigues Marinho, Alcaide-mór de Campo Maior, o qual tinha a voz de Castella; mas resgatado, encontrou-se depois com elle, entre Elvas e Campo Maior, onde Paio Rodrigues foi preso e morto.

Giraldo, foi um cavalleiro portuguez de muito esforço e destemido, pelo que era chamado, sem pavor, em tempo d'El-Rei D. Affonso Henriques, em cuja desgraça andava lançado com os Mouros; e por se reconciliar com Deos, e com El-Rei, deo traça com que Evora se tomasse aos Mouros.

Glaphyra, mulher de Archeláo, grão-preste de Bellona, na Cappadocia. Foi celebre pela sua belleza, e por seus amores com Marco Antonio, que pelos chistes e trovinhas d'ella, deixava a sua mulher Fulvia.

Gnido, ou Cnido, promontorio, e cidade da Caria, na Asia menor. Era consagrada a Venus, que alí tinha um templo sumptuoso, no qual se admirava a celebre estatua de Praxiteles.

Goa, cidade metropoli archiepiscopal da India.

Gofredo ou Gothfredo que commummente chamâmos Godofre de Bulhão, foi filho de Eustachio, e de Ida, e o primeiro monarcha christão de Jerusalém, onde foi proclamado rei em 1099, porém contentou-se com o titulo de barão. É o heroe da epopeia do Tasso.

Goliath, é o gigante Philisteo, a quem o sancto David matou com uma funda.

Gonçalo Ribeiro, chamava-se Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual com Vasco Anes, collaço da rainha Dona Maria de Castella, e Fernão Martins de Santarem, fizerão grandes cousas em França, onde passárão a ganhar fama, por sua cavallaria, como então se costumava; e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a um

Digitized by Google

Castelhano, e em umas justas reaes, que El-Rei de Castella fez á sua instancia, tiverão todos tres muitas vantagens.

Gonçalo: este foi o beato Gonçalo da Sylveira da Companhia de Jesus.

Gothica gente, são os Godos, antigos povos da Scandinavia, mas o Poeta e os Antigos chamavão assim a todos os Barbaros que invadîrão o Imperio Romano, e tambem aos Hunos vindos da Asia, e cujo chefe era Attila, cognominado o açoute de Deos.

Granada, reino de Hespanha, e uma cidade assim chamada na provincia de Andaluzia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, região de Europa, outrora celeberrima em todas as disciplinas. Ficou sujeita ao Turco depois da tomada de Constantinopla em 1483, mas, no principio do decimo nono seculo, sacudio o jugo dos seus dominadores, e hoje forma um reino independente.

Grego sabio, é Ulysses, natural da Grecia.

Guadalquivir é o Betis, rio de Hespanha, que passa por Sevilha.

Guadiana, rio de Hespanha, que nasce perto da serra de Alcarraz; e junto de um lugar que chamão Puebla de Alcaçar, se mete debaixo do sólo, e vai sahir d'ahi cinco ou seis leguas.

Guardafú ou Guardafui, o cabo a que os Antigos chamavão Aromata, forma a entrada S. do mar Roxo, na costa N. E. da Africa.

Gueos, povos sujeitos ao rei de Sião.

Guido, cognominado Lusigniano, foi o ultimo rei de Jerusalém.

Guimarães, cidade na provincia do Minho—primitiva Côrte de Portugal—districto de Braga, situada em terreno fertil e agradavel, perto de Vizella, a 3 leguas de Braga e a 60 leguas de Lisboa. Esta cidade foi fundada pelos Gallos Celtas, 1500 annos antes da éra christã.

Digitized by Google

Guzarates, são os moradores do reino de Cambaia, onde está Dio. Hoje chama-se Guzarate a uma peninsula ao N. O. do Indostão, da qual uma parte é independente, e outra pertence aos Inglezes.

H

Hammon ou Ammon, é o mesmo que Jupiter, particularmente honrado em Thebas, capital do alto Egypto.

Harpias, monstros, filhas de Neptuno e da Terra. Tinhão o rosto de mulher, o corpo de abutre, azas, garras nos pés, e nas mãos, e orelhas de urso. As principaes erão Aello, Ocypete, Celeno, e Thyella. Juno mandou estes monstros infectar com suas immundicias, e arrebatar todas as iguarias de cima da mesa de Phinéo, rei de Thracia, e marido de Cleopatra, da qual teve dous filhos. Depois de a ter repudiado, casou com outra mulher, a qual condemnou a perder a vida por haver sido accusada de trato illicito com seus filhos, a quem mandou arrancar os olhos; porém Boreas vingou a innocencia de seus netos, privando da vista a Phinéo, que obteve por unica consolação o conhecimento do futuro.

Hebrea a mãi, entende Emina mãi de Mafamede, cujo pai foi Abdelá ou Abdallah, gentio de nação.

Hector, um foi Hector de Sylveira, que desbaratou a Halixa capitão-mór da armada de Dio : e o outro, a quem o Poeta o compara, o troiano Hector, filho de Priamo rei de Troia e de Hecuba sua mulher, o qual por muitas vezes desbaratou os Gregos no cêrco de Troia.

Helicon, hoje *Zagara-Vouni,* monte da Hellade, na Phocide e na Beocia, estendia-se de Stiris a Thespias. Vião-se alí a fonte de Aganippe e a de Hippocrene, o rio Permesso, e as grutas das Libethridas, ou Musas. A estas, e a Apollo era consagrado o monte Helicon.

Digitized by Google

Heliogabalo, imperador romano, muito vicioso e afeminado.

Helle, filha de Athamante rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do odio e traições de sua madrasta Ino, e indo para passar o Ponto no carneiro de ouro que seu pai lhe dera, cahio no mar; o qual por esta occasião se ficou chamando Hellesponto.

Hellesponto, é um braço de mar que separa a Asia da Europa, chamado hoje o estreito dos Dardanellos.

Hemispherio, quer dizer meia esphera; e assim chamão os Gregos ao Mundo, como os Latinos, Orbe. Metade do Globo ou da Esphera Terrestre.

Hemo, monte de Thracia altisimo, no qual se diz estar o domicilio de Marte.

Henrique. O primeiro de que o Poeta faz menção, foi o conde Dom Henrique, pai d'El-Rei D. Affonso Henriques, primeiro de Portugal. O segundo, o infante D. Henrique, filho terceiro d'El-Rei D. João o 1º, com que se achou na tomada de Ceita, e foi o primeiro que entrou as portas d'ella, como o Poeta diz no Canto VIII. Est. 37. O terceiro, foi um cavalleiro Allemão, o qual morreo na cidade de Lisboa, quando foi tomada aos Mouros: ao longo de sua sepultura se conta que nasceo uma palmeira, com a qual, pela virtude d'este santo Varão, se obravão muitas maravilhas. E o quarto, D. Henrique de Menezes, por alcunha o roxo ou ruivo, que succedeo no governo da India a D. Vasco da Gama, e foi muito virtuoso e esforçado cavalleiro.

Hercules, filho de Jupiter, e de Alcmena, do qual se escrevem grandes feitos, e se contão principalmente doze trabalhos; dos quaes se explicão alguns, por diversos lugares d'este Indice, onde convem para intelligencia do Poema.

Herculano, de Hercules.

Hercynia montanha, dizem ser um bosque mui grande

Digitized by Google

e muito espesso, que se estendia por quasi toda a Germania ou Allemanha, desde o Rheno até a Sarmacia.

Hermo, rio da Lydia, que dividia a Eolia da Jonia, com o qual se mistura o Pactolo : ambos erão auriferos.

Heroas, e Heroes, chamavão os Antigos aos Varões illustres, e de grande valor, que por suas façanhas, e virtudes, merecêrão ser tidos por iguaes aos deoses; e d'ahi, cousa heroica.

Hespanha ou Espanha, por outro nome dita Hesperia, reino da Europa, bem conhecido.

Hesperia ; a ultima, ou menor, é o Hespanha; a primeira, ou maior, a Italia.

Hesperico, da Hesperia.

Hesperides, forão tres, Egle, Arethusa, e Hesperethusa, filhas de Hespero rei da Africa, as quaes se diz tinhão um pomar que dava fructos de ouro, era guardado por um dragão, que nunca dormia ; mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Habitavão as Hesperides em umas ilhas, que de seu nome, ou de Hespero seu pai, se chamavão Hesperides, e conforme a opinião de alguns, são as que hoje dizemos do Cabo Verde.

Hesperio ou Hespero, filho de Japeto, e irmão de Atlas. Foi convertido em estrella, e teve tres filhas que se chamavão as Hesperides.

Hidalcão, principe valerosissimo da India, no reino Decan, onde está a cidade de Goa, por elle cercada no anno de 1572 com 7000 infantes, 3500 cavallos, 200 elephantes, e 250 de peças artilheria, sem lhe aproveitar nada.

Hierosolyma, é a cidade de Jerusalém.

Hierusalém ou Jerusalém, cidade principal, não só da Judéa mas de todo o mundo christão, onde foi obrado o mysterio principal de nossa Redempção.

Hippocrene, fonte da Beocia, a pouca distancia do monte Helicon, nascida de uma patada do cavallo Pégaso. Era consagrada a Apollo e ás Musas.

Digitized by Google

Hippotades, é Eolo rei dos ventos : por ser casado com Sergesta, filha do troiano Hippotas.

Homero, poeta grego, e pai da poesia heroica : depois de morto, contendêrão sete cidades da Grecia sobre qual d'ellas era sua patria.

Horizonte, no sentido do Poeta é aquella parte do céo onde o Sol parece nascer.

Hungria, reino que hoje faz parte do Imperio Austriaco.

Hunno, o Hunno fero, foi Attila.

Hyacinthinas flores, de Hyacintho, mancebo amado de Apollo, o qual se suicidou; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteo em uma flor, com as lettras A. I. em lembrança do ai que Hyacintho deo quando cahio morto.

Hydaspe, ou Idaspe, rio da India, celebrado por sua grandeza.

Hydra, serpente da lagoa de Lerna. Tinha sete cabeças, que renascião ao passo que se lhe cortavão. Sem embargo d'isto Hercules a matou, façanha ésta que foi considerada como o mais difficil, e o mais glorioso dos seus trabalhos.

Hymeneo, filho de Baccho, e de Venus, honrado como deos das bodas entre os Pagãos, e assim se toma pelas mesmas bodas, e casamentos.

Hyperboreos montes, são uns que ficão na parte septentrional da Europa.

Hyperionio, é o mesmo Sol, do qual se finge, que depois de allumiar este hemispherio, se recolhe ao mar, e com Tethys senhora d'elle, passa a noite, descansando do trabalho do dia.

Digitized by Google

I

Ibero, é o Ebro, rio de Hespanha; e assim terras Iberinas, terras de Hespanha.

Idalio, monte, bosque, e castello na ilha de Chypre, dedicada a Venus.

Idaspe, V. Hydaspe.

Idéa selva, uma do monte Ida, junto a Troia, na qual deo Páris o juizo das tres deosas, Juno, Pallas e Venus.

Ignez, foi Dona Ignez de Castro, senhora de muito merito, cuja historia com El-Rei Dom Pedro é muito sabida.

Illyricos, da Illyria, região na costa do mar Adriatico : este reino faz hoje parte do imperio da Austria.

India, nome de duas grandes peninsulas no S. da Asia, banhadas pelos rios Indo e Ganges. A India foi descoberta e conquistada pelos Portuguezes, mas hoje grande parte d'ella pertence aos Inglezes.

Indigetes, semi-deoses de um paiz.

Indo, um dos maiores rios do Mundo, que rega a India, a quem deo seu nome.

Inglaterra, ilha no Oceano Atlantico, e hoje reino poderosissimo, cujos reis entre outros titulos tinhão o de reis de Jerusalém.

Inventor da Medicina, é Apollo.

Iopas, um grande musico da Africa, e tangedor celebre que tocava cithara, em quanto durou o banquete que Dido deo a Eneas.

Ios, ou Chios, ilha no mar Mirtoo, na qual dizem estar sepultado o poeta Homero.

Ismael, filho de Abrahão, e de Agar escrava sua, do qual os Mouros são chamados Ismaelitas.

Digitized by Google

Ismaelita, descendente de Ismael; como tal são considerados todos os Mahometanos.

Ismar, um dos cinco reis mouros, a quem El-Rei Dom Affonso Henriques venceo no campo de Ourique.

Israel, nome que o Anjo poz a Jacob.

Istro, rio grandissimo da Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.

Italia, peninsula no mar Mediterraneo, ao S. da Europa, a qual é separada da França, da Allemanha e da Suissa pelos Alpes. Região que encerra numerosas cidades celeberrimas.

Ithaco, é Ulysses, chamado assim de Ithaca, sua patria, e ilha do mar Egeo, muito montuosa, e de pouco valor.

J

Jaloro, paiz da Africa, na Nigricia, o qual se estende desde a embocadura do Senegal, indo para o Sul, até umas sete leguas do Cabo Verde; o que dá de N. a S. uma extensão de 40 leguas de costa maritima, e de L. a O. cem leguas pelo interior das terras.

Jano, rei antiquissimo da Italia, ao qual pintavão com dous rostos, para figurar o precioso dom que lhe fizera Jupiter de conhecer o passado, e o futuro.

Jaos, gente de Jaoa, provincia do Oriente.

Japão, grande paiz no extremo Oriente da Asia. É um imperio composto de muitas provincias com o titulo de reinos, sujeitas a um só rei.

Japeto, gigante, filho de Urano, e da Terra, e pai de Prometheo, do qual contão os Poetas, que fazia homens de barro, com tanto engenho, que parecião vivos; e vendo acaso Minerva a sua obra, lhe deo ajuda para subir ao Céo, donde trouxe fogo, que tirou do carro do Sol, com que deo vida aos homens, que de barro fazia; e d'aqui

Digitized by Google

vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo Sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento, o mandou amarrar no monte Caucaso com uma aguia, que de continuo lhe estivesse comendo o figado, o qual lhe renascia ao passo que se ia gastando.

Jaquete, lugar do reino de Cambaia, ao longo da costa, junto ao qual faz o mar uma enseada muito mettida pela terra dentro, na qual o mar enche e vasa com tanta pressa, que trastorna todo o navio, que não acha com a proa para a corrente da agua.

Jasque, cabo á entrada do golfo de Ormuz, distante 30 leguas d'esta cidade, e que antigamente se chamava Carpella, cujo sertão é muito esteril, e foi dito Carmania.

João, ou Joanne : um foi El-Rei Dom João o Primeiro, chamado de boa memoria, filho d'El-Rei Dom Pedro : o outro foi El-Rei Dom João o Segundo, filho d'El-Rei Dom Affonso Quinto : e o ultimo, El-Rei Dom João o Terceiro, filho d'El-Rei D. Manoel : e todos tres fôrão muito valerosos.

Jordão, rio que nasce ao pé do monte Libano, e o primeiro do Mundo pelas maravilhas que ali forão feitas, e por haver sido baptizado nelle Christo Nosso Salvador, por S. João Baptista. Por muito tempo julgou-se que a agua deste rio era incorruptivel.

Jove, é Jupiter.

Juba, rei antigo de Mauritania.

Judaico rei, entende Ezechias, o qual estando já sentenciado por Deos á morte, foi milagrosamente por suas lagrimas remediado.

Judéa, região da Syria na Asia maior, a qual é parte da Palestina, chamada na Escriptura Terra de Promissão, na qual está a cidade santa de Jerusalém ; e é toda sujeita ao Turco.

Juditha, V. Balduino.

Juliana manha, a que o conde Julião teve para perder a Hespanha, mettendo por Ceita os Mouros nella.

Digitized by Google

Julio Magno, é Julio Cesar, imperador romano.

Juno, deosa dos reinos, e das riquezas, filha de Saturno, e de Opis, irmã, e mulher de Jupiter, a qual se diz presidir tambem nos casamentos, e partos, por cuja causa a chamárão Pronuba, e Lucina.

Jupiter, filho de Opis e de Saturno, nascido de um parto com Juno, ao qual os Antigos veneravão pelo maior de todos os deoses.

L

Lacedemonios, povo famoso da Grecia, no Peloponeso; habitava Sparta e a Laconia, era de origem muito antiga, mas pouco conhecida. Illustrou-se pelo seu patriotismo, valor e amor pela liberdade. Os Lacedemonios conservárão as leis de Lycurgo perto de 700 annos, e durante todo esse tempo fôrão sempre invenciveis.

Lacia ou Latia, latina, de Lacio, região da Italia na qual está Roma.

Lactea via, ou Lacteo caminho, assim se chama aquella grande faxa de estrellas, que se vê de noite no céo, quando o tempo está sereno. Conta-se que procedem de uma gotta de leite, que Juno derramou, quando afastou de si Hercules, que Jupiter lhe chegou ao peito, a fim de lhe dar a immortalidade.

Lageia, é Cleopatra, rainha do Egypto, assim chamada de Lagus, pai do primeiro dos reis egypcios da dynastia dos Ptolemeos.

Lamo, cidade n'uma pequena ilha na costa de Melinde. Pertence aos Portuguezes.

Lampecia, irmã de Phaetonte, filha do Sol e de Neera.

Lampethusa é a mesma que Lampecia.

Landroal, pequena cidade de Portugal, no Alemtejo, a 2 leguas S. de Villa Viçosa.

Digitized by Google

Laos, povos na India-Transgangetica, formavão um imperio importante, hoje dividido entre os reinos de Birman, Annão, e Sião. Erão sujeitos ao rei de Sião.

Lappia é a Laponia, paiz da Europa septentrional. Pertence á Russia.

Lara ou Laar, cidade da Persia, outrora capital d'um reino particular, e residencia do rei, quando os Guebros, ou antigos Persas adoradores do fogo, erão senhores d'aquelle paiz. Acha-se nos confins de Ormuz.

Lares, chamados tambem Penates, deoses domesticos, filhos de Jupiter, ou de Mercurio, e de Larunda. Erão umas pequenas estatuas, que se veneravão nas casas, as quaes elles protegião. Os Antigos fallando da sua casa, dizião: os Lares.

Larissea, entende-se Coronis, nympha, filha de Phlegyas, chamada por outro nome Arsinoe, a quem matou Apollo pelo adulterio que contra elle commetteo. Foi a mãi de Esculapio, deos da medicina.

Latona, mãi de Apollo, que é o Sol, e de Diana, que é a Lua.

Leão, reino de Hespanha, sujeito outrora á corôa de Castella.

Lebre, constellação austral.

Leiria, cidade de Portugal, na Estremadura, perto do Liz. Foi tomada aos Mouros em 1145. Dista 12 leguas de Coimbra.

Leoa, serra asperissima na costa da Africa.

Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual dizem era muito gracioso e namorado.

Leonezes, moradores do reino de Leão, na Hespanha.

Leonor, foi Dona Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem El-Rei D. Fernando a tomou, e se casou com ella.

Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano,

Digitized by Google

e Marco Antonio, sendo Consules, e entre si inimigos capitaes, vierão a dividir o Imperio Romano, que juntos governárão doze annos, e fizerão uma liga, e concerto, em que cada um d'elles entregasse seus inimigos : e assim Marco Antonio entregou a Lucio Antonio seu tio paterno : Marco Lepido, a Paulo seu irmão : Cesar Octaviano a Marco Tullio Cicero, a quem sempre chamára pai, e de quem fôra sempre tratado como filho.

Lethea lei, entende-se do esquecimento ; de Lethes, rio do Inferno. As sombras erão obrigadas a beber da agua d'elle, e logo que a bebião, esquecião-se inteiramente do passado.

Leucate, promontorio no Epiro, hoje Albania, e perto de outro cabo chamado Accio, entre os quaes foi aquella memoravel batalha entre Octaviano Augusto, e Marco Antonio, na qual Marco Antonio, e Cleopatra rainha do Egypto, fôrão desbaratados.

Leucothoe, nympha, filha de Eurynomes, e de Orchamo, o qual mandou-a enterrar viva, quando se apercebeo que ella fôra gravidada por Apollo ; este, que a amava extremosamente, converteo-a depois na arvore que dá o incenso.

Levante, é o Oriente, ponto cardeal onde parece nascer o Sol.

Libitina, deosa dos sepulchros, e dos funeraes, e se toma pela mesma Morte.

Libya, é o mesmo que Africa, terceira parte do Mundo, dita assim de Libya, filha de Epapho, e mãi de Busiris.

Lipúscoa, ou Guipúzcoa, pequena provincia septentrional de Hespanha, que faz parte da Biscaya.

Lisboa, celeberrimo emporio de Portugal, e cabeça de todo elle.

Livonios, povos de Livonia, provincia da Russia Europea.

Londres, cidade antiquissima de Inglaterra, e capital d'este reino.

Digitized by Google

Lotharingia, hoje Lorena, antiga provincia de França, a qual comprehendia tambem a parte chamada Lorena allemã.

Loto, arvore, em que foi convertida uma nympha d'este nome : cujo fructo é tão saboroso, segundo os Poetas, que os que comem d'elle se esquecem de suas terras, mulheres, e filhos, como succedeo aos companheiros de Ulysses.

Lourenço : este é Dom Lourenço de Almeida, o qual defronte de Cananor, com onze vélas, em que ião sómente 800 homens, desbaratou uma armada do Samori, composta de 80 náos grossas, e 170 menores, em que havia gente sem conto.

Lourenço—São, ilha famosa no mar das Indias, na costa oriental da Africa, da qual a separa o canal de Moçambique. Chama-se por outro nome Madagascar, e é habitada por um povo composto de grande variedade de raças, Malaios, Mouros, Negros, etc. Era outrora dividida entre muitos reis, mas desde o principio do decimo nono seculo, é regida só pela dynastia de Radama. Os Francezes occupão alguns pontos do littoral.

Luis, foi nono do nome em França, e dos reis 45º, filho de Luis oitavo, canonizado por sancto, pelo papa Bonifacio VIII, no anno de 1197.

Lusiadas, os mesmos que Lusitanos, Portuguezes.

Lusitania, uma das tres partes da Hespanha, ao S. O.; separada da Betica pelo Guadiana, da Galicia pelo Douro, limitada ao N. pelo Oceano e a Galicia; ao S. pelo Tejo, que a atrevessava; a L. pelos Carpetanos, Vettones, Vaceos, etc.; ao O pelo mar Occidental ou Atlantico; tinha por habitantes os Lusitanos, que se dizião descendentes de Luso, filho de Baccho, os Celticos, os Turdetanos e os Vergones. Os habitantes da Lusitania erão uns povos barbaros, vivião de pilhagem, erão de costumes simples, muito sobrios, vestião-se quasi sempre de preto, expunhão os doentes nos caminhos para receberem os conselhos

Digitized by Google

dos viajantes sobre os meios de os curarem; erão tão valentes que só pela astucia é que os Romanos puderão subjugal-os. O territorio da antiga Lusitania é representado hoje pelo reino de Portugal, parte da Estremadura hespanhola, e do reino de Leão.

Luso ou Lyso, companheiro, ou filho de Baccho; de cujo nome Portugal se disse Lusitania.

Lycia, região da Asia menor, celebre pelo oraculo de Apollo: cujos moradores, dizem os Poetas, fôrão convertidos em rãs, por negarem agua a Latona, passando por alí, em tempo de grande calma, apertada da sêde.

Lydia, uma das mais bellas e das mais celebres partes da Asia menor, no mar Egeo, e cujos rios principaes erão o Caïstro, o Hermo, o Meandro e o Pactolo.

Lyeo, um dos nomes que os Poetas dão a Baccho, que os Antigos tinhão por inventor do vinho.

Lynces, animaes de vista muito aguda.

Lyra, constellação do hemispherio Boreal.

Lysa. V. Luso ou Lyso.

M

Macedonia, provincia da Turquia Europea, na Rumelia ou Romania, dita assim de Macedon filho de Osiris; é celebre pelos dous reis Philippe, e Alexandre. Tambem se chamou Emathia.

Macedonio, é Alexandre, rei de Macedonia.

Maçuá ou Massuah, pequena cidade maritima, em um ilheo do mar Roxo, muito perto da costa da Abyssinia.

Madagascar, é a ilha de S. Lourenço V. Lourenço (São).

Madeira, archipelago assim chamado da sua ilha principal, situada no mar Luso-Africano. Foi descoberto em 1418 por João Alves Zarco, e Tristão Vaz Teixeira.

Digitized by Google

Consta das ilhas Madeira, Porto Sancto, e Desertas. Este archipelago na sua descoberta estava deserto, hoje tem 120.000 habitantes. Pertence aos Portuguezes.

Mafoma, Mafamede, ou Mahomet, arabe, inventor da seita Mahometana. O qual, dizem os Mouros proceder de Abrahão, e de Agar sua escrava : foi filho de Abdallah gentio, e de Emina, hebrea de nação.

Mafra, villa e freguezia da Estremadura, comarca de Cintra, a 6 leguas N. O. de Lisboa; com um admiravel templo, fundado por D. João V, o qual tem 5.200 portas e janellas, uma torre com carrilhão de 48 sinos etc.

Magalhães, foi o portuguez Fernão de Magalhães; o qual aggravado d'El-Rei Dom Manoel, se passou a Castella, donde partio com cinco vélas para as ilhas de Maluco, em cuja viagem descobrio o Estreito, que de seu nome se chama de Magalhães.

Magas, mulheres que seguem, e praticão a magia.

Magos : na lingua persica, Mago é o mesmo que na grega Philosopho, e na nossa Sabio, Commummente se toma por qualquer feiticeiro, e assim Magica Sciencia é a feitiçaria.

Magriço : assim se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho, filho do Marechal Gonçalo Vasques Coutinho, e irmão de Dom Vasco Coutinho, primeiro Conde de Marialva. O qual foi um dos doze Portuguezes, que passárão a Inglaterra, em favor das doze Damas, cuja historia com tanta elegancia o Poeta conta.

Mahometa, pertencente aos Mouros ou Mahometanos.

Malabar, reino do Oriente, onde está situada a cidade de Calecut. Este paiz é o primeiro que os Europeos descobrîrão nas Indias. Vasco da Gama desembarcou em Calecut em Maio de 1498. O reino de Malabar foi subjugado em 1765 pelos Mahometanos, e em 1790 pelos Inglezes. Hoje faz parte do governo de Madrasta.

Malaca, cidade nobilissima do Oriente, capital da peninsula do mesmo nome, que tambem se chamava Cher-

Digitized by Google

soneso Aurea, pelo muito ouro que nella ha, e pela sua riqueza em toda a especie de productos naturaes.

Malaios, são os moradores e povos de Malaca.

Maldiva, uma das Maldivas, grupo de ilhotas do mar das Indias, desde o Equador até o 8° grão de lat. N., a 50 leguas do cabo Comorim. Debaixo da agua tem arvores que dão o coco que chamâmos de Maldiva.

Maluco ou Molucas, ilhas do mar das Indias, descobertas pelos Portuguezes em 1511. Hoje pertencem aos Hollandezes. Muito abundantes de noz moscada, cravo e drogas aromaticas. As principaes são Amboyne, Bachian, Banda, Ceram, Gilolo, Ternate, Tidor e Timor.

Mamelucos, especie de milicia egypcia, cujos chefes governárão o Egypto desde o 13° até o 16° seculo, e que subsistio depois até 1811.

Mandinga, provincia grandissima de Negros na Africa Occidental, e que comprehende todos os paizes situados nas margens do Niger, do Senegal e do Gambia. É muito abundante de ouro.

Manoel, foi El-Rei Dom Manoel, primeiro do nome, e 15° dos reis de Portugal, filho do Infante Dom Fernando, e em cujo felicissimo reinado se descobrio e conquistou a India.

Mantuana lyra, a de Mantua, patria do poeta Virgilio: toma-se pelo mesmo Virgilio.

Marathonios campos, estão na região Attica da Grecia, nos quaes Milciades, valerosissimo capitão dos Athenienses, desbaratou a Date, capitão de Dario, rei dos Persas.

Marcello, é Marco Marcello, capitão romano valerosissimo, o primeiro que venceo a Annibal, capitão dos Carthaginezes.

Marcio jogo, é a guerra de Marte, a quem os Antigos tinhão por deos d'ella.

Marco Antonio, triumviro, neto do orador romano do mesmo nome. Quando os triumviros dividirão entre si o

Digitized by Google

Imperio Romano, coube a Marco Antonio a Grecia e a Asia. Enamorado dos encantos de Cleopatra rainha do Egypto, abandonou, por ella, a sua mulher Octavia, irmã de seu collega. Este aproveitou a occasião para declarar-se inimigo de Marco Antonio, e na batalha que houve em Accio entre os dous rivaes, Antonio foi vencido, e obrigado a fugir com Cleopatra para Alexandria, onde se suicidou, para não cahir nas mãos de Octavio.

Marcomanos, povos guerreiros e poderosos da Germania ou Allemanha, estabelecidos entre o Rheno e o Danubio, no paiz habitado depois pelos Decumatas e Allemães; fôrão com o tempo dirigindo-se para N. O., expulsárão os Boii do paiz que estes occupavão, e estabelecêrão-se nelle.

A Moravia actual estava comprehendida no paiz habitado pelos Marcomanos, donde veio a estes o nome de Moravos.

Maria, foi a rainha Dona Maria, filha d'El-Rei Dom Affonso, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com El-Rei Dom Affonso, segundo do nome em Castella.

Mario, é Caio Mario, celebre general romano, e mui valeroso, nascido cerca de 153 annos antes de J. C. Foi por algum tempo o idolo do povo, e nomeado consul cinco annos seguidos. Foi muito cruel e deshumano. Segundo alguns historiadores, suicidou-se; outros dizem que morreo em consequencia de um excesso de bebida.

Marrocos, capital do imperio do mesmo nome, na parte mais occidental da Barbaria.

Marte, filho de Jupiter, e de Juno, a quem os Antigos tinhão por deos da guerra, e de ordinario se toma pela mesma guerra.

Martim Lopes, foi um fidalgo portuguez muito esforçado, o qual na entrada que em Portugal fez Dom Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, que por amor dos condes de Lara se havia lançado com os Mouros, e chegára a tomar Abrantes, com pouca gente o desbaratou, e prendeo.

Digitized by Google

Martinho, foi este Martim Affonso de Souza, excellentissimo capitão, e sabio governador na India, a quem succedeo Dom João de Castro, semelhante ao seu predecessor.

Martyre vicente, é S. Vicente, um dos mais illustres martyres da Fé Christã, condemnado aos mais crueis supplicios por Dacio, proconsul d'Hespanha, no anno 304 da nossa éra.

Mascarenhas : de dous faz o Poeta menção. Um foi Pedro Mascarenhas capitão de Malaca, que por segunda via succedia a Dom Henrique de Menezes no governo da India, mas por estar ausente, lhe não foi possivel. Este fidalgo foi muito valeroso, e tomou a ilha Bintão, sujeita aos reis de Malaca, sendo que havia nella 300 peças de artilheria, e outros muitos petrechos, e invenções de guerra além de uma armada do rei de Pam. O outro, Dom João de Mascarenhas capitão de Dio, no tempo de Dom João de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de 30 mil homens, e 6 mil Turcos, com menos de 600 Portuguezes, por espaço de seis mezes, até que foi soccorrido, com que depois ganhou uma grande victoria em batalha campal.

Mascate, lugar, que está, de Socotorá para Ormuz.

Massylia, é a que por outro nome chamâmos Mauritania, e commummente Barbaria. Hoje é o Dahra.

Mattheus, (Dom), Bispo de Lisboa, dando batalha a quatro reis mouros, a saber, ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz, e ao de Jaen, que vinhão a socorrer os Mouros de Alcaçar, com muito menos gente os venceo, e os quatro reis fôrão mortos, e muita da sua gente.

Mauritano, da Mauritania.

Mauritania, ou **Maurisia**, grande paiz da Africa sobre o Mediterraneo e o Oceano Atlantico, limitado ao S. pelos Getulos, e dividida em Tingitana e Cesariana. Comprehendia Argel, Tunis, o imperio de Marrocos, a Numidia etc.

Digitized by Google

Mauro, maura, pertencente a Mouro ou á Mauritania.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Mavorte, é o mesmo que Marte, deos da guerra.

Meca, cidade da Arabia, na qual ha um poço, com cuja agua dizem os Mouros se lavava Mafamede, e por isso vão tantos a ella de differentes partes em romarias, porque cuidão que este lavatorio sómente basta para sua salvação.

Mecom, Kiou-Long, ou May-Kanny, rio consideravel da Asia, que toma esses diversos nomes segundo os paizes que banha. Nasce na Tartaria independente, atravessa a provincia de Yun-Nan (China) o reino de Lao e o de Camboja, e desagua no mar da China. Interpreta-se capitão das aguas.

Medéa, maga, filha de Eta, rei de Colchos, e muito esperdiçada por Jason, por cujo amor matou a seu irmão, e fugindo de seu pai, lh'o ia lançando pelo caminho aos pedaços, porque assim tivesse tempo para fugir, em quanto seu pai se detinha em os recolher.

Medina, lugar pequeno da Arabia, no qual está o sancarrão, ou calcanhar de Mafamede.

Mediterraneo mar, é aquelle que divide a Africa da Europa.

Medusa, filha de Phorco, e de um monstro marinho; cujo rosto mudava a quem o via, em pedra, como succedeo a Atlante, rei da Africa, o qual foi convertido em um monte do mesmo nome.

Megera, filha de Acheronte, e da Noite, e uma das tres Furias que os Poetas fingem haver no Inferno.

Meliapor, ou **Meliapur**, cidade da India, na costa de Coromandel, na qual padeceo martyrio o Apostolo S. Thomé, que hoje está nella sepultado.

Melindano, habitante de Melinde.

Melinde, cidade da Africa, na costa de Zanguebar, cujo rei foi sempre grande amigo dos Portuguezos.

Digitized by Google

Melique Yaz, um Mouro, que de captivo de um mercador, veio a ser senhor de Dio, cidade rica, e bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, aio e amo d'El-Rei Dom Affonso Henriques; foi esforçadissimo cavalleiro.

Mem Rodrigo de Vasconcellos, foi fidalgo mui valeroso no tempo d'El-Rei Dom João o Primeiro.

Memnon, filho de Tithon, e da Aurora. Achilles o matou na guerra de Troia por ter vindo soccorrer Priamo; e na occasião, em que seu corpo estava sobre a fogueira, Apollo a rogos da Aurora o metamorphoseou em passaro.

Memnonio, de Memnon.

Memphis, é hoje a grande cidade do Cairo no Egypto.

Memphitico, de Memphis, ou do Egypto, onde o idolo Anubis era adorado em figura de cão.

Menão, nome que na lingua dos naturaes quer dizer Mãi das aguas. É um grande rio da peninsula oriental da India, que atravessa, em todo o seu comprimento, o reino de Sião, e desagua no golfo do mesmo nome. Como o Nilo, fertiliza com as suas periodicas cheias os paizes que banha. Seu curso é de 350 leguas.

Menezes : o primeiro foi Dom Duarte de Menezes, filho herdeiro de Dom João de Menezes, conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. João, capitão de Tangere, Mordomo-mór da casa d'El-Rei Dom Manoel, e seu Alferes-mór ; pessoa notavel em Portugal, por seu sangue, e cavallaria. O segundo foi Dom Henrique de Menezes, o roxo de alcunha, de que atraz fizemos menção. V. Henrique.

Meotis, é o mar de Azof, que recebe as aguas do Don, antigo Tanais, separa a Europa da Asia, e communica com o mar Negro pelo estreito de Caffá. Este mar interno tem 120 leguas de comprido desde a cidade de Azof até Perekop, e perto de 50 leguas de largo. Tambem foi chamado Temerinda, mar de Zabaccho, e mar de Tana, da cidade deste nome situada na Scythia da Asia, perto da

Digitized by Google

embocadura do Tanais, e que hoje se chama Azof ou Azow.

Mercurio, filho de Jupiter, e de Maia, a quem os Poetas fazem mensageiro dos deoses.

Meroe, ilha grandissima do Nilo, na qual ha uma cidade do mesmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz, e lhe poz o nome de uma sua irmã alí sepultada : hoje se chama Nobá.

Milciades, capitão famoso atheniense, o qual com muito pouco poder desbaratou junto a um lugar chamado Marathona, a Date general do rei Dario.

Mincio, rio que passa junto a Mantua, patria do illustre poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, deosa da sabedoria, e de todas as artes.

Minho, rio que nasce na Galliza, da qual divide Portugal por espaço de 10 leguas desde a confluencia do Trancoso até ao mar : o seu curso é de 50 leguas.

Minyas, povos da Thessalia, que fôrão com Jason a Colchos em conquista do Vellocino de ouro, na náo Argos, a qual, dizem os Poetas, foi a primeira que houve no Mundo.

Miralmuminim, ou Emir-al-Mumenim quer dizer na lingua arabica Chefe dos Crentes, e assim se intitulava um Abedramon, imperador dos Mouros, que dizem fundou a cidade de Marrocos para metropoli e cabeça de seu estado.

Mirhocem, foi um capitão do soldão do Egypto.

Moçambique, provincia que abrange parte da Cafraria, e fica debaixo do Tropico de Capricornio. Estende-se por espaço de 400 leguas sobre a costa oriental da Africa, desde o cabo de Santa-Maria na Bahia de Lourenço Marques até o Cabo Delgado. É tambem o nome da ilha, situada na costa e provincia d'este nome, e descoberta por Vasco da Gama a 28 de Fevereiro de 1498. É a principal escala que as náos portuguezas tem na viagem da India.

Digitized by Google

Moçandão, é um cabo da Arabia, chamado por outro nome Asaboro, á entrada do golfo Persico.

Mogor ou **Mogol**, grande imperio da Asia, outrora muito florescente, limitado ao N. pelo Imaus, longa cordilheira que a separa da Tartaria, e onde estão as nascentes do Sindo ou Indo, e as do Ganges. Foi desmembrado pelos Inglezes, a quem hoje pertence quasi todo. Seu ultimo chefe Chah-Alem foi por 12 annos prisioneiro da Companhia das Indias.

Moloso ou **Molosso**, cão de fila da Molossia, hoje Pandosia, região do Epiro.

Moluca. V. Muluca.

Mombaça, cidade do reino de Melinde, na Africa, sobre a costa de Zanguebar, em uma ilha do mesmo nome, na qual é todo o mato de laranjaes.

Monçaide, foi um Mouro natural de Tunis, o qual estava em Calecut quando Vasco da Gama ali chegou : e se fez tão familiar dos Portuguezes, com que havia communicado em Orão, que se veio com elles a Portugal, onde recebeo a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo, na qual morreo.

Mondego, rio de Portugal, que nasce na Estrella, nas visinhanças da Guarda; banha Coimbra, e depois de receber, á direita e á esquerda, varios outros rios, fórma o porto da Figueira. Curso de 30 leguas; navegavel da foz do Dão para baixo, 13 leguas.

Morpheo, fingîrão os Poetas ministro ou filho do Somno.

Moscovia, por outro nome a Russia, o mais vasto de todos os imperios conhecidos, metade na Europa, e metade na Asia, e no qual se encontra o zebelo ou zebelina, especie de marta, cuja pelle é quasi tão prezada como a do arminho.

Moura, villa de Portugal, no Alemtejo, a 30 leguas de Lisboa

Digitized by Google

Mouros, povos que habitavão o norte da Africa, e a Hespanha.

Moysés, primeiro legislador dos Hebreos, e Doutor da Lei Divina.

Muluca ou Mulucha, rio da Mauritania, no reino de Fez : nasce no monte Atlas.

Murice, certo marisco, do qual se tira a côr vermelha, que chamão purpura.

Musa antiga, são os Poetas antigos, ou a Musa da Poesia.

Musas, fôrão nove filhas de Jupiter, e Mnemosyne, as quaes se diz inventárão os versos, e por taes são invocadas dos Poetas.

Myrrha, filha de Cinyras, rei de Chypre, e mãi de Adonis, tão luxuriosa, que se deitou dolosamente com seu proprio pai, e finalmente dizem foi convertida na arvore de seu nome.

N

Nabatheos montes, ou Nabatheas serras, são umas montanhas da Arabia, que os historiadores antigos pretendem ter sido a primeira habitação dos filhos de Nabath, primogenito de Ismael, que reinou na região Nabathea, cuja metropoli é Petra.

Naiades, ou Naides, são as nymphas das fontes, e dos rios.

Naires, sobrenome dos nobres entre os Malabares, gente da India.

Napoles, chamada Parthenope, de uma Sirena deste nome, é uma das mais bellas cidades do mundo, e a mais rica de toda a Italia, capital do reino do mesmo nome ou das Duas-Sicilias.

Narsinga, reino grande e rico do Oriente, o qual por

Digitized by Google

outro nome se chama Bisnagá, da grandissima cidade Bisnagá, cabeça e metropoli do reino.

Natura, poeticamente por Natureza, nome dado pelos Philosophos Antigos á força ignota que creou e sustenta o Mundo.

Navarra, parte e reino septentrional de Hespanha.

Navarro, o de Navarra.

Nebá, ou Nobá. V. Meroe.

Nectar, dizem os Poetas, que é o beber dos deoses, como a Ambrosia, o seu comer.

Nemêo animal, é o leão que Hercules matou no bosque Nemêo, na Achaia.

Nemesis, chamada por outro nome Rhamnusia, era filha de Jupiter e da Necessidade, e deosa da vingança.

Neptuno, filho de Saturno e de Ops ou Rhea, foi tido entre os Antigos por deos do mar, e o principal de todos os deoses marinhos. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Nereidas, nymphas filhas de Nereo, e de Doris.

Nereo, deos do mar, filho do Oceano e de Tethys, o qual da deosa Doris sua mulher teve grande numero de filhas, as quaes se dizem Nereidas; figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

Nero, crudelissimo imperador dos Romanos.

Nhaia, é Pero da Nhaia, castelhano, casado em Portugal, e morador em Santarem, o qual fez a fortaleza de Sofala, e matou o rei mouro da terra, que lh'o queria impedir.

Nicoláo Sacro, pelo bemaventurado São Nicoláo, grande advogado dos navegantes.

Nicoláo Coelho, capitão de um dos quatro navios (tres de guerra, e um de mantimentos) com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.

Nilo, rio grandissimo do Egypto, o qual, segundo as mais recentes observações dos viajantes inglezes, nasce de immensos lagos situados quasi debaixo do Equador ao

Digitized by Google

N. O. de Zanzibar, entra no Mediterraneo por sete boccas sendo d'estas as mais consideraveis a de Rosetta, e a de, Damietta.

NILOTICAS ENCHENTES, as do Nilo.

NINO, filho de Belo, e primeiro rei dos Assyrios. Belo não possuio senão a Babylonia, em quanto que Nino teve toda a Assyria. Foi o marido de Semiramis, a qual, dizem foi criada pelas pombas.

NIOBE, filha de Tantalo, irmã de Pelops, e mulher de Amphion, rei de Thebas, a qual por se querer preferir a Latona, foi convertida em pedra.

NISA. V. Nysa.

NISE, nympha do mar, filha de Nereo.

NOBÁ. V. Meroe.

NOCTURNO DEOS, é Erebo que os Poetas fazem filho do Cháos e da Noite. Foi metamorphoseado em rio, e precipitado nos Infernos por ter soccorrido os Titanes. Toma-se pela parte mais tenebrosa do Inferno dos Pagãos.

Troïus Æneas, pietate insignis et armis,
Ad genitorem, imas *Erebi* descendit ad umbras.

VIRG. *Æneid.* 6. v. 404.

NOÉ, pai do Sem, Cam, e Japhet : foi o primeiro Patriarcha da segunda idade, o qual depois do diluvio ensinou o modo de plantar a vinha.

NOROEGA, reino da Europa septentrional.

NORONHA, é Dom Garcia de Noronha, vice-rei que foi da India.

NOTO, é o vento do Sul, ou Vendaval.

NUNO, é Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, e personagem mui famigerado.

NYMPHAS, deosas que os Poetas fingem; das quaes as que habitão nas aguas se chamão Naiades; as que nos montes, Oreadas; as que nas arvores e bosques, Dryades, Hamadryades e Napéas.

Digitized by Google

Nysa, cidade antiga da India, fundada por Baccho, e da qual não restão vestigios. É tambem o nome de uma antiga cidade da Arabia onde foi criado Baccho, que, por isso é ás veze appellidado Nyseo.

O

Obi, rio do Oriente, chamado por outro nome Rapto.

Obidos, villa de Portugal, na Estremadura, comarca das Caldas da Rainha, a 12 leguas N. de Lisboa.

Oceano, filho de Celo e Vesta, deos do mar, casado com Tethys, e pai de todos os rios e fontes. Os Poetas o tomão por qualquer mar.

Octaviano, nome que tomou Octavio depois de ser adoptado por Julio Cesar, a quem succedeo como Imperador de Roma.

Octavio, é o mesmo que Octaviano.

Ogygia, ilha no mar Jonio, na qual reinava Calypso.

Oja, ou Oia, cidade na costa de Melinde. Foi tomada, saqueada e destruida pelos Portuguezes em 1506.

Olympica morada, é o Céo.

Olympo, monte da Macedonia. Homero escreve que é a habitação de Jupiter, e dos deoses, e que não ha nuvens acima. É uma asserção já desacreditada, a pezar de ser este monte tão elevado que de suas alturas se vê Ecciso Verbeni, praça distante d'elle umas 24 leguas.

Omphale, rainha da Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos.

Ophir, região celebre na Sagrada Escriptura, e onde as frotas de Salomão ião buscar o ouro de que ella era abundantissima; pelo que alguns tem para si, que é a ilha Sumatra junto a Malaca, outros julgão que é o reino de Sofala na costa d'Africa.

Oriás, povos ao longo do rio Ganges.

Digitized by Google

Oriente, onde o Sol nasce, e assim se toma pela India.

Orionte, constellação, junto ao signo de Tauro : os Poetas o fazem filho de Neptuno, e de Mercurio.

Orithya, nome de uma das nymphas do mar, amada do vento Boreas.

Orixa, reino do Indostão sobre o golfo de Bengala na extremidade septentrional da costa de Coromandel, entre o reino de Bengala e o de Golconda.

Orlando, segundo a opinião de Marco Antonio Sabellico, foi verdadeiramente um d'aquelles Paladinos valerosos e esforçados nas armas, os quaes em muitas empresas tiverão singulares e gloriosas victorias.

Ormuz, cidade inclyta da Asia, outrora muito florescente, situada em uma pequena ilha, chamada Gerum, na garganta do golfo Persico. Foi tomada pelos Portuguezes em 1507, e pelo rei da Persia Schah-Abbas em 1622.

Orpheo, filho de Apollo, e da Musa Calliope, poeta eximio, e amante de Eurydice.

Othomano, entende-se Turco, de Othomão celebre imperador, e fundador do imperio dos Turcos Othomanos.

Ourique, villa e freguezia do Alemtejo, districto de Beja, situada sobre uma eminencia, que domina o Campo d'Ourique, famoso pela gloriosa victoria que D. Affonso Henriques alcançou de um poderoso exercito de Sarracenos, capitaneados por cinco reis, a 25 de Julho de 1139. Dista 24 leguas S. E. de Lisboa.

P

Pacheco, é Duarte Pacheco Pereira que venceo sete vezes o imperador do Malabar, chamado entre elles Samorim, a pezar dos numerosos exercitos que este capitaneava. Depois de muitas perseguições, veio o grande Pacheco a morrer n'um hospital.

Digitized by Google

Pactolo, rio da Lydia, cujas areias erão de ouro, dizem os Poetas, depois que Midas nelle se banhou.

Pado, rio famoso da Italia, chamado pelos Gregos Eridano, e hoje vulgarmente o Pó.

Paio, é Dom Paio Correia, portuguez de nação, Mestre de Calatrava em Castella, grande cavalleiro e perseguidor de Infieis.

Pallas, por outro nome Minerva; deosa da sabedoria, da guerra, e das artes, e filha de Jupiter, que a fez sahir de seu cerebro armada da cabeça aos pés.

Palmella, villa de Portugal, no Alemtejo, a cinco leguas de Lisboa; comarca e concelho de Setubal, situada sobre um monte d'onde se avista Lisboa e Setubal. O castello, d'onde se descobre uma deliciosa vista, foi tomado aos Mouros por D. Affonso Henriques. Esta villa era Cabeça dos cavalleiros da Ordem de Santiago.

Pam, Pan ou Pahang, reino do Oriente na peninsula de Malaca a L.

Panane, uma das principaes povoações do rei de Calecut, com um bom porto na costa de Malabar.

Panchaia, região da Arabia Feliz, a mais fertil em incenso e outras drogas aromaticas.

Pannonios, os de Pannonia, vasta região da Europa, agora dita Hungria, a qual faz parte do imperio da Austria.

Panopéa ou Panope, nympha marinha, filha de Nereo, e Doris.

Panthea, rainha formosa e casta, mulher de Abradatas, rei dos Susos. V. Araspas.

Paphia deosa, é Venus, de Paphos.

Paphos, cidade da ilha de Chypre, dedicada a Venus, donde foi chamada Paphia.

Parcas, filhas do Erebo e da Noite. Erão tres, Clotho, Lachesis, e Atropos. A vida dos homens, de que estas tres irmãs fiavão a teia, se achava entre as suas mãos. Clotho

Digitized by Google

pegava na roca, Lachesis girava o fuso, e Atropos cortava o fio com uma tesoura.

Pares, erão doze pessoas, seis ecclesiasticos, e seis seculares, que Carlos Magno, rei de França, escolheo entre os principaes do reino, para os levar comsigo á guerra; e chamou-os Pares, que foi tanto como se os chamára iguaes. Por outro nome se dizem Paladinos.

Parnaso, monte da Phocide, dedicado ás Musas; ao pé do qual está a fonte Castalia, cuja agua tinha tal virtude, que os que bebião d'ella ficavão logo Poetas.

Parseos, é o mesmo que Persas.

Parthenope. V. Napoles.

Pastor, é Viriato, nome que o Poeta faz derivar de *vir*, varão, ou *vires* força, valor. V. Viriato.

Patanes, povos da India; poderosos em gente, e terras.

Paulo : um foi o bemaventurado São Paulo, Apostolo de Christo; o qual indo preso para Roma, teve no mar uma grandissima tormenta. O outro, Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, descobridor da India.

Pedro : de muitos faz o Poeta menção. Seja o primeiro S. Pedro principe dos Apostolos. O segundo, Dom Pedro I, rei de Portugal, dito o Justiceiro, esposo de D. Ignez de Castro, e filho d'El-Rei D. Affonso o Quarto. O terceiro, o infante Dom Pedro, filho d'El-Rei Dom João o Primeiro, o qual foi duque de Coimbra, e governador de Portugal em tempo d'El-Rei Dom Affonso o Terceiro, seu sobrinho; o qual infante esteve em Allemanha, onde fez muitas cousas memoraveis. O quarto, o conde Dom Pedro, filho de Dom João Affonso de Menezes, conde de Vianna; foi o primeiro capitão e governador de Ceita, a qual defendeo de dous cercos valerosissimamente contra toda a Barbaria. O quinto, Dom Pedro de Sousa, capitão de Ormuz, muito esforçado cavalleiro. E o sexto, Pedro, ou Pero Rodriguez, chamado do Alandroal, por ser alcaide-mór d'esta villa,

Digitized by Google

cavalleiro de muito valor, no tempo d'El-Rei Dom João o Primeiro.

Pegú, antigo reino da Asia, na costa oriental do golfo de Bengala, hoje provincia do imperio de Birman, ao S. do reino d'Ava, ao O. do territorio de Sião, e ao S. E. do de Arração. Paiz fertil, pouco cultivado, muito abundante de ouro e de pedras preciosas.

Peleo, rei da Thessalia, casado com Tethys, senhora do mar.

Penates ou Lares, deoses domesticos, e particulares a cada familia, e a cada casa, e honrados pelos Pagãos com um culto muito religioso.

Peno asperrimo, é Annibal.

Pereira. V. Nuno Alvares Pereira.

Perillo, Atheniense de grande engenho, o qual, por comprazer ao tyranno Phalaris, inventou um genero de tormento para matar os homens, que foi um touro de metal, no qual mettidos os padecentes, e posto fogo debaixo, bramavão como touros. O proprio artifice foi o primeiro em quem o tyranno fez a experiencia d'este supplicio.

Perimal. V. Sarama.

Peristera, nympha da comitiva de Venus. Tendo Cupido certo dia apostado com Venus sobre qual colheria mais flores no espaço de uma hora, appareceo de repente a nympha Peristera e se juntou a Venus. Cupido perdeo a aposta, e para vingar-se metamorphoseou a nympha em pomba.

Pero, ou Pedro Rodriguez, chamado do Alandroal, Alcaide-mór d'esta villa, cavalleiro de muito valor, no tempo d'El-Rei Dom João o Primeiro.

Persa, o Persa. V. Zopyro.

Persas, são os moradores da Persia.

Persia, vasta região da Asia, ao S. do Caucaso e do mar Caspio.

Phaeton, ou Phaetonte, filho do Sol, e de Clymene,

Digitized by Google

querendo governar o carro de seu pai, abrasou o Mundo, até que Jupiter o matou com um raio.

Phaetontea morte, a de Phaeton ou Phaetonte.

Phalaris, tyranno cruel de Agrigento, na Sicilia, o qua passava o tempo a inventar generos de tormentos, com que matar os vasallos, depois de lhes tirar as fazendas.

Pharaó, rei do Egypto, o qual foi castigado de Deos, só por mandar lhe levassem a casa, Sara, mulher de Abrahão.

Phasis, rio grandissimo, que nasce no monte Caucaso, e passa por Colchos, provincia da Asia, chamada hoje Mingrelia, outrora sujeita ao Grão-Cam da Tartaria, e actualmente provincia do governo russo do Caucaso.

Pheaces, ilha a que chamâmos Corfú, e outros Corcyra, da qual era natural Demodoco, musico celebre.

Phebeo, Phebea; de Phebo.

Phebo, e Apollo, são nomes do Sol : o qual, e a Lua, dizem os Poetas, ser filhos de Jupiter, e de Latona, nascidos ambos na ilha Delos.

Phenix, ave unica, e só no Mundo, a qual dizem vive na Arabia.

Philaucia, é o amor proprio.

Philippe de Menezes—Dom—capitão de Ormuz, o qual houve grandes victorias na India.

Philippicos Campos, chamados assim da cidade Philippos, nos quaes foi aquella batalha de Cesar, e Pompeo; e a de Octaviano, e Marco Antonio, contra Bruto, Cassio, e outros conjurados.

Philippo, rei de Macedonia, pai do grande Alexandre.

Philomela, é o rouxinol, em que foi convertida uma filha de Pandion d'este nome.

Phlegon, um dos corceis do Sol.

Phocas, mammiferos amphibios, cujo corpo, na parte anterior, parece-se ao de um quadrupede, e posteriormente remata em ponta como o dos peixes.

Digitized by Google

Phormião, philosopho da seita dos Peripateticos, o qual indo um dia Annibal ouvil-o á sua escola, lhe fez uma larga oração sobre o officio de bom capitão, e outras cousas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circumstantes ficarão todos admirados, excepto Annibal, que só o teve por louco.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Pirithoo, filho de Ixião, intimo amigo de Theseo.

Plinio, dito Caio Plinio segundo, natural de Verona, viveo nos tempos de Vespasiano, cujos negocios administrava. Escreveo uma obra da natureza das cousas, e morreo n'uma erupção do Vesuvio, querendo esquadrinhar a causa do phenomeno.

Plutão, rei dos Infernos, segundo os Poetas.

Poleás, são pela maior parte escravos dos Naires na India, e tão vis entre elles, que o Naire que trata com Poleá, tem pena de morte : e o Poleá nunca póde medrar, nem ser mais, nem sahir de sua condição.

Policena. V. Polyxena.

Polidoro. V. Polydoro.

Polo de Calisto, é o Pólo Boreal, onde está a constellação da Ursa maior, em que foi metamorphoseada Calisto, filha de Lycaon, rei da Arcadia.

Polonios, os de Polonia, antigo reino da Europa, desmembrado em consequencia de guerras intestinas, e dividido definitivamente em 1795, entre a Russia, a Prussia e a Austria, ás quaes pertence actualmente.

Polos, são as extremidades do Eixo da Terra, que commummente chamâmos Norte, e Sul, e de ordinario este nome Polo se toma pelo Céo.

Polydoro, filho de Priamo, rei de Troia, ao qual matou Polymnestor, rei de Thracia, para se apoderar das suas riquezas.

Polyphemo, Cyclope, filho de Neptuno e da Terra, o qual, dizem os Poetas, tinha um só olho na testa, tão

Digitized by Google

grande como uma rodella. Este gigante era fero, e anthropophago.

Polyxena, filha de Priamo, rei de Troia. V. Pyrrho.

Pomona, deosa dos fructos, e dos jardins, amada de Vertumno.

Pompeo, chamado Magno por suas victorias, e triumphos, foi vencido de Cesar, mas só nisto seu inferior.

Pompilio, foi Numa Pompilio, rei de Roma, o qual depois de se aquietar com seus inimigos, se deo todo ao culto dos falsos deoses.

Pomponio, é Pomponio Mela, geographo romano que vivia em Hespanha nos tempos de Tiberio, e Claudio.

Pondá, fortaleza do Hidalcão, a tres leguas de Goa pelo sertão dentro.

Ponente, ponto cardeal onde o Sol se põe.

Poro, antigo rei de Guzarate, grande cavalleiro, muito esforçado, e bellicoso.

Prasso ou Praso Promontorio, é hoje o cabo Delgado, situado no decimo gráo de latitude Sul, na extremidade de Zanguebar para Moçambique.

Progne, filha de Pandion, rei de Athenas, e irmã de Philomela, a qual matou a seu filho, e o deo a comer a Tereo seu pai. Foi convertida depois em andorinha.

Prometheo. V. Japeto.

Promontorio Sacro é o Cabo S. Vicente. V. Martyre.

Proteo, monstro marinho, do qual contão os Poetas, que tinha o poder de mudar de corpo, e de tomar todas as figuras que queria. Era grande adivinhador, tinha por gado as phocas, e os peixes do mar.

Ptolemeo, astronomo insigne, natural do Egypto. V. Arsinoe.

Pyrene, filha do rei Bebryce, a qual morta pelas feras, foi sepultada nos montes, que de seu nome se chamárão Pyreneos, os quaes separão a França da Hespanha.

Pyreneo. V. Pyrene.

Pyrois, nome de um dos corceis do Sol.

Digitized by Google

Pyrrho, filho de Achilles, e de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pai, sacrificou em seu sepulcro a Polyxena, filha de Priamo, rei de Troia.

Q

Quedá, capital do reino deste nome na Peninsula além do Ganges, ao Oriente da entrada septentrional do estreito de Malaca, e cujo rei era tributario do rei de Sião.

Quilmance, cidade da Africa, no Zanguebar, na costa do reino de Melinde, á margem septentrional da foz do rio Quilmance, obra de oito milhas ao Sul occidental de Melinde.

Quiloa, cidade na costa de Melinde, toda cercada de mar, a qual tem muitos palmares, e muitas arvores, e hortaliças, como as de Hespanha.

Quinas. V. Castellos.

Quinto Fabio, cognominado Maximo, dictador romano, o qual com cautelas, e ardís, destruio a Annibal sem lhe dar batalha.

Quirino, é Romulo, fundador de Roma.

R

Regulo, foi Marco Atilio Regulo, consul romano, celebre pela sua nobre conducta na primeira guerra punica. Regulo sacrificou a vida pela sua patria, a quem já tinha prestado immensos serviços.

Repelim ou Repesin, cidade em uma ilha na costa de Malabar, a vinte milhas de Cochin.

Rhamnusia, é o mesmo que Nemesis, deosa da vingança, inimiga dos soberbos, e grande sopeadora dos presumidos.

Rheno, um dos quatro maiores rios da Europa, e o

Digitized by Google

primeiro da Allemanha; nasce na Suissa no cantão dos Grisões, e divide a França da Allemanha.

Rheno, pequeno rio que nasce dos Apenninos para Pistoia, e passa junto a Bolonha.

Rhodamonte, um famoso Paladino, no Orlando de Ariosto.

Rhodano, chamado por outro nome Rhône, rio que nasce na Suissa, perto das fontes do Rheno, e desagua no Mediterraneo.

Rhodas, ou Rhodes, ilha do mar Mediterraneo, antigamente residencia dos Cavalleiros de São João, hoje pòssuida dos Turcos.

Rhodope, monte de Thracia.

Rhutenos, são uns povos da Sarmacia, segundo o Poeta; mas os geographos davão este nome aos habitantes do territorio de Rouergue, na Gallia.

Ripheos, montes septentrionaes da Scythia.

Roçalgate, cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o reino de Ormuz. Chama-se hoje Ras-el-Had.

Rodrigo, entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Ruis Dias, que foi valeroso nas armas, e ganhou muitas terras aos Mouros, havendo muitas victorias d'elles.

Rodrigues. V. Mem Rodrigues de Vasconcellos.

Rogeiro, um dos Paladinos de que tratei na dicção Orlando.

Roma, cidade a mais celebre e nomeada de todo o Mundo, por haver n'outro tempo subjugado, e mettido debaixo de sua obediencia quasi todas as nações, e provincias, e por ser ao presente a Cidade Metropolitana de toda a Christandade.

Romanos, os de Roma.

Romulo, fundador, e primeiro rei de Roma.

Rui Pereira, cavalleiro esforçado, e leal Portuguez.

Rumes, são os Turcos, assim chamados por virem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Digitized by Google

S

Sabá, muito nomeada na Escriptura Sagrada, foi rainha de Meroe ou Sabá, e segundo outros, da Ethiopia oriental, ou do grande imperio do Preste João.

Sabeas Costas, as da Arabia, onde está a cidade Sabá: é terra abundante de incenso, e de especies odoriferas.

Salacia, é a mesma que Amphitrite, deosa do mar, mulher de Neptuno.

Saladino, soldão do Egypto, que tomou aos Christãos a santa cidade de Jerusalém, no anno de 1187.

Salamina, hoje Coluri, ilha do mar Egeo, no golfo Saronico, defronte de Athenas, onde Xerxes foi desbaratado por Themistocles : nesta terra querem os naturaes que nascesse o poeta Homero.

Samaria, cidade da Syria, entre Judéa e Galiléa.

Samatra, ilha grandissima, e muito formosa no Oriente, a qual dizem que antigamente foi uma mesma cousa com Malaca.

Samnitico Jugo. V. Caudinas forcas.

Samori, ou Samorim, nome appellativo do Senhor do reino de Calecut, o qual soa tanto como Imperador, por ser elle o maior rei de toda aquella costa.

Sampaio, foi Lopo Vaz de Sampaio, cavalleiro muito esforçado, e nono vice-rei da India, onde fez cousas maravilhosas.

Samsão, hebreo de nação, filho de Manué, da Tribu de Dan, foi milagrosamente dado por Deos a Manué, sendo esteril sua mulher, para destruição dos Philisteos inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza toda nos cabellos.

Sanagá, rio que divide a terra dos Mouros Azenegues em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos ou Jolofs. Senegal é o nome moderno d'este rio.

Sancho : o primeiro foi El-Rei D. Sancho, filho d'El-

Digitized by Google

Rei D. Affonso Henriques, muito esforçado, e valeroso; e o segundo, El-Rei D. Sancho Segundo, chamado Capello, filho d'El-Rei Dom Affonso o Segundo, remisso, e descuidado.

Santarem, villa nobre de Portugal, junto ao Tejo, quatorze leguas de Lisboa.

Santiago, Apostolo, padroeiro dos Hespanhoes.

Sara, mulher de Abrahão. V. Pharaó.

Sarama Perimal, o derradeiro rei de todo o Malabar; que ao tempo que alí chegou Vasco da Gama, haveria seiscentos annos era fallecido.

Sardanapalo, ultimo rei dos Assyrios, celebre pela sua sensualidade, e luxuria.

Sarmatas, os de Samarcia, região antiga que se compunha de quasi todo o territorio da Polonia, e Russia actual.

Sarmatico, ou Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarracenos, synonymo de Musulmanos, nos historiadores christãos da idade media. Este nome designava, primitivamente uma tribu particular da Arabia Deserta, os *Saracenos*, que erão a força principal dos exercitos arabes; os Christãos estendêrão esta denominação a todos os Musulmanos, Arabes ou Mouros, tanto aos da Palestina, como aos que invadîrão a Africa, a Sicilia, a Hespanha e o Sul da França. O poder dos Sarracenos foi derribado pelos Turcos, com os quaes não devem ser confundidos. Os Saracenos ou Sarracenos jactavão-se de ser filhos de Sara, mulher de Abrahão.

Saturno, filho de Celo, e Vesta, do qual fingem os Poetas que comia todos os filhos que tinha de Opis, sua mulher, e assim é figura do tempo que tudo gasta.

Saul, primeiro rei de Israel, em cujo tempo o Sancto David matou aquelle soberbo gigante Goliath, ou Golias

Saxones, povos de Allemanha.

Scabelicastro, nome antigo de Santarém.

Digitized by Google

Sceva : este foi Cassio Sceva, capitão valerosissimo de uma companhia de Cesar.

Scinis ou Sinnis, famoso ladrão, dos arrabaldes de Corintho. Atava aquelles que lhe cahião nas mãos, aos ramos de dous grossos pinheiros, que tinha dobrado e abaixado até o chão, os quaes endireitando-se de subito, fazião em pedaços os corpos d'estes desgraçados. Theseo lhe deo a morte por meio do mesmo supplicio.

Scipião, foi Cornelio Publio Scipião, chamado o Africano, pelas suas grandes façanhas em Africa, principalmente na destruição de Carthago.

Scylla : de duas faz o Poeta menção. Uma foi filha de Phorco, amante e amada de Glauco, a qual foi convertida em um cachopo, que está no estreito de Messina, entre a Italia e a Sicilia, por arte e industria da ciosa Circe; a outra era filha de Niso, rei dos Megarenses, a qual foi causa da morte de seu pai, por amor do rei Minos, a quem ella muito queria.

Scythas, os de Scythia, vasta região que entre os Antigos comprehendia todos os paizes do Norte. Os Scythas tiverão antigamente com os Egypcios, grandes contendas sobre a antiguidade de suas patrias, e nações.

Scythico, da Scythia.

Semele, mãi de Baccho.

Semicapro peixe, é o que vulgarmente dizemos Capricornio, Signo celeste, o qual se pinta meio peixe, meio cabra.

Semideoses, erão inferiores aos doze grandes deoses, e mesmo aos deoses menores. Erão heroes nascidos de um deos e de uma mortal, ou simples mortaes, que pelas suas façanhas ou bellas acções, merecêrão depois de sua morte ser admittidos entre os deoses.

Semiramis, rainha dos Assyrios, infame por sua luxuria, ainda que bella e valerosa.

Septentrional Meta, é o Norte.

Digitized by Google

Séquana, é o rio Sena que atravessa a grão cidade de Paris.

Serpa, villa de Portugal, no Alemtejo, comarca de Moura, situada perto do Guadiana, a 12 leguas de Evora, e a 20 de Lisboa.

Sertorio — Quinto Sertorio, general romano de origem plebeia, nasceo em Norcia, cidade do paiz dos Sabinos, pouco mais ou menos 121 annos antes da nossa éra. Este general tinha seguido o partido de Mario contra Sylla. Vencido Mario, retirou-se Sertorio para a Africa, donde os Lusitanos o chamárão para seu paiz, no qual se sustentou longo tempo, a pezar dos exercitos que Roma mandava contra elle, venceo a Metello e a Pompeo, e acabou, como Viriato, por ser assassinado. Fez grandes cousas tanto na paz como na guerra, e dotou a Lusitania com instituições analogas ás da Republica Romana. Ella tinha o seu senado, seus consules, ediles, e tribunos. As obras de Sertorio morrêrão com elle, restando só grandes recordações, e alguns monumentos, entre os quaes o mais notavel é o aqueducto de Evora.

Sevilha, cidade da Hespanha, antiga, bella, rica e populosa, capital da Andaluzia, e a segunda do reino, situada em uma bella planicie, na margem esquerda do Guadalquivir, antigo Betis.

Sião, reino consideravel na Indo-China, na peninsula além do Ganges, subjugado pelos Birmans.

Sichem, filho de Hemor, foi morto com todos os seus, e a terra destruida, por tomar Dina a Jacob seu pai.

Sicilia, ilha famosa, e assaz conhecida, que antigamente era parte do territorio da Calabria, da qual foi dividida por um terremoto, ficando no meio aquelle mar, chamado estreito de Messina. Foi mãi dos maiores tyrannos do Mundo.

Siculo Mar, o de Sicilia.

Sinai, monte altissimo da Arabia, no qual Deos Nosso Senhor deo a Lei a Moysés; e está hoje um mosteiro de

Digitized by Google

Religiosos da vocação da Virgem e Martyr Santa Catharina.

Sinon, grego, traidor, celebrado de Virgilio na destruição de Troia.

Sintra. V. Cintra.

Siqueira, foi Diogo Lopes de Siqueira, quarto vice-rei da India, o qual penetrou pelo golfo Arabico na Ethiopia, onde não se tinha podido até então chegar senão pelo Egypto. A descoberta desta nova carreira é o facto mais notavel do seu vice-reinado. Foi o successor de Lopo Soares de Albergaria na governança da India.

Sirenas ou Sereias, erão tres filhas de Acheloo, e de Calliope, monstros que todos os pintores e escultores representão como metade mulheres, e metade peixes, ou passaros. Estes monstros, segundo dizem, cantavão com tanta melodia que attrahião a si os passageiros, e depois os matavão. Ulysses livrou-se de semelhantes traições, tapando os ouvidos a seus companheiros, e mandando-se atar ao mastro da sua náo.

Smyrna, cidade da Asia-menor; a qual, segundo a mais celebrada opinião, foi patria de Homero, principe dos Poetas Epicos.

Soares, foi Lopo Soares de Alhergaria, terceiro governador da India; o qual passou ao estreito do mar Roxo com 36 vélas, em que levava tres mil Portuguezes, com que causou grande temor, e confusão aos d'aquellas partes.

Socotorá, ilha da Asia no mar das Indias, á entrada do estreito de Bab-el-Mandeb, a qual produz o páo áloe ou áloes, cujo samo se chama águila.

Sofala ou Sophira (Ophir de Salomão), reino da Africa, na costa de Moçambique, entre os rios Zambese e Sofala. Paiz muito abundante de ouro.

Soldão, titulo dos reis do Egypto, paiz sujeito hoje ao grão Turco, que tambem se chama o Sultão ou Grão-Senhor.

Digitized by Google

Sophenes ou Sophenos os de Sophene, paiz da Armenia, entre o Euphrates e o monte Tauro, habitado por gente molle, e affeminada.

Strabo. V. Estrabo.

Suanquem ou Suaquem, cidade, e porto, o melhor de todo o mar Roxo, cercado do mar á maneira de ilha; a qual não occupa mais terra que a cidade, cujas casas são ao modo de Hespanha.

Suecio, o de Suecia, reino da Europa Septentrional, e parte da peninsula Escandinavia.

Suez, lugar pequeno na costa do mar Roxo, antigamente dito Arsinoe, de uma filha ou irmã de Ptolemeo, rei do Egypto, que o fundou.

Sumano, é o mesmo que Plutão, deos do Inferno.

Sunda, ilha do Oriente, além de Sumatra, na qual ha pimenta muito boa, e um rio, cujos aguas petrificão os objectos que nelle cahem.

Syene, hoje Assuan, cidade no Alto Egypto, sobre o Nilo, quasi debaixo do tropico de Cancer, a 45 leguas de Thebas. Eratosthenes ali mandou abrir um poço para medir a altura do sol.

Sylla, nobre romano, da antiga familia dos Scipiões, mas cruel, e facinoroso : morreo coberto e comido de piolhos.

Sylveira. V. Antonio, e Hector.

Sylves, cidade do reino do Algarve, tomada aos Mouros em 1242.

Syracusa, cidade importante, capital da Sicilia.

Syrtes, a maior e a menor, são dous golfos formados pelo Mediterraneo na costa d'Africa, e cujos numerosos baixíos tornão perigosa a navegação n'aquellas paragens.

T

Tagides, as Nymphas do rio Tejo, chamado antigamente Tago.

Digitized by Google

Tanais, hoje o Don, grande rio da Russia Europea, que nasce no lago Ivan-Ozero no governo de Tula, divide a Asia da Europa, e desagua no mar de Azof.

Tangere, cidade do reino de Fez, no imperio de Marrocos, na Africa, no estreito de Gibraltar um pouco a L. do cabo Spartel. Foi tomada pelos Portuguezes em 1471, e dada em dote em 1662 á infante de Portugal que casou com Carlos II., rei de Inglaterra.

Tanor, cidade maritima da provincia do Malabar, antiga capital d'um pequeno reino, cujo soberano era alliado dos Portuguezes, com quem conservou sempre estreita amizade.

Taprobana. V. Ceilão.

Tarifa, cidade da Andaluzia, dita antigamente Tartesso ou Tarteso.

Tarpeia, uma donzella, filha do romano Tarpeo, governador da fortaleza de Roma, a qual com cobiça de umas manilhas que os Sabinos, inimigos dos Romanos, lhe havião promettido, deo ordem para entrarem no castello, e em lugar de manilhas lhe derão a morte.

Tarquino, foi Sexto Tarquino, filho de Tarquino o Soberbo, o qual por ter violentado a Lucrecia, mulher de Collatino, foi expulso de Roma, e seu pai perdeo o reino.

Tarragonez, o da Provincia Tarragonense, uma das tres em que a Hespanha foi dividida, e se chamou assim da cidade Tarragona, sua metropoli.

Tartessios, são os Andaluzes, de Tartesso, que é Tarifa, cidade da Andaluzia.

Tavai ou Tavay, cidade antigamente do reino de Sião, hoje a ultima do reino de Pegú.

Tavila ou Tavira, linda cidade do Algarve, situada na foz do rio Seca. Na igreja de S. Maria d'esta cidade estão os restos de D. Paio Peres Corrêa.

Tauro, cadeia de montanhas que occupa a parte oriental da Asia-menor, nos confins da Syria.

Digitized by Google

Tejo, rio muito celebrado dos Antigos por suas areias de ouro : nasce nas serras de Conca, cidade de Castella a Velha, e entra no Oceano, quatro leguas de Lisboa.

Temistitão, nome da cidade do Mexico, que então fazia parte da Nova Hespanha.

Tenassarí, cidade do reino de Sião, no Oriente, na qual se dá a melhor pimenta do mundo, como tambem em Quedá, cidade do mesmo reino.

Teresa ou Theresa, mulher do conde Dom Henrique, pai d'El-Rei D. Affonso Henriques, o primeiro de Portugal, a qual foi filha d'El-Rei Dom Affonso o Sexto, rei de Hespanha.

Ternate, uma das Ilhas Molucas, na costa occidental de Gilolo, na qual ha um volcão, cujas erupções são periodicas no tempo dos equinoxios. O rei de Ternate é o principe mais poderoso das Molucas.

Tethys, filha de Celo e de Vesta, irmã de Saturno, mulher de Neptuno, mãi dos Rios, e das Nymphas. Alguns poetas a confundem com Thetis, filha de Nereo. Toma-se pelo mar.

Thaumante, pai de Iris, mensageira dos deoses, e principalmente de Juno : toma-se pelo arco celeste que commummente dizemos da Velha.

Thebano, é Baccho, porque sua mãi Semele era de Thebas.

Themistocles, celebre capitão Atheniense.

Theotonio, foi Dom Theotonio, prior de Sancta-Cruz de Coimbra.

Thermodoonte, rio de Themiscyra, pequena região, vizinha da Cappadocia, junto ao qual vivião antigamente as Amazonas.

Thermopylas, passo aspero, e estreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, região da Grecia. O qual, Leonidas, rei de Sparta, com 300 Esparciatas, defendeo de um poderoso exercito de Xerxes, rei dos Persas.

Digitized by Google

Theseo, filho de Egeo, rei de Athenas, heroe clarissimo, emulo de Hercules, e grande amigo de Pirithoo.

Thesiphonio ou Ctesiphonio, famoso architecto que fez o templo de Diana em Epheso.

Thetis, filha de Nereo, mulher de Peleo, e mãi de Achilles. Toma-se pelo mar.

Thomé, S. Thomé, Apostolo de Nosso Senhor Jesu-Christo, o qual esteve e padeceo martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado.

Thraces, os de Thracia, região da Grecia, chamada hoje Romania.

Thyestes, filho de Pelops, e de Hippodamia, o qual aspirando ao reino, corrompeo a mulher do rei Atreo, seu irmão. V. Atreo.

Thyoneo, é Baccho.

Thyrso, vara ou lança enramada toda de parra, de cachos de uvas, e de hera, com uma pinha na ponta. Servia de insignia ás Bacchantes, a Baccho, e aos seus sacerdotes.

Tibre, celeberrimo rio da Italia, o qual aparta o Janiculo da cidade de Roma.

Tidore, uma das Ilhas Molucas, na India.

Tigre, rio famoso na Armenia menor, o qual entra no mar da Persia.

Timavo, rio dos Venezianos, ao qual os Antigos chamavão mar, por ter a agua salgada : entra no mar Adriatico com sete, ou nove boecas, e uma d'ellas de agua doce.

Timor, ilha da Oceania Portugueza, descoberta pelos companheiros de Fernando de Magalhães, em 1522, e situada ao S. das Molucas.

Tinge, cidade na Mauritania, edificada por Anteo, rei da ultima parte d'este paiz; hoje se diz Tanger.

Tingitana Terra, quer dizer de Barbaria.

Titam ou Titan, fingem os Poetas pai da Aurora, que é a manhã.

Digitized by Google

Tito, filho de Vespasiano, o qual tomou a Jerusalém, a assolou, e queimou, não deixando pedra sobre pedra.

Tityro, pastor celebrado de Virgilio na primeira egloga.

Tobias, filho de Tobias, judeo captivo em Ninive, depois da destruição do reino de Israel por Salmanasar. Pelo seu guiador se entende o Archanjo S. Raphael. A historia dos dous Tobias vem narrada em um dos livros do Velho Testamento.

Toledo, reino de Hespanha, chamado assim de uma cidade d'este nome, sua metropoli.

Tonante, é Jupiter.

Tormentorio Cabo, é o que commummente chamâmos da Boa Esperança.

Toro, cidade da Arabia, a desoito leguas do Monte Sinai, na qual ha muita falta de agua.

Torquato, chamava-se Tito Manlio, homem excellente, e tão observador da disciplina militar, que fez morrer um proprio filho, ainda que vencedor, por haver dado batalha sem sua ordem.

Torres-Vedras, villa de Portugal, na Estremadura, situada sobre o Sizandro.

Trajano, imperador romano, hespanhol de nação, o qual sujeitando varias nações por mar e por terra, conquistou até á India, mas não entrou nella.

Trancoso, villa famosa de Portugal, na Beira, cercada de antigos muros; com quinze torres, e castello.

Tritão, deos marinho, filho de Neptuno, e da nympha Salacia. Servia de Trombeta a Neptuno, usando para este effeito de um buzio, ou uma concha em fórma de trombeta.

Troia, cidade antigamente celebre na Phrygia, provincia da Asia-menor, junto do Hellesponto, a qual foi destruida pelos Gregos, sem ficar pedra sobre pedra.

Tropico, são os Tropicos, nome dado pelos astronomos a dois circulos menores da Esphera, parallelos ao Equador, e que passão pelos pontos solsticiaes, isto é, por

Digitized by Google

pontos distantes do Equador 23º 28′ 30″. Os tropicos servem de limite á Ecliptica. O que fica da banda do Norte chama-se Tropico de Cancer, e o da banda do Sul, Tropico de Capricornio.

Trudante, cidade populosa da Barbaria.

Turcos, os povos da Turquia.

Turquia, vasto imperio que comprehende a parte S. E. da Europa, e as provincias contiguas da Asia e da Africa, e estende-se desde o mar Adriatico ao O, até a Persia a L. A Turquia, tambem chamada Imperio Othomano, divide-se naturalmente em Turquia Europea, e Turquia Asiatica, separadas pelo mar Negro, e pelo Archipelago.

Tuscos, os mesmos que Toscanos, de Toscana, região da Italia.

Tutuão ou Tetuão, grande cidade, e porto de mar no imperio de Marrocos, sobre o Mediterraneo, a 18 leguas S. E. de Tanger.

Tuy ou Tui, cidade antiga e praça forte de Galiza na Hespanha, banhada pelo Minho, perto das *fronteiras* de Portugal.

Typheas Armas, são os raios de que Jupiter usava.

Typheo, gigante, filho de Titan e da Terra, inimigo capital de Jupiter, e dos outros deoses.

Tyria côr, é a côr de purpura, materia tintureira de um vermelho tirante a roxo, que se extrahe de uma concha do genero múrice. A purpura mais estimada era a de Tyro; tiravão-n-a do *Murex brandaris*, e era de um vermelho carregado.

Tyrinthio, é Hercules, chamado assim de Tyrinthia, cidade da Grecia, e sua patria.

Tyrios, os da cidade de Tyro, de quem se diz foi fundada a cidade de Cadiz.

Digitized by Google

U

Ulcinde, reino no Oriente, entre a Persia e Cambaia.

Ulyssea, nome poetico de Lisboa.

Ulysses, o mais astuto e sabio de todos os Gregos que forão ao cêrco de Troia : foi filho de Laertes, rei da ilha Ithaca. Alguns lhe attribuem a fundação da cidade de Lisboa.

Ulysseos Muros, os de Lisboa.

Ungaro, ou Hungaro, o de Hungria, donde, segundo alguns dizem, era o conde D. Henrique pai d'El-Rei D. Affonso Henriques, primeiro de Portugal.

Ursas, nome de duas constellações do hemispherio boreal, a que chamâmos guardas do Norte.

V

Vandalia, é a Andaluzia, chamada assim dos Vandalos, povos da Germania, ao longo do mar Baltico, que se ligárão, atravessárão as Gallias, derrotárão os Romanos em Hespanha, e ali fundárão o reino de Vandalicia.

Vandalos, os de Vandalia.

Vasco da gama, conde de Vidigueira, celebre almirante portuguez, que commandava a frota que dobrou, pela primeira vez, o cabo da Boa-Esperança, e abrio o caminho para a India.

Vasco da Gama nasceo pelo anno de 1469 em Sines, villa maritima da provincia do Alemtejo, a 20 leguas S. de Lisboa.

Nenhum dos historiadores portuguezes do grande seculo das descobertas, falla do anno em que nasceo o Gama. Não se acha esta data nem em *Garcia* de *Resende* (Chron. de D. João II) nem nas *Decadas* de *Barros* : tam-

Digitized by Google

bem não vem mencionada em *Castanheda* (Hist. da India) *Goes* (Chron. de D. Manoel), Faria e Souza (Asia Portugueza) *Andrade* (Chron. de D. João III). Estes autores nada dizem tão pouco das particularidades da carreira anterior do Gama, cujo nascimento fixâmos nos fin anno de 1469, por acharmos, na excellente obra de *Carvalho* sobre a Chorographia portugueza, um lugar que diz « Vasco da Gama mereceo ser nomeado na idade de 28 annos para a empresa mais ousada, e sem exemplo até então. »

A pezar dos seus serviços, e da gloria que d'elles resultou para Portugal, foi Vasco da Gama deixado inactivo durante 21 annos, e nao tomou parte em nenhuma outra expedição durante o reinado de D. Manoel. Morto este rei, D. João III chamou ao Gama do seu retiro de Vidigueira e o nomeou Vice-Rei da India em 1524.

Chegado á India, não governou o novo Vice-Rei estes vastos estados senão tres mezes e vinte dias, e morreo em Cochin a 25 de Dezembro de 1524.

Em 1538, foi seu corpo transportado para Portugal, onde El-Rei o mandou receber com as maiores *honras*. Jazem os seus restos na igreja do Convento dos Carmelitas de Vidigueira, villa do Alemtejo, a 7 leguas d'Evora, e a 20 leguas de Lisboa.

Vasconcellos. V. Mem Rodrigues.

Vasques. V. Antão Vasques de Almada.

Venereo, pertencente a Venus.

Veneza, cidade formosa, e rica, outrora de grandissimo trato e commercio, na extremidade septentrional do mar Adriatico; está edificada sobre 138 ilheos, os quaes elevão-se tão pouco acima do nivel do mar que a cidade parece surdir mesmo do seio das aguas. Estes ilheos atravesados por um grande numero de pontes, formão para cima de 400 canaes sobre os quaes se achão mais de 9000 gondolas ou botes, que servem ali como as carruagens nas outras cidades.

Venus, por outro nome Cypris, filha do Céo.

Digitized by Google

Terra, ou segundo alguns, do Mar. Era tida entre os Antigos por deosa da formosura, e dos amores lascivos.

Vespero, ou Hespero, é o planeta Venus, que nas partes occidentaes, em se pondo o sol, apparece primeiro que todas as estrellas e planetas, e antes que o sol saia, se vê tambem no Céo depois de escondidas as outras estrellas.

Vesta, filha de Saturno, e de Opis, mãi de Tethys, senhora do mar.

Vicente — São — V. Martyre.

Vicente. Cabo S. Vicente é o *Sacrum Promontorium* dos Antigos, cabo que forma a ponta S. O. de Portugal, e da Europa inteira, na provincia do Algarve. Dizem alguns autores que é a ponta mais occidental de Portugal, e de todo o Continente Europeo. Esta asserção é erronea, por quanto o cabo da Rocca perto de Lisboa é ainda mais occidental, e o de Finisterre é realmente o mais occidental de todos os cabos do continente da Europa.

Viriato, portuguez valerosissimo, o qual de pastor, e depois de salteador, veio a levantar-se com toda a Lusitania, por cuja defensão deo assaz que fazer aos Romanos, por espaço de 14 annos.

Vulcano, filho de Jupiter, e Juno, venerado entre os Antigos por deos do fogo, e se toma pelo mesmo fogo; os Poetas dizem que elle fazia os raios a Jupiter seu pai. Foi casado com Venus, e fez tambem as armas a Enéas seu enteado.

X

Xeque, quer dizer governador na lingua arabica.

Xeres, cidade de Hespanha, chamada outrora *Asta Regia*.

Xerxes, filho de Dario, o mais poderoso rei dos Persas.

Digitized by Google

Z

Zaire, grande rio da Africa, entre o reino de Congo e o de Loango. Nasce no reino de Macoco, e desagua no Oceano Atlantico.

Zebellinos, animaes, são os que commummente se chamão arminhos.

Zeila, cidade maritima no golfo d'Aden, capital do reino de Adel em Africa, na costa meridional do estreito de Bab-el-Mandeb.

Zelanda, terra do Norte.

Zéphyro, vento que corre no verão, e por outro nome chamâmos Favonio, e viração. Os Poetas o fazem casado com Flora, deosa das flores.

Zona, nome que se dá ao espaço da superficie da terra, comprehendido entre dous circulos parallelos. A superficie da terra, foi dividida em cinco zonas principaes.

Zopyro, satrapa persa, filho de Magabyze, celebre pela sua dedicação ao seu principe. Para facilitar a Darió I a tomada de Babylonia, cortou o nariz e as orelhas, e assim obteve o entrar na cidade, queixando-se da crueldade do seu rei que, dizia elle, o havia tratado tão cruel e ignominiosamente. Tendo por este modo adquirido a confiança dos sitiados, derão-lhe estes o governo de sua cidade, cujas portas abrio Zopyro a Dario, seu rei.

FIM DO INDICE

FOISSY. — TYPOGRAPHIA DE A. BOURET

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.
This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed. Renewals only: Tel. No. 642-3405
Renewals may be made 4 days prior to date due.
Renewed books are subject to immediate recall.

OCT 26 1972 65
REC'D LD OCT 2 1 PM 5 0
APR 9 1977
IN STACKS
MAR 20 1977
REC. CIR. MAR 21 '77

LD21A—40m-8,'72
(Q1173s10)476—A-32
General Library
University of California
Berkeley
Digitized by Google

RETURN TO → CIRCULATION DEPARTMENT
202 Main Library

3087

LOAN PERIOD 1	2	3
HOME USE		

Digitized by Google

U.C. BERKELEY LIBRARIES

C006816134

Digitized by Google

RETURN TO → CIRCULATION DEPARTMENT
202 Main Library

LOAN PERIOD 1	2	3
HOME USE		

3087

Digitized by Google

U.C. BERKELEY LIBRARIES

C006816134

Digitized by Google